



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES**

MARIA DO ROSÁRIO PEREIRA DE SOUSA

**A ARTE NO ENFRENTAMENTO DO LUTO NA VIDA E OBRA DE VIKTOR
FRANKL: UM RECURSO TERAPÊUTICO**

**João Pessoa
2025**

MARIA DO ROSÁRIO PEREIRA DE SOUSA

**A ARTE NO ENFRENTAMENTO DO LUTO NA VIDA E OBRA DE VIKTOR
FRANKL: UM RECURSO TERAPÊUTICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, da Universidade Federal da Paraíba, como parte dos requisitos obrigatórios para obtenção do título de Mestre em Ciências das Religiões.

Linha de pesquisa: Espiritualidade e Saúde

Orientador: Prof. Thiago Antonio Avellar de Aquino.

**João Pessoa
2025**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S725a Sousa, Maria do Rosário Pereira de.

A arte no enfrentamento do luto na vida e obra de
Viktor Frankl : um recurso terapêutico / Maria do
Rosário Pereira de Sousa. - João Pessoa, 2025.
107 f. : il.

Orientação: Thiago Antonio Avellar Aquino.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE.

1. Arte - Viktor Frankl. 2. Enfretamento do luto. 3.
Recurso terapêutico. 4. Sentido da vida. I. Aquino,
Thiago Antonio Avellar. II. Título.

UFPB/BC

CDU 7.01(043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

A ARTE NO ENFRENTAMENTO DO LUTO NA VIDA E OBRA DE VIKTOR FRANKL: UM
RECURSO TERAPÊUTICO

MARIA DO ROSÁRIO PEREIRA DE SOUSA

Dissertação apresentada à banca examinadora formada pelos seguintes especialistas.

Documento assinado digitalmente
 THIAGO ANTONIO AVELLAR DE AQUINO
Data: 14/02/2025 12:11:51-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Thiago Antonio Avellar de Aquino
(orientador/PPGCR/UFPB)

Documento assinado digitalmente
 JOSILENE SILVA DA CRUZ
Data: 14/02/2025 17:24:31-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Josilene Silva da Cruz
(membro-externo/UERN)

Documento assinado digitalmente
 SARAH XAVIER VASCONCELOS DE FIALHO RODRIGUES
Data: 14/02/2025 12:17:50-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Sarah Xavier Vasconcelos De Fialho Rodrigues
(membro-externo/UNICAP)

Aprovada em 14 de fevereiro de 2025.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, autor da minha história. Aquele que me sustentou ao longo de toda a minha vida e é o grande sentido da minha existência.

Agradeço aos meus pais, Isaac Pereira de Sousa (*In memoriam*) e Livaldina Pereira de Sousa (*In memoriam*). Foram eles que inspiraram os mais altos valores que carrego na alma. Amo e sempre amarei vocês!

Aos meus familiares e amigos tão importantes nessa trajetória de minha vida, em especial, Lorraine Dobrovosk, Izabel Cavalcanti e Fátima Almeida.

Ao Prof. Dr. Thiago Antonio Avellar de Aquino, por ter acreditado em mim e me aceitado como orientanda. Sua percepção da arte em minha vida e do meu próprio processo de enfrentamento do luto são sinais de sua alma atenta e sensível.

Aos professores, que me ensinaram a ver mais longe e ampliaram meus conhecimentos.

À UFPB, por ter me acolhido e dado oportunidade de tornar essa realização da minha vida possível.

Ao próprio Viktor Frankl pela coragem de viver, expor-se e gastar-se pelo ideal de ajudar outras pessoas a encontrarem o sentido de suas vidas. Eu sou uma delas.

RESUMO

As pesquisas no campo das Ciências das Religiões, precisamente na linha de pesquisa de espiritualidade e saúde, têm alcançado maior destaque nos estudos acadêmicos. Essa é a linha na qual essa dissertação também se insere. Ela é fundamental, especialmente, diante do impacto devastador da pandemia de Covid-19, que resultou em quase 15 milhões de mortes, segundo a OMS (2022), e gerou uma sociedade global enlutada. Além disso, milhões de pessoas sofrem com transtornos psicológicos devido ao longo período de pandemia (2020-2022), que afetou áreas essenciais como saúde, educação e economia. Embora o luto causado pela Covid-19 não seja o foco do estudo, ele serve como pano de fundo para a análise de como o luto, em geral, é uma experiência humana comum e importante para o desenvolvimento emocional e psicológico. Sendo assim, o estudo propõe investigar como a arte pode atuar como recurso terapêutico para o enfrentamento do luto, tomando como base a experiência de Viktor Frankl, psiquiatra e sobrevivente do Holocausto. Frankl, embora não se considerasse artista, teve experiências com a arte, como produção literária, teatro e desenho, que foram significativas em seu processo de enfrentamento do luto pela perda de familiares durante a Segunda Guerra Mundial. A arte, para Frankl, se manifesta como uma forma de ressignificação do sofrimento, sendo capaz de ajudar o indivíduo a encontrar sentido até em situações inevitáveis, como o luto. Portanto, a pesquisa busca analisar a aplicação terapêutica da arte à luz da Logoterapia de Frankl, considerando as categorias valorativas: criativas, vivenciais e atitudinais. Frankl acreditava que, ao enfrentar situações incontroláveis como a morte, o ser humano pode encontrar dignidade ao encontrar um novo significado ao sofrimento. A pesquisa também visa desenvolver um itinerário experiencial para ajudar pessoas em processo de luto, utilizando a arte como meio de integração emocional. A metodologia adotada é qualitativa e interpretativa, com base nas obras de Frankl e de outros teóricos, para entender como a arte pode auxiliar no enfrentamento do luto e no fortalecimento emocional, especialmente através da experiência de Frankl com a arte durante e pós-soltura dos campos de concentração.

Palavras-chave: Arte. Luto. Viktor Frankl. Sentido da vida

ABSTRACT

Research in the field of Religious Sciences, specifically in the area of spirituality and health, has gained greater prominence in academic studies. This is the line of research in which this dissertation also fits. It is essential, especially in view of the devastating impact of the Covid-19 pandemic, which resulted in almost 15 million deaths, according to the WHO (2022), and created a global society in mourning. In addition, millions of people suffered from psychological disorders due to the long period of the pandemic (2020-2022), which affected essential areas such as health, education, and the economy. Although the grief caused by Covid-19 is not the focus of the study, it serves as a backdrop for the analysis of how grief, in general, is a common human experience and important for emotional and psychological development. The study proposes to investigate how art can act as a therapeutic resource for overcoming grief, based on the experience of Viktor Frankl, psychiatrist and Holocaust survivor. Although Frankl did not consider himself an artist, he had experiences with art, such as literary production, theater and drawing, which were significant in his process of coping with the grief of the loss of family members during the Second World War. For Frankl, art manifests itself as a way of resignifying suffering, being able to help the individual find meaning even in situations of inevitable suffering, such as mourning. The research aims to analyze the therapeutic application of art in light of Frankl's Logotherapy, considering the following value categories: creative, experiential and attitudinal. Frankl believed that, when facing uncontrollable situations such as death, human beings can find dignity by attributing new meaning to suffering. The research also aims to develop an experiential itinerary to help people in the process of mourning, using art as a means of emotional healing. The methodology adopted is qualitative and interpretative, based on the works of Frankl and other theorists, to understand how art can help in overcoming mourning and in emotional strengthening, especially through Frankl's experience with art during and after his release from concentration camps.

Keywords: Art. Mourning. Viktor Frankl. Meaning of life

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Poema composto por Viktor Frankl 1	61
Quadro 2 - Autocaricatura do Viktor Frankl 1	62
Quadro 3 - Autocaricatura do Viktor Frankl 2	63
Quadro 4 - Autocaricatura do Viktor Frankl 3	63
Quadro 5 – Bei mir bist du schön – Canção de Andrews Sisters	65
Quadro 6 – Letra do Tango composto por Viktor Frankl	68
Quadro 7 – Poema composto por Viktor Frankl 2	69
Quadro 8 – Desnecessário	96
Quadro 9 – O dia temido	97
Quadro 10 – As rosas também secam	97
Quadro 11 – O nascer que vem do luto	98
Quadro 12 – Travessia	99
Quadro 13 – O tempo não separa	100
Quadro 14 – Eterno por vir	101
Quadro 15 – O amor mora em mim	102
Quadro 16 – O melhor de mim	102
Quadro 17 – Que escolhes	103

LISTA DE SIGLAS

CIC – Catecismo da Igreja Católica

EEMAN – Escola Estadual de Música Antenor Navarro – João Pessoa - PB

MEC – Ministério da Educação e Cultura

OMS – Organização Mundial de Saúde

USP – Universidade de São Paulo

UTI – Unidade de Terapia Intensiva

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
1. INTRODUÇÃO.....	14
2. ESPIRITUALIDADE, ARTE E LUTO: UMA PERSPECTIVA DE PESQUISA.....	19
2.1.Ciências das Religiões, espiritualidade e saúde.....	19
2.2.Educação para a morte.....	22
2.2.1 Luto e suas etapas.....	25
2.3.A arte como recurso terapêutico.....	27
3. O LUTO E A ARTE NA LOGOTERAPIA DE VIKTOR FRANKL...	30
3.1 Fundamentos antropológicos da Logoterapia.....	30
3.2 A morte e o luto na Logoterapia.....	35
3.3 A Arte na Logoterapia.....	42
3.4 A relação entre luto e arte na Logoterapia.....	46
4. O LUTO E A ARTE NA VIDA DE VIKTOR FRANKL.....	47
4.1 Viktor Frankl e sua trajetória pessoal.....	47
4.2 As experiências com a morte e o luto na trajetória de Viktor Frankl.....	52
4.2.1. O luto de Viktor Frankl.....	56
4.2.1.1 A <i>anamnese</i>	57
4.2.1.2 A <i>Catarse</i>	59
4.2.1.3 A resignificação.....	58
4.3 A arte na vida e no processo de luto de Viktor Frankl.....	61
4.3.1 A arte nos primórdios da vida de Frankl.....	61
4.3.2 A arte nos campos de concentração onde de Frankl viveu.....	64
4.3.3 A arte no luto de Frankl.....	67
5. ARTE E LUTO: UM CAMINHO DE ENFRENTAMENTO.....	83
5.1 Descrevendo etapas do luto a partir da experiência de Viktor Frankl.....	83
5.2 A arte como caminho terapêutico nas etapas do luto a partir da experiência de Viktor Frankl.....	88
5.2.1 A arte na fase de enfrentamento do luto.....	92
5.3 Elementos da relação entre arte e luto na Logoterapia a partir da vida e da obra de Viktor Frankl.....	94
5.4 Uma experiência pessoal de enfrentamento do luto através da arte	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS.....	106

*“O mundo poderia ser tão belo”
(Viktor Frankl)*

APRESENTAÇÃO

A experiência com a espiritualidade se deu em minha vida a partir da minha relação familiar. Nascida em berço religioso, desde muito cedo, iniciei o estudo sobre teologia, o que se formalizou em 2020. Antes, porém, já possuía certa bagagem de produção e ensino nas diversas realidades religiosas das quais participava. Tive, também, a oportunidade de fazer formação em filosofia pelo Seminário Arquidiocesano da Paraíba e especialização em formação vocacional pela Pontifícia Universidade Salesiana em Roma.

Foi nesse contexto religioso que emergiu a descoberta da arte em minha vida, especialmente a música. Ainda adolescente, tive a oportunidade de iniciar formação no conservatório de piano pela EEMAN (Escola Estadual de Música Antenor Navarro – João Pessoa - PB), além da aprendizagem de outros instrumentos, composição e canto. Ao longo desse caminho, pude reunir duas áreas que, de certo modo, constituem as vertentes presentes nessa pesquisa de mestrado: a espiritualidade e a arte.

Além disso, no desenvolvimento do meu trabalho teológico, especialmente na formação de lideranças religiosas, deparei-me com limites e forças, sobretudo, com a necessidade de formação humana e emocional. Nesse contexto, descobri a Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl, o que me ajudou a perceber a importância de aprofundar o estudo sobre a saúde emocional nos ambientes religiosos.

Nesse momento, então, encontrei-me com o estudo acadêmico do fenômeno religioso através das Ciências das Religiões. A pesquisa científica abriu-me um leque de possibilidades, de interação com outras experiências religiosas e de aprofundamento no estudo formal da espiritualidade em geral, de modo especial, na linha de pesquisa “espiritualidade e saúde”.

Desse modo, a escolha de realizar uma pesquisa nessa linha se deu como uma forma de síntese de todo o caminho até aqui percorrido. Mas, um fato determinante que me fez refletir como a espiritualidade e a saúde se manifesta naqueles que vivem uma experiência criativa na arte foi a experiência pessoal de luto diante dos desafios gerados pela pandemia de Covid-19, na qual experimentei a perda de três entes queridos de minha família, entre eles, minha mãe, no ano de 2021. Posteriormente, meu pai que já se encontrava em cuidados paliativos devido ao Mal de Parkinson, ao contrair a Covid-19 teve complicações e, devido às comorbidades que já possuía, veio a falecer em 2022.

Sentir pessoalmente a realidade de uma sociedade enlutada me fez desejar unir

todo conhecimento e experiência adquiridos até aqui, direcionando-os numa pesquisa que tem como objetivo perceber o quanto a Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl, que considera a dimensão espiritual do ser humano como “uma qualidade ontológica do ser” (Aquino, 2021) e que aponta um caminho de saúde emocional a partir da descoberta do sentido da vida, pode ser luz neste momento de reerguimento e enfrentamento do luto que se manifesta de diversas formas na atualidade.

Sendo assim, integro nessa pesquisa à base religiosa que a espiritualidade traz para a saúde holística da pessoa, através do recurso terapêutico da arte que é expressão criativa da vida espiritual numa pessoa em enfrentamento do luto. Desejo verificar esse caminho terapêutico primeiramente na vida e na obra de Viktor Frankl e na minha própria experiência com a produção artística vivida em contato com a obra frankliana.

1 INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19 causou a morte de quase 15 milhões de pessoas em todo o mundo, estima a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2022). Há mais do triplo desse número de pessoas enlutadas em todo mundo, além daquelas que vivem transtornos psicológicos decorrentes de todo processo ao longo de quase três anos de pandemia (2020-2022). Os danos repercutem, também, em várias áreas sociais, principalmente, na saúde, na educação e na economia.

Apesar do luto na Covid-19 não ser parte específica do presente estudo, ela não deixa de ser um fato marcante que permeia a realidade de muitas pessoas: vivemos numa sociedade enlutada. Mas o luto vai além da experiência da morte física. Ele manifesta-se em diversas fases da vida como parte do processo de evolução da própria personalidade. Analisar um caminho terapêutico para a vivência adequada do luto é sempre oportuno para o desenvolvimento humano e para a saúde física, emocional e espiritual de uma pessoa.

Nesse sentido, esse estudo deseja apresentar um recurso terapêutico para o enfrentamento do luto através da arte. Para isso, queremos partir da experiência concreta de quem o viveu de diversas formas e com uma imensa profundidade. Trata-se de Viktor Emil Frankl (1905-1997), o prisioneiro nº 119 104, que passou três anos em campos de concentração nazistas, na época da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Um médico psiquiatra, sobrevivente aos terrores do Holocausto e fundador da Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, a Logoterapia e Análise Existencial.

Apesar de não se autodefinir como artista, Frankl teve algumas experiências com a arte: a produção literária e poética, algumas experiências teatrais amadoras, composição da letra de um tango, a escrita de uma peça de teatro e o desenho de algumas caricaturas, inclusive de si próprio. Durante esse estudo veremos como essas experiências foram terapêuticas em seu processo de enfrentamento do luto de seus entes queridos no período nazista: esposa, filho (a esposa estava grávida e, diante da impossibilidade de judeus terem filhos, o casal escolheu o aborto), pai, mãe e irmão. A única sobrevivente foi sua irmã que se refugiou na Austrália em 1939 (Fizzotti *apud*: Frankl, 2008, p. 17).

Talvez, exatamente por tratar-se de uma pessoa sem extraordinários talentos artísticos é que podemos ver que a arte está presente em todo espírito humano como

essência criativa capaz de fazer emergir um potencial saudável naquele que experimenta o sofrimento humano.

O luto é um desses sofrimentos humanos, um estado emocional de angústia no qual é preciso encontrar sentido para seguir em frente. Mas, para Frankl, exatamente num sofrimento inevitável, como é o luto, o ser humano pode demonstrar o máximo de sua dignidade humana.

Não devemos esquecer nunca que também podemos encontrar sentido na vida quando nos confrontamos com uma situação sem esperança, quando enfrentamos uma fatalidade que não pode ser mudada. Porque o que importa, então, é dar testemunho do potencial especificamente humano no que ele tem de mais elevado, e que consiste em transformar uma tragédia pessoal num triunfo, em converter nosso sofrimento numa conquista humana. Quando já não somos capazes de mudar uma situação - podemos pensar numa doença incurável, como um câncer que não se pode mais operar - somos desafiados a mudar a nós próprios (Frankl, 2022, p. 137).

A pergunta que se impõe a partir dessas reflexões preliminares é: a arte, segundo a vida e a obra de Viktor Frankl, contribui para o enfrentamento do luto? Nossa intuição é que a arte é, de fato, um recurso, especialmente em prol da saúde emocional no enfrentamento do luto, já que, segundo Aquino (2021), a arte permeia todas as possibilidades de encontro com o sentido da vida na teoria frankliana que são os valores: criativos, vivenciais e atitudinais diante do sofrimento inevitável.

A Arte, na perspectiva de Frankl (1978), encontra-se em duas categorias valorativas: nos valores criativos, quando se cria uma obra artística; e nos valores vivenciais, quando se contempla o fenômeno da arte. Além disso, considera-se que, quando o ser humano expressa o seu sofrimento inevitável por meio de uma obra criativa, pode-se concebê-la em uma terceira categoria: os valores atitudinais. De forma geral, o espiritual na arte pode ser compreendido como a adesão aos valores transcendentais (Aquino, 2021).

Diante desse questionamento apontado anteriormente, definimos que o objeto de estudo dessa pesquisa é a vivência e a perspectiva de Viktor Frankl sobre a arte como recurso terapêutico no enfrentamento do luto.

Portanto, o objetivo geral dessa pesquisa é analisar a arte na vida e na obra de Viktor Frankl, como possibilidade terapêutica para pessoas que vivem o luto, com o intuito de desenvolver um itinerário experiencial no enfrentamento do luto que se manifesta em diversas formas na atualidade.

Além disso, é necessário atingir alguns escopos específicos:

1. Descrever um panorama geral sobre a espiritualidade, do luto e da arte no contexto do estudo das Ciências das Religiões;
2. Apresentar o sentido da espiritualidade, do luto e da arte à luz da Terceira Escola Vienense de Psicoterapia;
3. Identificar as experiências pessoais e as reflexões de Viktor Frankl sobre o luto e a arte em sua obra, especialmente, nas que descrevem sua biografia, apresentando o quanto o contato pessoal desse autor com a arte foi terapêutico em seu luto pessoal;
4. Desenvolver um itinerário experiencial, segundo a Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl, para, através da arte, ajudar pessoas em processo de luto.

Para alcançar o objetivo central dessa pesquisa, partiremos das obras de Viktor Frankl, “Em Busca de Sentido – Um psicólogo em um campo de concentração” (2022), cuja primeira edição data de 1946 e, nos anos seguintes, foi traduzido para vários idiomas, dentre eles, o português (1984), investigando as experiências artísticas vividas e relatadas por Frankl no campo de concentração, além daquelas que são descritas em sua autobiografia, “O que não está escrito nos meus livros” (2010), e do grande acervo de livros escritos por Frankl para desenvolver sua teoria. Daremos uma atenção especial para seus escritos denominados *Sincronización en Birkenwald* (2013) e *Lettere di un sopravvissuto* (2008). Fará parte do arcabouço teórico importantes comentadores da obra frankliana tais como: Elisabeth Lukas (1989), Izar Xausa (2013) e Thiago Avelar Aquino (2017a, 2017b, 2021).

Valemo-nos também de autores que desenvolvem o tema da Espiritualidade tais como com Mircea Eliade (1907 – 1986) importante teórico das Ciências das Religiões, com o sentido do “*numinoso*” na experiência religiosa. Veremos a arte como expressão da harmonia estética, fundada na união como o bom e o verdadeiro, categorias desenvolvidas na filosofia clássica. Por fim, o sentido do luto, seus processos e sentidos, tomando especialmente as reflexões de Maria Júlia Kovács (1975) e Elisabeth Kübler-Ross (1926 – 2004).

A partir dessa premissa teórica e para comprovar a possibilidade desse método de enfrentamento do luto, faremos um caminho metodológico. Nesse sentido, a

pesquisa é uma investigação documental de caráter qualitativa e de natureza interpretativa. Segundo Malhorta (2001, p.155) “a pesquisa qualitativa proporciona uma melhor visão e compreensão do contexto do problema”. Para isso, seguimos um cronograma de pesquisa seguindo as seguintes etapas:

1. Levantamento e seleção dos estudos que compõem a amostra;
2. Descrição dos elementos principais sobre os temas abordados na pesquisa;
3. Interpretação e análise dos dados à luz da teoria de Viktor Frankl e dos objetivos da presente pesquisa.

Na primeira etapa, fizemos uma pesquisa bibliográfica, em que o enfoque foi a Logoterapia, especialmente, no que toca a dimensão artística na vida e na obra de Viktor Frankl. Tratamos, também, dos fundamentos teóricos, ou seja, da revisão de literatura dos principais conceitos, princípios e fundamentos determinantes para estrutura teórica do projeto de pesquisa, através de fichamentos e resenhas.

Posteriormente, discurremos sobre o percurso metodológico que fundamenta o estudo e, para alcançar os objetivos aqui almejados, realizamos uma descrição dos elementos principais sobre os temas abordados na pesquisa, a partir do arcabouço teórico principal, verificando a contribuição das bases teóricas para a hipótese investigada.

Quanto às questões estruturais e espaciais, este trabalho foi dividido em quatro capítulos. Inicia com essa introdução na qual apresentamos os pressupostos teórico-metodológicos da pesquisa, tais como o objeto de estudo e a hipótese levantada, a base teórica na qual fundamentamos a pesquisa e os procedimentos metodológicos do estudo. No capítulo 2 (dois), tratamos de descrever sobre espiritualidade, luto e a arte a partir da nossa perspectiva de estudo, na linha da espiritualidade e saúde em Ciências das Religiões. No capítulo 3 (três), apresentaremos o sentido da espiritualidade, do luto e da arte à luz da Logoterapia e dos outros autores descritos no *corpus* teórico dessa pesquisa. No capítulo 4 (quatro), destacamos as experiências pessoais de Viktor Frankl quanto à morte e a arte, especialmente, nas obras que descrevem sua biografia buscando evidenciar o quanto o contato pessoal de Viktor Frankl com a arte foi terapêutico em seu luto pessoal. Por fim, no último capítulo, desenvolveremos a relação entre arte e luto, conforme a base vivencial e teórica de Viktor Frankl e os outros autores afins com o intuito de desenvolver um itinerário experiencial, segundo a Logoterapia e Análise

Existencial de Viktor Frankl, para, através da arte, proporcionar ajuda às pessoas em processo de luto.

2 ESPIRITUALIDADE, ARTE E LUTO: UMA PERSPECTIVA DE PESQUISA

O objetivo desse capítulo foi discorrer sobre espiritualidade, luto e a arte a partir da nossa perspectiva de estudo, na linha da espiritualidade e saúde em Ciências das Religiões. É possível inferir que morte, luto e arte possuem relações com o sentido espiritual da pessoa humana e são campos de estudo das Ciências das Religiões.

Aquilo que vamos relacionar, segundo a vida e a obra de Viktor Frankl, será mostrado nesse capítulo de modo mais geral, ou seja, a arte como recurso para o enfrentamento do luto e sua integração na vida com sentido.

2.1 Ciências das Religiões, espiritualidade e saúde

As Ciências das Religiões como disciplina acadêmica e campo de estudo científico é consideravelmente recente. Data como resolução do MEC (Ministério da Educação e Cultura) em 28 de dezembro de 2018, quando instituiu as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de licenciatura em Ciências da Religiões.

Contudo, segundo Mendonça (2010, p. 19), o tema das Religiões, no Brasil, ganhou *status* de pesquisa científica com Roger Bastide (1898- 1974) na Universidade de São Paulo. Ele compreendia que o fenômeno religioso deveria ser estudado sob várias óticas, ou seja, através do olhar sociológico, antropológico e psicológico. Nesse sentido, é um estudo interdisciplinar, sem contudo, perder sua especificidade com um objeto de estudo próprio.

Por isso, há um diferencial entre as Ciências das Religiões e a Teologia que é exatamente seu objeto de estudo, já que no primeiro caso trata-se de considerar o fenômeno religioso como foco de pesquisa. Como afirma Mendonça:

As Ciências das Religiões estudam não Deus, mas suas formas de expressão, em resumo, nas pessoas e na cultura. Nesse ponto, Ciências das Religiões se distinguem da Teologia, porque não cogitam de questões a respeito de Deus, como sua existência e natureza. Estudam efeitos e não causa (2010, p. 23).

A pergunta que segue a tal afirmação é: em que consiste, então, o fenômeno religioso? Para chegar a tal compreensão, partimos do conceito de profano e sagrado de Eliade (1992), já que, antes de compreender o fenômeno, é preciso prescindir da ideia do que seja religioso ou sagrado.

Para Eliade,

O homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano. A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo *hierofania*. Este termo é cômodo, pois não implica nenhuma precisão suplementar: exprime apenas o que está implicado no seu conteúdo etimológico, a saber, que algo de sagrado se nos revela. Poder-se-ia dizer que a história das religiões – desde as mais primitivas às mais elaboradas – é constituída por um número considerável de *hierofanias*, pelas manifestações das realidades sagradas (Eliade, 1992. p.13).

Assim, para ele, o sagrado é aquilo que se manifesta diferente do ordinário, que seria o mundo conhecido ou o profano. O sagrado transcende o mundo, mas manifesta-se nele.

Já por profano compreendemos tudo que está para além do templo sagrado, do espaço sagrado (Aquilino, 1994, p. 253). Sentido que procede da própria etimologia da palavra. Profano vem do latim *profanus*. É a junção de “*pro*” que significa “diante, fora de” e “*phanum*” que quer dizer “templo”.

Essa experiência do sagrado que se manifesta ao homem é um fenômeno.¹ Por isso, fenômeno religioso deve ser compreendido como uma experiência pessoal com o transcendente, assim como analisou Allen:

De acordo com Eliade, Religiões não implica necessariamente em crer em Deus, deuses, ou espíritos, mas refere-se à experiência do sagrado, e, conseqüentemente, está relacionada às ideias de ser, significado e verdade. O sagrado é aquilo que é experienciado como significativo, real e verdadeiro. É um elemento na estrutura da consciência, não um estágio na história da consciência (Allen, 2002, p. 67).

Assim, como ao longo dos estudos nas Ciências das Religiões se ampliou a compreensão de fenômeno religioso, não restringindo apenas ao sentido institucional, mas àquilo que é percebido e vivenciado pela pessoa, também se ampliou a compreensão sobre espiritualidade.

O termo “espiritualidade” vem do latim *spiritualis* que, por sua vez, procede da palavra grega *pneuma* que quer dizer “sopro, vento” (Aquilino, 1994, p. 101). Espírito, no sentido moderno do termo, significa, ao mesmo tempo, pensamento (*nous*), a alma (*psyque*) e a própria respiração (*pneuma*) (Mounier, 2004, p. 30).

Na tradição cristã, o termo espírito, como distinto da alma, não implica uma dualidade da mesma e sim sua dimensão de profundidade, isto é, sua

¹ Fenômeno vem do grego *phainomenon* e significa um acontecimento observável, uma manifestação.

transcendentalidade (CIC, 2000). Consiste na diferenciação humana a partir das faculdades de inteligência e vontade. É a dimensão espiritual do ser humano que o concede a categoria de pessoa, capaz de conhecer e relacionar-se em profundidade.

Santo Agostinho explica o sentido espiritual da pessoa humana afirmando que a alma espiritual do ser humano se distingue, em primeiro lugar, por um pensamento (*mens*), de onde brota um conhecimento que se exprime (*notitia*), dessa relação entre pensamento e conhecimento brota o amor (*affectum*) (Gilson, 1995, p. 150).

A dimensão espiritual é intrínseca à realidade humana, como capacidade intelectual, expressiva e relacional, também com aquilo que está para além da dimensão material da realidade (transcendental, metafísica, subjetiva), o que caracteriza propriamente a condição humana.

Essa possibilidade unicamente humana de conhecer, expressar-se e amar, conforme Agostinho descreve, manifestou-se, ao longo dos séculos, em múltiplas manifestações religiosas, numa busca de explicações diversas sobre os mistérios da vida a partir do divino. Contudo, na compreensão moderna, essa busca ultrapassa as restrições puramente religiosas e desenvolve uma espiritualidade mais ampla, como observa Revez:

Foi encarada na contemporaneidade em três perspectivas distintas: uma espiritualidade orientada para Deus; uma espiritualidade orientada para o mundo, sublinhando a relação do homem com a ecologia e a natureza; uma espiritualidade humanista, orientada para o potencial humano. [...] Um dos efeitos imediatos terá sido a aquisição, por parte da espiritualidade, de um conjunto de novos significados, dos quais se infere um afastamento em relação ao conceito de Religiões (Revez, *Apud*: 2022, p. 329).

Foi essa compreensão mais aberta de espiritualidade que fez a OMS reconhecer que a “dimensão espiritual tem um papel importante na motivação das pessoas em todos os aspectos de sua vida. Esta dimensão não só estimula atitudes saudáveis, mas também deve ser considerada como um fator que define o que é saúde.”² (Toniol, 2023, p. 39). Assim, compreendeu-se que a espiritualidade tem um papel fundamental na saúde global da pessoa.

É nesse sentido que as Ciências das Religiões consideram a linha de pesquisa espiritualidade e saúde, relacionando ambas as realidades como congruentes ao bem-estar geral do ser humano. Nesse sentido, o estudo da morte e do luto como processo de

² Tradução livre da autora.

elaboração das perdas para restabelecimento da saúde emocional da pessoa é fundamental à disciplina de Ciências das Religiões.

Morin faz uma interessante análise do lugar das crenças dos ritos e magias em relação à morte. O papel da Religiões é em parte o de socializar e dirigir os ritos de morte, como forma de lidar com o terror. Os ritos, práticas e crenças referentes a ela continuam a ser o setor mais primitivo de nossa civilização (Kovács, 1992, p. 29).

Assim, nossa pesquisa insere-se nesse processo de elaboração da morte unindo a compreensão espiritual de Viktor Frankl como meio de enfrentamento do luto, através de umas das mais importantes expressões do espírito humano que é a arte.

2.2 Educação para a morte

O tema da morte é muito caro para as Ciências das Religiões. Para alguns estudiosos do tema, a própria Religião nasce como forma de lidar com a morte (Stern, 2022, p. 683). Não são poucos os rituais religiosos de diversas denominações e origens que tinham por finalidade proteger os vivos dos mortos ou vice-versa. Rituais fúnebres que ajudavam os mortos a fazer suas passagens, orações para facilitar a de tantos outros (Kovács, 1992, p. 30).

Contudo, o que se observa nos estudos atuais é que a “experiência da morte é afetada pelas conceituações de morte, do além-vida, de corpo e de diversas práticas rituais” (Stern, 2022, p. 684).

O fato é que a morte, segundo Ariès (2003), desde os inícios das investigações pelo saber, tem sido objeto de estudo de antropólogos, médicos, etnólogos, psicólogos e sociólogos. O estudo sobre a morte é chamado de Tanatologia. A partir desses diversos olhares, Zilberman (2008) descreve o fenômeno morte em três perspectivas: biológica, sociocultural e psicológica.

Seja como for, saber como lidar com a morte é essencial para a saúde espiritual da pessoa. Para isso, é necessária uma educação para a morte, tema que foi aprofundado por Maria Júlia Kovács,³ docente no departamento de psicologia da aprendizagem, do desenvolvimento e da personalidade da USP. Tendo como linha de pesquisa: Desenvolvimento Humano e Tanatologia, Questão da Morte nas Instituições de Saúde e

³ Pesquisa realizada no portal da USP. <https://www.ip.usp.br/site/maria-julia-kovacs/> Acesso em 03/12/2024.

Educação, além de coordenar o Laboratório de estudos sobre a morte do Instituto de Psicologia da USP. Com várias publicações sobre o tema da morte e do luto, escolhemos uma de suas obras para desenvolver o tema: *Morte e Desenvolvimento Humano* (1992) e seu artigo “Educação para a morte” (2005) na revista “*Psicologia Ciência e Profissão*”.

Para ela, é necessária uma educação para a morte, porque morrer faz parte do desenvolvimento humano, do ciclo vital o qual todos nós estamos submetidos. Perguntar-se sobre a morte é perguntar-se sobre o sentido da vida. Ela mantém um mistério humano.

Respostas foram trazidas pelas religiões, ciências, artes, filosofias, entretanto, nenhuma delas é completa e universal. São incompletas, embora possam ser, para algumas pessoas, num dado tempo, o que buscam, oferecendo, mesmo que provisoriamente, um sentimento de totalidade (Kovács, 2005, p. 486).

Se é verdade que, ao longo da história, o homem sempre buscou respostas e sentido para a morte, é igualmente verdade que até hoje não temos todas as respostas, especialmente, as de cunho subjetivo, aquelas que deem a cada pessoa o sentido para sua própria morte ou para a morte daqueles que ama.

Kovács (2005) destaca que a educação para a morte é importante para o desenvolvimento pessoal, porque ter consciência da morte e preparar-se para ela desenvolve um justo modo de viver.

Frequentamos escolas por mais de vinte anos de nossa existência e assim nos preparamos para a vida social; da mesma forma, deveríamos também nos preparar, pelos mesmos “vinte anos”, para o fim de nossa existência. Esse desenvolvimento não precisa ser realizado no topo de uma montanha, como ermitãos, ou dentro de casa isolados, e, sim, no seio da sociedade da qual somos membros integrantes. Essa educação envolve comunicação, relacionamentos, perdas, situações-limite, nas quais reviravoltas podem ocorrer durante a vida, como, por exemplo, fases do desenvolvimento, perda de pessoas significativas, doenças, acidentes, até o confronto com a própria morte (Kovács, 2005, p. 486).

Além da educação para a morte, é importante compreender as fases daqueles que estão com doenças avançadas, compreendê-los e ajudá-los a compreenderem-se. Para isso, vale a pena a reflexão de Kübler-Ross (1981) psiquiatra americana, uma das pioneiras nos estudos sobre a morte. A partir de anos de trabalho com pacientes portadores de doenças terminais, ela desenvolveu as etapas no processo de aceitação da

morte em cinco fases, descritas em sua obra “Sobre a Morte e o Morrer”, publicada em 1969, com tradução para o português (1981). São elas: negação e isolamento, raiva, barganha, depressão e aceitação.

Na primeira fase, a negação e o isolamento, a frase: “Não, eu não, não pode ser verdade”, descreve a reação dos pacientes em estágios terminais, assim como daqueles que se deparam com a morte de um ente querido. “Comumente, a negação é uma defesa temporária, sendo logo substituída por uma aceitação parcial” (Kübler-Ross, 1981, p. 52).

Da negação, “não pode ser verdade”, vem a segunda pergunta que geralmente sucede naquele que começa a enfrentar a realidade da morte: “Por que eu?” (Kübler-Ross, 1981, p. 62). Surge como efeito certa raiva ou revolta. A raiva consiste na não aceitação de tudo que a morte cancela, altera e interrompe sem acordos.

O terceiro estágio descrito por Kübler-Ross é o da barganha. Se a raiva e a revolta não surtem efeitos, surge, então, o desejo de algum tipo de acordo que adie o desfecho inevitável. “O paciente em fase terminal, graças a experiências anteriores, ele sabe que existe uma leve possibilidade de ser recompensado por um bom comportamento e receber um prêmio por serviços especiais” (Kübler-Ross, 1981, p. 95). Geralmente, as barganhas são feitas com Deus com pedidos de mais um pouco de vida e em troca surgem as promessas de uma vida mais dedicada a Deus ou à família ou mesmo a algum trabalho mais humanitário. Kübler-Ross (1981) identifica que, geralmente, as promessas podem estar associadas a uma culpa psicológica do que a pessoa não havia feito enquanto tinha tempo.

Quando o paciente em fase terminal não pode mais negar sua doença, quando é forçado a submeter-se a mais uma cirurgia ou hospitalização, quando começa a apresentar novos sintomas e torna-se mais debilitado e mais magro, não pode mais esconder a doença. Seu alheamento ou estoicismo, sua revolta e raiva cederão lugar a um sentimento de grande perda (Kübler-Ross, 1981, p. 98).

A quarta fase, a depressão, tem várias facetas. Diante das diversas realidades que os pacientes terminais enfrentam, mas também suas próprias famílias ou aqueles que estão ao lado. A mudança repentina dos planos e dos sonhos, sem a perspectiva de melhora, é um fator de tristeza e desalento. Além do processo interior que a pessoa vive quando precisa deparar-se com a própria finitude. A depressão, contudo, pode ser um tempo necessário para sua preparação interior para a morte em seu estágio final.

Um paciente que tiver tido o tempo necessário (isto é, que não tiver tido uma morte súbita e inesperada) e tiver recebido alguma ajuda para superar tudo conforme descrevemos anteriormente, atingirá um estágio em que não mais sentirá depressão nem raiva quanto a seu “destino” (Kübler-Ross, 1981, p. 126).

É o estágio final descrito por Kübler-Ross da aceitação que para ela não pode ser confundido com estágio de felicidade, mas o “repouso derradeiro antes da longa viagem” (Kübler-Ross, 1981, p. 127). Nesse período, a família, geralmente, precisa de apoio, até mais que o próprio paciente, porque, para eles, começará a etapa do luto.

2.2.1 Luto e suas etapas

Kovács afirma que a “morte do outro se configura como a vivência da morte em vida” (1992, p. 149), ou seja, mesmo sem morrer, quando alguém importante em nossa existência vem a falecer, parte de nós mesmos morre também. O luto é uma forma de experienciar a morte em vida, ou seja, a morte como perda, em que estão envolvidos aquele que morreu e aquele que permanece vivo, mas sente a falta irreparável do que partiu.

Contudo, o que Kovács desenvolve em seu pensamento é que “a perda e a sua elaboração são elementos contínuos no processo de desenvolvimento humano” (1992, p. 149). Ela chama esse tipo de experiência como “morte consciente” ou “morte vivida” (1992, p. 150). Para crescer como pessoa, desenvolver a maturidade e a consciência humana é inevitável, e até mesmo necessário, passar pelo processo das perdas e do luto.

A elaboração do luto supõe três fatores: um sentimento, uma pessoa e um tempo (Kovács, 1992, p. 150). São três elementos que se interligam na elaboração do luto ou, na linguagem de Kovács, da morte como perda. A intensidade do sentimento confere também a intensidade da dor e da perda, como também do tempo que será necessário para que o enlutado dê seguimento à sua vida.

Esse tempo tem várias fases e facetas. Para descrevê-los, alguns autores desenvolveram uma espécie de etapas no processo do luto. Kovács cita Bowlby (1985) que descreve do seguinte modo:

1. Fase de choque que tem a duração de algumas horas ou semanas e pode vir acompanhada de manifestações de desespero ou de raiva;
2. Fase de desejo e busca da figura perdida, que pode durar também meses ou

anos;

3. Fase de desorganização e desespero;
4. Fase de alguma organização.

Para a autora, Kovács (1992), na fase do choque há certa variação de reações, desde o parecer desligado, até fortes expressões emocionais como pânico e raiva. É fundamental a presença de pessoas de confiança nesse tempo.

Na fase do desejo e busca da figura perdida também há variações de sentimentos, como a raiva quando há comprovação e consciência da perda, o que pode provocar desespero, inquietação, insônia e preocupação. Mas há nesse tempo, também, a ilusão de que tudo aquilo não aconteceu. Kovács afirma que são dois processos contraditórios coexistentes: a realidade da perda e a esperança do reencontro (1992, p. 152). Podem surgir sentimentos de culpa, tanto naquele que ficou como daquele que morreu, com manifestações de irritabilidade ou uma profunda amargura.

A persistência da raiva revela que a perda não foi aceita e pode manifestar-se como revolta também contra aqueles que tentam consolar o enlutado. Assim, “a esperança intermitente, os desapontamentos repetidos, o choro, a raiva, as acusações, a ingratidão com as pessoas próximas, são manifestações da segunda fase do luto” (Kovács, 1992, p. 152).

Quando o que sofre a perda percebe, então, que há uma ausência definitiva, pode iniciar a fase de uma profunda tristeza, acompanhada de uma sensação generalizada de perda de sentido por todas as coisas, em que, de certa forma, o enlutado, que não pode mais ver quem perdeu, deseja morrer também ou eternizar tudo que faz lembrar o ente querido. Para Kovács, “conciliar estes desejos tão opostos são tarefas das últimas fases do luto” (1992, p. 152).

A quarta fase, a da reorganização, se dá quando “se processa uma aceitação da perda definitiva e a constatação de que uma nova vida precisa ser começada” (Kovács, 1992, p. 153). É um processo duplo, aceitação e superação. Contudo, essa fase não significa o desaparecimento definitivo da saudade e da necessidade daquele que partiu. Haverá assaltos de tristezas, “tornando o processo de luto gradual, e nunca totalmente concluído” (Kovács, 1992, p. 153).

O tempo de luto é variável e em alguns casos podem durar anos. Pode-se dizer que em alguns casos o processo de luto nunca termina, com o passar do

tempo, uma profunda tristeza, um desespero e um desânimo tomam conta, quando se recorda o morto, embora estes sentimentos ocorram com menos frequência. O traço mais permanente do luto é um sentimento de solidão (Kovács, 1992, p. 153).

Os recursos vividos nesse tempo ajudarão aquele que viveu a perda a integrá-la de modo mais saudável e transformador. Um desses recursos é a arte. Através de diferentes formas, pintura, escultura, música, dança, escrita e outras, a pessoa enlutada pode encontrar maneiras de expressar seus sentimentos e ressignificá-los através da experiência criativa. Nesse sentido, há uma profunda ligação entre espiritualidade e valor criativo num processo de cura como é o do luto, como nos diz Dittrich:

Falar sobre a questão da criatividade, do amor, da arte e da cura, nos dias contemporâneos, demanda perceber o quanto é complexo o ser humano nas suas amplas manifestações no mundo, buscando sentido para o seu viver. O ser humano consciente ou inconscientemente vive uma espiritualidade que o impulsiona para descobrir o sentido do seu viver, que implica sua realização como pessoa. A criatividade, como a manifestação mais original do Ser humano, indica que ele a vive como algo que se manifesta desde as suas raízes biológicas, psicológicas e espirituais (2010, p. 23).

Disso procede o desejo de compreender, ao longo desse estudo, como a arte pode ser esse saudável recurso terapêutico na elaboração do luto, impulsionando o poder criativo do espírito humano, o que tem profunda relação com o pensamento frankliano, como veremos no decorrer dos próximos capítulos dessa pesquisa.

É muito importante ressaltar que a descrição desse processo tem um caráter didático e descritivo, não implica necessariamente que a disposição dessas fases do luto será vivida em uma sequência, e sim como experiências que podem ou não serem vivenciadas no enfrentamento do luto.

2.3 A arte como recurso terapêutico

“A obra de arte, como expressão da criatividade humana, é revelação do amor criante, divino, que se revela caminho à descoberta de sentido para o viver, e isto é caminho de cura” (Dittrich, 2010, p. 224). Assim descreve Dittrich em sua obra “Arte e criatividade. Espiritualidade e Cura”. Seu pensamento de unir a expressão artística como forma de cura, a partir do poder criativo do espírito humano, sempre esteve presente, de algum modo, ao longo da história humana com a arte.

As pesquisas sobre arteterapia de Cathy Malchiodi (1953), terapeuta americana

de artes expressivas, conhecida por seu trabalho em tratamento de traumas na terapia de artes expressivas segue a mesma linha. É também conhecida a Musicoterapia que tem *status* de curso acadêmico no Brasil desde 1986.

O objetivo da Musicoterapia, no campo da medicina, é universal, com contribuição ao desenvolvimento do ser humano como totalidade indivisível e única. O ser humano não é corpo e mente ou corpo mais mente, nem psique e soma ou psique e alma, nem matéria e espírito; é um todo; e Musicoterapia (que praticamente, entre todas as especialidades médicas utiliza elementos abstratos que não se veem e que somente se percebem com o transcorrer do tempo) é a técnica que mais se dirige à totalidade do indivíduo (Benenzon, 1988, p. 15).

A arte em geral é expressão da beleza a partir da contemplação criativa humana. Essa é uma das ideias centrais da filosofia da arte no período clássico. Segundo Lacoste (1986, p. 10), a filosofia da arte começa com Platão. Para ele, a definição da arte parte do sentido de *mimese*,⁴ ou seja, é uma imitação da verdade presente no mundo das ideias. Há, também, uma distinção entre o artista e o artesão. O artesão é um bom imitador, na medida em que torna presente aos sentidos uma ideia (Lacoste, 1986, p. 11). Já o artista, para Platão, tem inferioridade ontológica, pelo distanciamento das verdadeiras realidades. Assim, a fabricação artesanal era uma forma de produzir por imitação a ideia concebida e verdadeira, e a imitação pictórica é imitação da criação artesanal.

Seja como for, o que é belo conduz, pouco a pouco, aquele que o ama a procurar a unidade, a buscar, para além dos sentidos, a essência de todas as coisas. Nesse sentido, a arte conduz as pessoas para essência da beleza e da bondade que está na contemplação da verdade. A arte, na concepção platônica, procura purificar o prazer sensitivo e substituí-lo pela apreensão intelectual das essências (Lacoste, 1986, p. 22).

Sendo assim, a contemplação e produção artística tem o poder de conduzir aquele que a percebe e aquele que a realiza a tocar um mundo que vai para além dos sentidos puramente materiais. A arte acessa a alma espiritual das pessoas ajudando-as a reconectarem-se consigo mesmas, com o mundo e com os valores espirituais.

Em 2006, o escritor norte americano Kurt Vonnegut escreveu uma carta que expressa o valor da prática da arte. Ele dizia:

⁴ Mimese (em grego *mímesis*), é um termo crítico e filosófico cujo princípio é o de que a poética, a arte, deve ser uma imitação da vida real, ou seja: deveria ser o reflexo da realidade. In: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mimese>. Acesso em 06 de dezembro de 2024.

O que devo dizer a vocês, aliás, não levaria muito tempo. A saber: pratique qualquer tipo de arte, música, canto, dança, teatro, desenho, escultura, poesia, ficção, ensaios, reportagens, não importa se forem boas ou ruins, não para ganhar dinheiro ou fama, mas pela experiência transformadora, para saber o que há dentro de você e fazer sua alma crescer. Sério! Estou falando para começarem agora, façam arte e façam pelo resto de suas vidas. Faça um desenho bonito ou engraçado da senhorita Lockwood e entregue a ela. Dance em casa depois da escola e cante no chuveiro e siga por aí. Faça uma cara no purê de batatas. Finja que é o Conde Drácula. Eis uma tarefa para hoje à noite e espero que a senhorita Lockwood os repreve se não a fizerem: escreva um poema de seis linhas, sobre qualquer coisa, mas rimado. Torne-o tão bom quanto você possivelmente pode. Mas não conte a ninguém o que está fazendo. Não mostre nem o recite para ninguém, nem para sua namorada, para seus pais, para ninguém, nem para a senhorita Lockwood. Ok? Rasgue-o em pedacinhos minúsculos e os separe em lixeiras que estejam amplamente separadas umas das outras. Você encontrará que você já foi gloriosamente recompensado por seu poema. Você experimentou a transformação, aprendeu muito sobre o que há dentro de você e fez sua alma crescer.⁵

Um dos grandes exemplos desse poder curador, não só emocional, mas também biológico, está nos relatos de Maria Glória Dittrich (2010), onde escreve sua tese de doutorado a partir de um caso de melhoria emocional e motora de um aluno denominado Caso R:

Na minha prática de ensino da arte, o fenômeno da cura vinha acontecendo de forma notável na melhoria da autoestima, da tomada de consciência sobre o sentido de vida, da hiperatividade, da não violência e, especialmente, da superação das dificuldades psicomotoras de um aluno que tivera paralisia cerebral aos três anos de idade. Ele ficou com deformações físicas e com graves problemas psicomotores. Esse aluno, aqui tratado como Caso R, pelo seu impacto na minha vida, é o caso prático que eu escolhi para ser estudado e pesquisado na minha tese de doutoramento e aqui é apresentado (Dittrich, 2010, p. 49).

Poderíamos citar vários exemplos, mas, como objeto desse estudo, traremos o próprio percurso de Viktor Emil Frankl (1905 — 1997) que conheceremos ao longo dessa pesquisa, além do meu próprio percurso no enfrentamento do luto através da arte.

⁵ In: <https://trabalhosujo.com.br/kurt-vonnegut/> Acesso em 05 de dezembro de 2024

3 O LUTO E A ARTE NA LOGOTERAPIA DE VIKTOR FRANKL

No terceiro capítulo, queremos apresentar o sentido da espiritualidade, do luto e da arte à luz da Logoterapia e dos outros autores descritos no *corpus* teórico dessa pesquisa. Para isso, partiremos dos fundamentos antropológicos da Terceira Escola Vienense de Psicoterapia.

3.1 Fundamentos antropológicos da Logoterapia

Para descrever a arte na visão frankliana, é preciso considerar e compreender a visão antropológica de Viktor Frankl. Para ele, o ser humano não é constituído apenas da dimensão biológica e psíquica como vários pensadores do seu tempo afirmavam.

Frankl desenvolve uma “ontologia dimensional” em que vê o ser humano de modo tridimensional. A dimensão espiritual ou noológica é uma das três dimensões que constitui o ser humano, juntamente com seu aspecto biológico e psicológico. É uma visão do ser humano como um ser biopsicoespiritual (Marino, 2019).

A interpretação do sentido pressupõe que o homem seja espiritual assim como a realização do sentido pressupõe que ele seja livre e responsável. Estes três fatores da existência só nos são acessíveis quando os seguimos até a dimensão noológica, na qual o homem, tendo se soerguido desde a dimensão psicobiológica, se constitui como homem. Já no nível do biológico e do psicológico, nota-se a tendência primária do homem para se orientar no rumo do sentido, o que, no aspecto negativo, representa propriamente a sua frustração (Frankl, 2019, p. 61).

O corpo constitui a dimensão biológica e somática da pessoa humana, ou seja, todo o seu funcionamento celular, orgânico, químico e fisiológico. Já a dimensão psíquica é constituída pelas sensações, impulsos, instintos, desejos, talentos intelectuais e padrões comportamentais adquiridos. Na dimensão espiritual, por sua vez, é onde reside a capacidade de tomar decisões, o interesse prático e artístico, a experiência religiosa, a ética e os valores (Lukas, 1989, p. 28).

Contudo, não devemos compreender essas dimensões como dissociadas. Na verdade, a dimensão espiritual assume e eleva as demais numa unidade fundamental na pessoa. É o que afirma Pereira quando diz que

A categoria de entrada – corpo – é suprasumida (*aufgehoben*) na categoria de psiquismo, que, por sua vez, é suprasumida na categoria de espírito. A tríade acaba por ser sintetizada na ideia de pessoa humana, tal como o

homem é entendido na Logoterapia (2015, p. 4).

A partir dessa ontologia dimensional, devemos compreender que, para Frankl, dimensão espiritual é o que constitui propriamente a pessoa humana, como afirma Lukas:

Conclui-se que a dimensão espiritual é a dimensão propriamente do homem, “especificamente humana”, também chamada, na Logoterapia, dimensão *noética*, por derivação da palavra *grega nous, noetos* (= espírito, mente). As outras duas dimensões, que o homem partilha com os animais - dimensão somática e dimensão psíquica - estão muito bem conjugadas na Logoterapia, e para diferenciar-se são designadas dimensões *subnoéticas* (Lukas, 1989, p. 29).

A dimensão espiritual não apenas caracteriza o ser humano diferente de outros seres, como também singulariza cada pessoa. O ser humano tem uma unidade antropológica, mas grande diversidade ontológica, ou seja, tem uma unidade com os outros seres humanos quanto à sua natureza humana, mas é diferente em sua personalidade.

A característica da existência humana é a coexistência entre a unidade antropológica e as diferenças ontológicas, entre o modo de ser unitário da realidade humana e as modalidades diversas em que ela se divide. Em síntese, a existência humana é *unitas mulliplex*, para usar uma expressão da filosofia de São Tomás de Aquino.

Vemos, portanto, a importância da dimensão *noética* para uma justa percepção antropológica. Tomando como ponto de partida essa estrutura fundamental da pessoa humana, Frankl ainda fundamenta sua teoria afirmando que, exatamente porque o ser humano é espiritual, ele está aberto numa postura de transcendência. Como afirma Marino no prefácio da tradução em português da obra “O sofrimento humano”. Ela diz:

O homem de fato está sempre orientado para algo que o transcende, seja um sentido a realizar, seja uma pessoa a encontrar. De uma maneira ou de outra, sua natureza o leva a se ultrapassar. A transcendência de si mesmo constitui, desse modo, a essência da existência humana (Marino 2019, p. 12).

Sendo assim, a antropologia frankliana caracteriza-se pela ontologia dimensional que considera o ser humano tridimensional; pela dimensão espiritual, ou seja, por estar direcionado à transcendência, mas também por mais outras características: ser livre, responsável, que vive uma tensão entre o ser e o “dever-ser”,

orientado para uma busca de sentido. Frankl ainda considera que, se o ser humano busca um sentido para a vida, é porque se pressupõe que a vida tem sentido. Esse é o sétimo pilar de sua antropologia. Por fim, Frankl afirma que o ser humano é um *homo patiens*, ou seja, alguém que sofre. Essas são as principais características apontadas por Manino sobre a antropologia frankliana (*Apud*: Frankl, 2019). Descrevemos as duas primeiras e fundamentais características. Vejamos, agora, as demais.

O ser humano é livre porque não é condicionado pelo seu aspecto biopsíquico, ou seja, pela impulsividade instintiva, ou pelas circunstâncias temporais. Como pessoa espiritual, ele pode posicionar-se diante da vida segundo seus valores e escolhas. “Só denominamos desde o princípio “pessoa” em geral aquilo que pode se comportar livremente – sem levar em conta que estado de coisas está em jogo”, afirma Frankl (2012, p. 96). Para ele, um ser espiritual é também um ser livre e atraído pelos valores Xausa (2013, p. 129).

Contudo, essa liberdade está orientada para a autotranscendência, ou seja, para aquilo que está para além de si mesmo. A liberdade humana consiste na responsabilidade de entregar-se por algo e ou por alguém além de si mesmo. Por isso mesmo, liberdade e responsabilidade estão em consonância na antropologia frankliana. Como descreve Marino (2019), no fato de ser livre “não está contido nenhum para quê da liberdade. No ato de decidir, porém, quando respondemos à vida, aparece previamente o “de quê” e o “contra quê” da decisão” (2019, p. 17). Em outras palavras, o ser humano é livre “para” assumir decisões e responsabilizar-se por elas, é livre à medida que responde à vida e não sucumbe sob o peso das circunstâncias.

Esse processo se dá no percurso do desenvolvimento humano, numa progressiva superação entre o que a pessoa “é” e o que “deve ser”. Frankl afirma que há uma tensão entre esses polos. Mas a vida consiste exatamente nisso, “a vida consiste na tensão indispensável entre o que é e o que deveria ser. Porque o homem não se destina a ser, mas vir a ser...” (Frankl, 2019, p. 273). O ser humano é um constante tornar-se. A distância entre o que é e o que deve ser é diminuída à medida que a pessoa compreende o sentido de “sua” vida e realiza a tarefa que a existência lhe oportuniza com liberdade e responsabilidade. Nesse sentido, a maior tarefa é aproximar essência e existência não apenas na realização de uma ação no mundo, mas daquilo que só a pessoa pode fazer, daquilo que “unicamente” ela pode ser.

Na medida em que o sentido da existência humana reside na diminuição desta discrepância, no encurtamento dessa distância, em suma, na aproximação de existência e essência, não se há de negligenciar o seguinte: nunca se trata de considerar “a” essência, mas a essência “do” homem, que cabe ao homem realizar e representar, a “sua” essência. Trata-se da realização da possibilidade de valor que incumbe a cada indivíduo particularmente. “Chega a ser o que és” não significa somente “chega a ser o que podes e deves ser”, mas também “chega a ser o que só tu podes e deves ser”. Não se trata apenas de que eu seja um homem - mas de que eu seja eu mesmo (Frankl, 2019, p. 292).

Se a tensão diminui à medida que a pessoa realiza a sua vida, é necessário, portanto, que o homem busque um sentido para a sua vida. Nesse ponto de sua antropologia, Frankl fala sobre a faculdade da vontade de sentido. A pessoa só se realiza na medida em que vive para além de si mesmo e o que gera esse movimento de saída de si é a vontade de sentido que funciona como um “motor básico da existência humana” (Xausa, 2013, p. 129). O ser humano precisa encontrar sentido no que é e no que faz para realizar-se plenamente.

Marino descreve a vontade de sentido para Frankl “como o outro lado da moeda da autotranscendência” (2019, p. 18). Trata-se de um impulso, de aspirações, de dinâmicas que movem a existência em direção à sua plena realização e desenvolvimento, de um dinamismo espiritual, não psíquico. O ser humano anseia pela realização de si mesmo. Contudo, isso só é possível quando, movido pela pulsão da vontade de sentido, a pessoa abraça a existência e responde a ela, numa postura de vida fundada na autotranscendência.

A bússola que guia a pessoa nessa busca é a sua consciência, o que Frankl chama de “órgão do sentido” e está no profundo da espiritualidade humana, no inconsciente espiritual. Desse modo, segundo Xausa (2013, p. 128), para Frankl, tanto a consciência quanto o inconsciente humanos não se limitam ao aspecto psicológico, há uma transcendentalidade da consciência e um espiritual inconsciente.

O sentido não só deve ser achado, como pode ser achado. E nessa busca o homem é orientado pela consciência. Em uma palavra, a consciência é o órgão do sentido, é a capacidade de descobrir o sentido único e irreprodutível que se esconde em cada situação (Frankl, 2019, p. 30).

É importante ressaltar que o sentido está em cada situação concreta da vida. Não é algo genérico e abstrato. Frankl diz que a pessoa precisa estar atenta às situações para que a vida volte a ter sentido (Frankl, 2019).

Inversamente oposto à experiência de encontro com o sentido da vida, está o vazio existencial que Frankl chega a caracterizar como a doença do nosso século. “Esta carência de sentido poderá provocar a neurose *noogênica*” (Xausa, 2013, p. 129).

Se o ser humano é alguém em busca de sentido, é preciso descrever as “fontes” onde, segundo Frankl, podemos encontrar o sentido do instante. “Segundo pensa Frankl (2010), o homem é um ser em busca de sentido, seja por meio do amor e da vivência do belo (valor vivencial), seja criando algo (valor criativo) ou se posicionando interiormente perante um destino inevitável (valor atitudinal)” (Aquino, 2021, p. 35).

O sétimo ponto fundamental na antropologia frankliana é a pressuposição de que a vida tem sentido. Esta perspectiva de Frankl nos afasta do subjetivismo, do sentimentalismo, do niilismo, do individualismo “que é causa de tantos conflitos, intolerância, vazio” (Marino, 2019, p. 18).

O sentido que nos vem da vida é captado de modo pré-reflexivo, intuitivamente pela consciência, órgão do sentido, e pede uma resposta a partir de nossa capacidade de autotranscendência. “Se não puder fazê-lo, então minha capacidade cognitiva fica restringida; eu mesmo e o conhecimento de mim mesmo ficamos no caminho, tornamo-nos obstáculos.” (Frankl, 2019, p. 52). Encontrar e responder ao sentido que a vida nos propõe, em cada instante da existência, é fundamental para nossa saúde espiritual.

A verdade é que nunca saberemos se o que escolhemos, se o que a nossa consciência escolheu foi “vítima de ilusão”, como diz Frankl se estamos ou não com a verdade. “Isso não quer dizer que não exista verdade. Somente pode haver uma verdade; mas ninguém pode saber se é ele e não o outro que a possui.” (2017, p. 86). Mas somente pela consciência a pessoa pode seguir e orientar-se em direção ao sentido de sua vida.

Contudo, podemos nos questionar qual sentido podemos encontrar no sofrimento, que constantemente nos advém na vida? De fato, Frankl afirma que o ser humano é alguém que sofre, que se encontra, inúmeras vezes, diante de sofrimentos inevitáveis. No entanto, o que importa não é o sofrimento em si, mas a postura que a pessoa assume diante dele. É preciso saber sofrer.

Diferentemente de outras abordagens, a proposta antropológica de Frankl afirma que “o ser humano é um *homo patiens* - um sofredor”. Portanto, é o único ser capaz de sofrer, de assumir uma atitude positiva e de superação diante das adversidades e do trágico da vida (Marino, 2019, p. 19).

Frankl nos diz que é preciso substituir o “*sapere aude*” (ouse ser sábio) do iluminismo, por “*pati aude*” (ouse sofrer). Não se trata de uma apologia ao sofrimento, mas de “aceitar o sofrimento, dizer “sim” ao destino, enfrentá-lo. Somente por esse caminho nos aproximaremos da verdade, e não pelos caminhos da fuga e do medo ao sofrimento” (Frankl, 2019, p. 304). Nesse sentido, podemos compreender que existem verdades que só nos são acessíveis pela luz que o sofrimento nos traz, quando aprendemos a aceitá-lo e enfrentá-lo, por mais difícil que seja.

Xauza ainda aponta outra característica na antropologia de Frankl, que é o “reconhecimento no *noos* de uma instância superior no homem, que, ao mesmo tempo em que busca um sentido último da existência, representa também uma espiritualidade que aponta para uma dimensão, extra-humana, supratranscendente, que é Deus” (2013, p. 129).

3.2 A morte e o luto na Logoterapia

Frankl é consciente que “entre as coisas que parecem tirar o sentido da vida humana estão não apenas o sofrimento, mas também a morte” (Frankl, 2022, p. 144). Ele mesmo deparou-se com essa realidade no seu caminho pessoal, mas também no seu longo trabalho com pessoas com ideias suicidas. Na época em que Frankl escreveu seu livro “O sofrimento de uma vida sem sentido: caminhos para encontrar as razões de viver” (2015), quando reúne uma série de conferências proferidas na Polônia, na Suíça e na Alemanha, Frankl faz a alarmante declaração sobre as estatísticas:

As estatísticas têm mostrado que, entre os estudantes americanos, o suicídio ocupa - depois dos acidentes de trânsito - o segundo lugar como causa mais frequente de óbito. Ademais, o número de tentativas de suicídio (não resultando em morte) é quinze vezes maior. Recentemente, foi-me apresentada uma estatística marcante, aplicada a sessenta estudantes da *Idaho State University*, na qual se indagou, com grande precisão, o motivo pelo qual intentaram o suicídio. Dela resultou que 85% deles não conseguiam ver nenhum sentido em suas vidas. O interessante, entretanto, é que 93% eram física e psiquicamente saudáveis, tinham uma boa situação financeira e um excelente entendimento com a família; desenvolviam uma vida socialmente ativa e estavam satisfeitos com seus progressos acadêmicos (Frankl, 2015, p. 12).

É fato que, ao perguntar-se pelo sentido da vida, nos encontremos numa encruzilhada que também nos questiona sobre o sentido da morte, pois só quando respondemos a segunda pergunta é que a primeira ganha fundamento e força vital. Só se

compreendemos o sentido da morte é que podemos viver a vida mesmo diante de sua finitude. “Quantas vezes nos não vêm dizer que a morte põe em dúvida o sentido da vida inteira”, confirma Frankl (2016, p. 145).

Mas a resposta é que, para Frankl, exatamente a finitude da vida é o que faz a existência ser tomada a sério. Finitude que não se dá somente no último momento da vida, ao contrário, ela se dá em cada instante que não volta mais. A isso ele chama de “transitoriedade da vida.” (2022, p. 161). Contudo, essa transitoriedade nos desafia a vivermos da melhor forma possível. Nesse sentido, a primeira postura diante da morte é a tomada de consciência dessa realidade transitória (Frankl, 2016, p. 148). Desse modo, “a finitude, a temporalidade, não é apenas, por conseguinte, uma nota essencial da vida humana; é também constitutiva do seu sentido” (Frankl, 2016, p. 145).

É nesse momento que Frankl formula um de seus imperativos: “Viva como se você estivesse vivendo pela segunda vez e como se tivesse agido todo erradamente, na primeira vez como está por agir agora.” (2022, p. 172). É a irreversibilidade de nossas escolhas que nos dão o peso de consciência, liberdade e responsabilidade perante a vida. Sendo assim, para Frankl, as duas forças se completam a da transitoriedade e irreversibilidade, o presente é permeado de transitoriedade, o passado de irreversibilidade, forjando uma terceira força, a de um futuro de possibilidades.

Pelo valor que Frankl enxerga no passado, ele afirma que não há porque os idosos sintam pena de si mesmos, ao contrário. Eles têm algo que ninguém e nem a morte pode apagar: as realizações do passado.

O futuro, o instante continua sendo possibilidade que, ao ser vivido, é guardado no depósito do passado. Sendo assim, para Frankl, existe o sentido final da existência e o sentido de cada instante. Ele compara ambos com um filme que só pode ser completamente compreendido no final, contudo, a compreensão final dependerá daquilo que foi revelado em cada cena. O sentido final, que nos vem na morte, depende do “sentido potencial de cada situação particular ter sido realizado da melhor maneira possível” (Frankl, 2022, p. 166).

Na morte o “todo” da pessoa humana estará completado. A vida se completa como um monumento que é concluído. Frankl compara o momento da morte como uma linha circular que se encerra no ponto de partida. “Entretanto, aquele “ponto de solda” que fecha a vida num todo, que junta o fim ao princípio - este ponto de solda” é o momento de plena consciência e, ao mesmo tempo, de adormecimento, “desperta para a

vida e no qual adormece na morte” (Frankl, 2019, p. 203).

Essa imagem do escultor é muito presente na escrita de Frankl para designar nossa ação de “esculpir” a própria vida. Arrancamos os valores de nossa vida a “golpes” em nós mesmos. Temos um tempo limitado para concluir essa obra de arte que é a nossa existência, contudo, não sabemos ao certo quanto tempo tem para “acabar e entregar” a obra da própria vida (Frankl, 2016, p. 147). Contudo, não é a questão do tempo que importa, mas o empenho com o qual se vive essa tarefa. Frankl formulou de forma genial essa realidade quando disse: “A vida não se transcende a si mesma em “longitude” - no sentido da sua própria propagação -, mas sim “em altura” - enquanto intente para um sentido” (Frankl, 2016, p. 150). O que importa não é longevidade, mas qualidade do vivido.

Desse modo, é preciso enfrentar os desafios da vida da melhor forma possível, sobretudo, diante dos sofrimentos inevitáveis. A morte faz parte da tríade trágica, sofrimento, culpa e morte, que Frankl descreve em sua teoria ao tratar do otimismo trágico (2022, p. 161).

Apesar das trágicas tríades, que consistem no sofrimento, na culpa e na morte. Porque depende de nós transformar também estas coisas em algo positivo, transformar o sofrimento em triunfo, que a gente considere a morte como um estímulo à ação responsável e que cresçamos a partir da culpa; ao nos tornamos diferentes nos enobreceremos. Ou seja, que a partir da morte realizemos atos responsáveis, que transformemos a culpa em mudança e o sofrimento em libertação interior (Frankl e Lapide, 2013, p. 119).

Nesse sentido, o que nos vêm, mesmo que não o tenhamos desejado, mas nos foi dado pela vida, deve ser vivido da melhor forma possível. A morte, como parte da tríade trágica deve ser enxergada como oportunidade para “estímulo à ação responsável”, para assumir a transitoriedade, a urgência da irreversibilidade, como oportunidade para agir de modo mais apropriado possível, ou seja, encontrando o sentido de cada escolha e valor assumido na *práxis* da vida.

Às vezes, o confronto do ser humano com o sofrimento é inevitável de que o homem é um ser que, cedo ou tarde, deve encarar a morte e que, antes de fazê-lo, deve sofrer - apesar de todo o avanço da ciência, tão cultuada pelo progressismo cientificista. Fechar os olhos a essa condição existencial, a tais “fatos da vida”, pode reforçar uma tendência neurótica de nossos pacientes ao escapismo. Evitar o sofrimento, o quanto for possível, é desejável. Mas, e quanto àquele sofrimento inescapável? A Logoterapia ensina que devemos evitar a dor, quando isso for possível. Mas logo que um doloroso destino se apresente como imutável esse sofrimento não só deve ser afirmado como

deve ser transformado em algo significativo, numa conquista (Frankl, 2011, p. 93).

É essa postura que muda a tríade trágica em tríade positiva do “amor, da esperança e do sentido da vida” (Frankl e Lapide, 2013, p. 168), “em algo positivo, num mérito, quando são enfrentados com atitude e postura corretas” (Frankl, 2017, p. 90).

Outro aspecto que Frankl discorre sobre a morte é que não é possível que tudo desapareça com ela (Frankl, 2019, p. 191). É preciso considerar que a dimensão espiritual do ser ultrapassa sua pura constituição físico-biológica. Frankl utiliza a compreensão do amor que é sempre de “pessoa para pessoa”, de “espírito para espírito”. Não amamos o organismo do outro, mas a sua pessoa, o seu “tu”. Por isso, o amor resiste ao tempo e à morte. É o que o próprio Frankl exclama quando, ainda no campo de concentração, diz ao pensar em sua primeira esposa:

Se naquela ocasião tivesse sabido: minha esposa está morta - acho que este conhecimento não teria perturbado meu enlevo interior naquela contemplação amorosa. O diálogo intelectual teria sido intenso e gratificante em igual escala. Naquele momento me apercebo da verdade: “põe-me como selo sobre o teu coração... porque o amor é forte como a morte.” (Cântico dos Cânticos 8.6) (Frankl, 2022, p. 56).

Nesse sentido, Frankl chega a analisar a possibilidade de uma imortalidade objetiva, “pois estamos familiarizados com certa independência do espírito em relação ao corpo” (2019, p. 195). Contudo, não é pretensão de Frankl discorrer sobre questões religiosas quanto à imortalidade, reencarnações ou tudo que diz respeito ao pós-morte, porque “só podemos saber da existência espiritual enquanto estiver unida, enquanto estiver “completada” pelo corpo e pela alma na unidade e totalidade do ser “homem” (Frankl, 2019, 197)”. O que é para além, não podemos conhecer nem descrever. A pergunta sobre para onde vamos, que segue a que vem sobre a origem, nos leva inevitavelmente a refletir sobre a morte. Para Frankl, tanto o início quanto o fim da existência é um *mysterium* (2019, p. 191).

Queremos, agora, descrever alguns casos em que Frankl analisa a postura humana diante da morte. A primeira será de sua própria experiência nos campos de concentração, já que, por mais valiosas que tenham sido as reflexões de Frankl sobre o sentido da morte e do sofrimento, nada se compara ao que ele vivenciou nos campos de concentração. Ali, tudo que resultou de suas análises naquelas circunstâncias têm um impacto maior, pois o viveu em primeira pessoa. Vale, portanto, analisarmos seus

relatos sobre a morte e o morrer do tempo em que esteve preso.

Frankl cita que a pergunta que o rodeava no campo era: “Será que tem sentido todo esse sofrimento, toda essa morte ao nosso redor?” (Frankl, 2022, p. 139). Podemos observar que compreender o sentido do sofrimento e da morte foi algo fundamental para Frankl para suportar e sobreviver ao campo de concentração. Para Frankl, só sobreviver ou não, não era o suficiente para viver a vida, mas aprofundar o sentido de tudo aquilo (Frankl, 2022, p. 139).

A maioria se preocupava com a questão: “será que vamos sobreviver ao campo de concentração? Pois caso contrário todo esse sofrimento não tem sentido”. Em contraste, a pergunta que me afligia era outra: “Será que tem sentido todo esse sofrimento, essa morte ao nosso redor?” (Frankl, 2022, p. 90).

Em situações extremas, os valores são questionados dentro de nós. A meta já não é mais a pura produção material ou profissional, mas o sentido da existência em si. A morte leva-nos as mais profundas questões sobre o sentido de nossa própria vida. Era o que Frankl e seus companheiros experimentavam em suas reflexões fundamentais.

Para nós, no campo de concentração, [...] o que nos importava já não era mais a pergunta pelo sentido da vida como ela é tantas vezes colocada, ingenuamente, referindo-se a nada mais do que a realização de um alvo qualquer através de nossa produção criativa. O que nos importava era o objetivo da vida naquela totalidade que incluiu a morte e assim não somente atribui sentido à “vida”, mas também ao sofrimento e à morte. Este era o sentido pelo qual estávamos lutando! (Frankl, 2022, p. 103).

É fato que o sofrimento e a morte põem fim a muitas expectativas ilusórias e egoístas sobre a vida, sobre idealizações que fazemos de nós mesmos. Contudo, na “existência nua e crua” que a terminalidade nos impõe, podemos encontrar o que realmente permanece quanto tudo se esvai. A morte é o momento em que a vida mostra sua verdadeira face, seja experimentado em situações de enfermidades terminais, seja através do luto por quem já partiu. Isso era continuamente rememorado no tempo do campo de concentração.

Outro caso é o que Frankl conta sobre um colega médico que foi preso pela Gestapo e conduzido a um campo de concentração e teve que assinar sua própria sentença de morte com a data fixada para três de maio de 1945. Dias antes, contudo, houve a vitória dos aliados sobre Hitler. Os dias que antecederam sua execução, as questões que dirigiu a si não foram sobre questões analíticas, psicológicas, mas as mais

profundas e fundamentais sobre si mesmo. Diz ele: “Naquela situação era possível perceber o que na psicoterapia verdadeiramente importa!” (Frankl, 2019, p. 258).

O que importa não é viver para sempre ou morrer brevemente. Como dizia Frankl, “o essencial não é a duração da vida, e sim a plenitude de sentido” (2019, p. 308). É exatamente a finitude da vida que alerta a viver plenamente, a não adiar o que é necessário fazer hoje. Se fosse assim, afirma Frankl, não haveria obrigação nem responsabilidade (2019, p. 308). O que importa diante da morte é buscar seu sentido e “caminhar para ela de cabeça erguida” (Frankl, 2019, p. 308).

Frankl também era consciente de que não eram muitas as pessoas capazes de encontrar essa força interior diante da morte, contudo, aquelas que o fizeram conseguiram “alcançar uma grandeza humana que antes, em sua existência cotidiana, talvez jamais lhes tivesse sido concedida” (Frankl, 2022, p. 96). O campo de concentração, mas também nossos desafios atuais podem mostrar o melhor de nós.

Frankl fazia da reflexão sobre a morte um ponto importante em seus métodos terapêuticos. Refletir sobre ela era uma forma de reassumir a vida. Vejamos, agora, dois casos:

Caso 1: As duas mulheres

Improvizando, entrei no diálogo e perguntei a outra mulher no grupo por sua idade, ao que ela respondeu: “Trinta anos”. Repliquei: “Não, você agora não está com 30 anos, mas sim com oitenta, deitada no leito da morte. E agora você olha para trás, para sua vida, uma vida sem filhos, mas plena de sucesso financeiro e prestígio social.” Convidei-a então a imaginar como ela se sentiria dentro dessa situação. “Que você acha disso? O que vai dizer para si mesma?” Vou citar o que ela realmente disse, de uma fita gravada naquela sessão: “Ah, casei com um milionário tive uma vida fácil, cheia de riqueza, e aproveitei bem! Flertei com homens, provoquei-os. Mas agora estou com oitenta anos; não tenho filhos próprios. Olhando para trás, como mulher de muita idade, não consigo ver para que foi tudo isso; na realidade preciso dizer que a minha vida foi um fracasso!” Convidei então a mulher que tinha o filho paralítico a se imaginar em situação idêntica, repassando a sua vida. Vejamos o que ela disse, conforme está gravado na fita: “Desejei ter filhos e este desejo me foi concedido; um menino morreu, mas o outro, o aleijado, teria sido mandado para uma instituição, se eu não tivesse ficado com ele, cuidando dele. Mesmo que ele seja aleijado e completamente dependente, não deixa de ser o meu filho. Assim eu fiz com que ele pudesse ter uma vida mais completa; fiz do meu filho uma pessoa humana melhor.” Neste ponto houve uma explosão de lágrimas, e, chorando, ela continuou: “Quanto a mim, posso encarar tranquila a minha vida passada; porque posso dizer que minha vida foi rica em sentido e dei um duro para realizá-lo; fiz o melhor que pude - dei a meu filho o melhor. Minha vida não foi um fracasso!” (Frankl, 2022, p. 140).

Vemos aqui duas mulheres que têm vidas bem diferentes. Uma, aparentemente,

teria tudo para uma vida feliz, porém sente-se um fracasso. A segunda, inversamente, vivenciou a morte e a enfermidade com seus filhos, mas sente que sua vida não foi um fracasso. O que poderia dar tais conclusões a ambas as mulheres? Em primeiro lugar, não é o fato de ter ou não filhos. Mas o sentido que cada uma encontrou numa entrega de vida. A segunda mulher havia tentado suicídio, mas o seu filho paralítico a impediu. Porém, quando viu sua vida numa linha do tempo, pode perceber que nada tinha sido em vão. A conclusão é que, não são os sofrimentos pelos quais passamos que tiram o sentido da vida, mas a nossa postura de entrega, de autotranscendência no amor que atribui valor à nossa existência.

Caso 2: O caso de um enfrentamento de luto

Certa vez um clínico geral de mais idade veio consultar-me por causa de uma depressão muito profunda. Ele não conseguia superar a perda de sua mulher, que falecera fazia dois anos e a qual ele amara acima de tudo. Bem, como poderia eu ajudá-lo? Que poderia lhe dizer? Abstive-me de lhe dizer qualquer coisa e, ao invés, confrontei-o com a pergunta: “Que teria acontecido, doutor, se o senhor tivesse falecido primeiro e sua esposa tivesse que lhe sobreviver?” – “Ah,” disse ele, “isso teria sido terrível para ela; ela teria sofrido muito!” Ao que retruquei: “Veja bem, doutor, ela foi poupada deste sofrimento e foi o senhor que a poupou dele; mas agora o senhor precisa pagar por isso sobrevivendo a ela e chorando a sua morte.” Ele não disse uma palavra, apertou a minha mão e calmamente deixou meu consultório. Sofrimento de certo modo deixa de ser sofrimento no instante em que encontra um sentido, como o sentido de um sacrifício (Frankl, 2022, p. 137).

Um sofrimento, tal como o luto, é integrado no encontro com o sentido. No caso citado acima, o sentido compreendido estava exatamente em perceber que o esposo privou sua esposa amada do sofrimento de vê-lo morrer. A mudança de ângulo, de perspectiva fez a depressão ser superada.

Esse caso específico de luto é um dos poucos em que Frankl trata especificamente do tema. Sobre o luto em si, há poucas referências diretas da teoria frankliana. Para Frankl, “a tristeza do luto tem o sentido e a força de fazer com que continue a existir de algum modo aquilo que já passou” (Frankl, 2016, p. 196). Mesmo que Frankl não considere algo bom em si mesmo quando prolongado demasiadamente, contudo, ele pode manifestar também um amor para além do previsível. Como no caso relatado acima, do qual Frankl comenta:

E certo que seu luto se prolonga por um prazo anormalmente longo, mas por outro lado, a felicidade de seu casamento ultrapassou as normas habituais e nesse sentido poderia ser tida como “anormal”. Apesar de sua persistência desusada, o seu pesar constitui, pois, um afeto adequado ao caso. [...] No mesmo instante, sua vida recobrou o sentido, o luto “por” alguém se transformou em sacrifício “por amor a alguém”. Foi um diálogo de apenas alguns minutos, durame o qual, porém, o paciente efetuou uma reviravolta copernicana. Não foi possível modificar fundamentalmente seu sofrimento, mas não representou algo o fato de que pelo menos se lhe deu um sentido? (Frankl, 2019, p. 306-307).

O luto ou qualquer outro sofrimento é integrado na medida em que encontramos sentido e transformamos o sofrimento em sacrifício. Não seria perguntar-se o por quê sofremos, mas por quem sofremos ou para quê sofremos. Nesse sentido, há uma sabedoria na dor e no luto, não por eles mesmos em si, mas porque, “tanto o luto como o arrependimento têm o seu sentido na história interior do homem” (Frankl, 2016, p. 195). Ele faz sobreviver quem amamos. “O objeto do nosso amor ou da nossa enlutada tristeza perdeu-se objetivamente, no tempo empírico, mas ficou a salvo subjetivamente, no tempo interior: a mágoa do luto mantém-no presente” (Frankl, 2016, p. 195).

Isso, contudo, não quer dizer que devemos permanecer no luto como forma patológica de prolongamento da memória dos que amamos. No tempo de cada pessoa, e conforme a pessoa compreende que “o sacrifício é capaz de dotar de sentido até a morte, enquanto o instinto de conservação, por exemplo, não consegue sequer dar um sentido à vida” (Frankl, 2019, p. 307), ela também é capaz de dotar de sentido o luto vivido através da morte de ente querido ou nas diversas modalidades que o luto se apresenta na realidade humana. Nesse sentido, a arte tem um papel fundamental, especialmente, a partir da perspectiva de Frankl.

3.3 A arte na Logoterapia

A partir da concepção antropológica de Frankl, podemos compreender a arte como propulsora de sentido, pois ela se instala na esfera dos valores criativos pelos quais o ser humano pode encontrar um sentido de viver.

Até aqui mostramos que o sentido da vida sempre se modifica, mas jamais deixa de existir. De acordo com a Logoterapia, podemos descobrir este sentido na vida de três diferentes formas: 1. criando um trabalho ou praticando um ato; 2. experimentando algo ou encontrando alguém; 3. pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável (Frankl, 2022, p. 135).

A arte emana da dimensão espiritual ou *noológica*, do movimento do espírito humano de onde procede a criatividade. Segundo Aquino, (2021, p. 36), “a arte tem a sua origem na profundidade intuitiva do inconsciente espiritual, ou seja, em um inconsciente estético.”

Cabe a Frankl a originalidade do conceito do “inconsciente transcendental” cuja riqueza não está circunscrita somente à dimensão da religiosidade, mas também se refere à dimensão intelectual ou artística, consideradas como forças primárias e dinamizadoras deste mesmo inconsciente. Com isso Frankl restitui à produção humana e à criação artística a dignidade que lhes é merecida, pois emergem não do “porão” dos instintos, mas das alturas do espírito (Xausa In: Frankl, 2017 p. 7).

Para Frankl, esse inconsciente estético, que reside no inconsciente espiritual, conduz a uma consciência artística. Para criar, o artista experimenta deixar-se conduzir, intuitivamente, por essa espiritualidade artística presente em seu inconsciente estético tanto para a produção quanto para a reprodução artística. É isso que poderíamos chamar de inspiração e, com isso, “as fontes das quais ele se alimenta estão e continuam imersas numa escuridão que jamais poderá ser totalmente iluminada pela luz da consciência” (2017, p. 33). Jamais o artista consegue explicar completamente de onde brotou sua arte e como ela é expressa daquele modo. Frankl explica que, ao contrário, a demasiada racionalização interfere negativamente no processo de produção. Quanto mais o artista está numa postura de autocontemplação, de “auto-observação forçada, numa vontade de “fazer” conscientemente aquilo que deveria se realizar por si numa profundidade inconsciente” (2017, p. 34), mais ele encontra obstáculos na sua criatividade artística. Ilustrando tal argumento, Frankl cita o caso de um violinista:

Conhecemos o caso de um violinista que sempre tentava tocar da forma mais consciente possível; queria “fazer” tudo conscientemente, desde o posicionamento do violino até o mais insignificante detalhe técnico de sua execução; fazia tudo com autorreflexão. Tal procedimento só podia levá-lo a um fracasso artístico total. A terapia a que foi submetido teve que eliminar primeiramente essa tendência para a reflexão excessiva, ou hiper-reflexão, e a autocontemplação constante; teve que lançar mão daquela técnica que, num outro contexto, acabamos por denominar de derreflexão. O tratamento psicoterápico precisou devolver a esse paciente sua confiança no inconsciente, instruindo-o de que deveria constantemente se convencer de que seu inconsciente era “mais musical” do que seu consciente. Realmente, a terapia assim direcionada levou, de certo modo, a um desbloqueio das “forças criadoras” e artísticas do inconsciente, precisamente por libertar o processo essencialmente inconsciente de (re)produção da influência inibidora de um excesso de consciência (*Bewusstheit*) (Frankl, 2017 p. 34).

Arte é, desse modo, demonstração de pura autotranscendência. É capaz de produzir arte aquele que experimenta algo nas profundezas de seu ser e transmite numa genuína saída de si mesmo.

A arte é expressão tão profunda do inconsciente espiritual que a sua manifestação só pode ser plena quando a pessoa a vivencia como expressão dessa mesma profundidade. Isso é retratado por Frankl em outro caso quando ele ajudou a interpretar o sonho de um músico.

Ao discutir o sonho com o paciente, evidenciou-se que ele, que era compositor, estivera realmente naquela cidade estrangeira e, durante sua estadia, dedicara-se a um trabalho de composição que lhe dava profunda satisfação; tratava-se de música de conteúdo religioso. No seu trabalho atual, compondo música de *jazz* para filmes, era bem-sucedido, porém não tinha aquela sensação de realização interior. [...] Espontaneamente, porém, declarou que, naquela parte do sonho em que aparece o enorme disco de telefone, ele vê a constatação resignada de que atualmente tem dificuldade de optar. Qual opção?, precisamos perguntar. A resposta é óbvia: a escolha profissional, a decisão entre compor música profana ou sacra, sendo esta última a que representa a sua vocação autêntica (Frankl, 2017, p. 39).

Assim, a busca pela própria autorrealização e sucesso não é o objetivo primeiro da arte. “Sucesso e felicidade devem acontecer e, quanto menos nós nos importarmos com eles, mais eles acontecem”, é o que Frankl aconselha aos jovens, no objetivo de obedecerem à própria consciência artística sem colocarem a autorrealização como foco principal da própria produção (Frankl, 2011, p. 49).

Vemos assim, que a arte é um meio eficaz de descentralização, de expressão profunda do inconsciente intuitivo que existe em cada um de nós, onde reside a verdade pura de nossa essência. Foi exatamente essa perspectiva de ver a arte como modo de entrega e manifestação mais profunda de si mesmo que Frankl utilizou no caso que descreve no tratamento de uma jovem de 19 anos, estudante da Academia Vienense de Artes, que sofria de esquizofrenia. Enquanto ela pretendia centralizar-se na compreensão da doença que a atormentava, Frankl a motivava e buscar aquilo que somente ela poderia realizar no mundo. Isso a curou para voltar a estudar e produzir o que somente ela seria capaz de fazer (Frankl, 2011, p. 158). Desse modo, a arte é expressão de uma vida sadia, não centrada em si mesmo, capaz de impactar no mundo com a entrega do que há de mais sadio e puro em cada pessoa.

A arte, para Frankl, também é expressão da verdade da vida. A arte busca a verdade pura, por isso, arranca-nos das máscaras das mentiras, trazendo a tona o que

muitas vezes tentamos esconder. Ela existe para mostrar a verdade da existência, a verdade “nua e crua” (Frankl, 2019, 335). Por isso, jamais podemos confundir a beleza estética da arte com a beleza cosmética que apenas mascara a realidade.

Esse sentimento pessimista da vida impregna também a arte. A arte nem se deixa “dirigir” nem se deixa “desviar”; não permite ser afastada daquilo que percebe. Se a arte há de ser verdadeira não cabe exigir que seja ao mesmo tempo sempre bela. Isto seria confundir estética com cosmética e fazer do artista o membro de alguma associação de embelezamento da sociedade. Assim como o homem não é um turista solto no mundo, tampouco a arte é uma associação destinada a enfeitar o real (Frankl, 2019, p. 288).

Outro aspecto interessante na visão frankliana sobre a arte é o combate à tendência de ver a produção artística como expressão de algum tipo de projeção psicótica, tão próprio do psicologismo do seu tempo.

É inadmissível, por exemplo, que, só pela circunstância de o conceito de Deus do homem primitivo dever a sua origem à angústia dele perante a violência prepotente da natureza, se discuta a existência de um ser divino; ou que, dado o fato de um artista ter criado uma obra numa situação anímica enfermiça - digamos, numa fase da vida psicótica -, se conclua logo pelo valor ou não valor dessa criação. Embora uma vez ou outra, ocasionalmente, uma obra espiritual ou manifestação cultural originalmente pura possa pôr-se a serviço de motivos ou interesses alheios à sua natureza, - não é só por isso que já se põe em questão o valor do respectivo quadro espiritual. Esquecer a validade interna e o valor originário da criação artística ou da vivência religiosa, em vista da sua eventual aplicação a fins neuróticos, seria ir demasiado longe (Frankl, 2016, p. 53)

Para Frankl, o centro espiritual é sempre sadio. É possível, portanto, que alguém que esteja numa fase de crise psicológica, possa produzir algo verdadeiro e expressão de sua genuína dimensão *nooética*. Nesse sentido, Frankl faz uma crítica ao psicologismo realizado nas obras de Goethe:

Tornou-se moda em nosso tempo avaliar a literatura não só a partir de uma perspectiva psiquiátrica, senão, em particular, a partir de uma psicodinâmica inconsciente, na qual supostamente se fundamenta. [...] O que disso resulta, quando a obra de um poeta é estendida sobre um “leito de Procusto”, podeis julgar pela crítica literária escrita por um dos mais ilustres psicanalistas e publicada numa revista americana em uma obra de dois volumes sobre Goethe: Ao longo de 1.538 páginas, o autor retrata um gênio com sinais particulares de perturbação maníaco-depressiva, paranoica e epileptoide, de homossexualidade, incesto, voyeurismo, exibicionismo, fetichismo, impotência, narcisismo, neurose obsessiva, histeria, megalomania, etc. O autor parece focalizar quase exclusivamente a dinâmica instintiva que serve de alicerce à obra artística. Ele nos quer fazer crer que a obra de Goethe não é mais do que o resultado de fixações pré-genitais. Sua luta e esforço não

seriam por um ideal, pela beleza ou por outros valores, mas, na realidade, pretenderiam superar o problema de uma ejaculação precoce (Frankl, 2015, p. 105).

A arte além de provir das profundezas de nossa dimensão mais sadia, também nos conduz a essa mesma esfera. Devolve-nos ao encontro com o que é mais puro do ser. É um valor intrinsecamente humano e positivo na busca do sentido. É uma revalorização do que há de mais humano no homem (Frankl, 2015, p. 105). Alguém pode sofrer uma patologia psicológica e manter a sua produção artística, inclusive extraíndo o máximo da força de sua dimensão espiritual.

Seu dom artístico permanece intacto e sua produção artística continua como antes, mas isso acontece apesar da psicose e nunca devido à psicose. Uma doença psicológica nunca é em si produtiva, nunca o patológico em si, por si mesmo, é criativo. Só o espírito do homem pode ser criativo, e nunca uma doença do “espírito”, a assim chamada doença mental. O espírito humano pode, porém, justamente na luta com esse destino terrível chamado de doença mental, render o máximo em força criativa (Frankl, 1991. p. 241).

Percebemos, assim, quanto a arte pode ajudar as pessoas a acessarem seu eu mais profundo e a essência de própria identidade positiva.

3.4 A relação entre luto e arte na Logoterapia

Não há na Logoterapia uma relação direta, descritiva e formal da arte e do luto. Nesse sentido, nosso estudo tenta fazer essa aproximação teórica a partir de uma investigação documental das obras de Frankl. Contudo, na abordagem psicoterapêutica de Frankl, a relação entre arte e luto pode ser compreendida a partir da capacidade humana de transformar sofrimento em triunfo, logo, também o luto. A arte, nesse sentido é um recurso que foi vivido pelo próprio Frankl para expressar, elaborar e transcender o luto, ajudando o indivíduo a encontrar propósito diante da perda. É o que veremos especialmente, na vida de Frankl a partir do próximo capítulo.

4 O LUTO E A ARTE NA VIDA DE VIKTOR FRANKL

O capítulo que agora iniciamos tem como escopo identificar as experiências pessoais de Viktor Frankl quanto à morte e a arte, especialmente, nas suas obras biográficas buscando descrever o quanto o contato pessoal de Viktor Frankl com a arte foi terapêutico em seu luto pessoal.

4.1 Viktor Frankl e sua trajetória pessoal

Frankl, quando escreve seu livro “O sofrimento humano: Fundamentos antropológicos da psicoterapia” (2019, p. 309), afirma que a primazia da filosofia não se legitima pelo fator intelectual em si, mas existencial e relata a perda de seu manuscrito na entrada do campo de concentração em Auschwitz. Naquele momento, ele diz que “senti no fundo de si mesmo que mais importante que editar o volume era viver, sofrer e morrer segundo o que prescrevia o texto” (Frankl, 2019, p. 309). E insere uma nota de rodapé em que afirma:

Em matéria de escrever livros, eis como se apresentam as coisas. Escrever não significa muito; mais importante é viver a vida; e muito mais ainda seria escrever um livro segundo o qual se pudesse viver. O máximo, porém, seria levar uma vida sobre a qual se pudesse escrever um livro (Frankl, 2019, p. 309).

Felizmente, Frankl não apenas viveu a vida, mas também escreveu livros que nos ajudam a viver e chegou ao máximo, como dito acima, porque sobre ele muito já foi escrito. Também escreveu sobre si mesmo. Deixou-nos duas grandes obras autobiográficas. Seu clássico: “Em Busca de Sentido – Um psicólogo em um campo de concentração” (2022) e “O que não está escrito nos meus livros: Memórias” (2010). O primeiro concentra-se, sobretudo, no período de reclusão nos campos de concentração em que viveu no período nazista e nos primeiros momentos após a libertação. O segundo, escrito durante toda a sua vida e publicado em seu 90º aniversário, em 1995, é um dos escritos em que Frankl mais relata detalhes de sua vida, desde sua infância até momentos marcantes de sua trajetória como médico, fundador da Análise Existencial e Logoterapia, escritor, professor e conferencista de renome mundial.

Ao descrever sua vida, Frankl também está desenvolvendo os fundamentos da Logoterapia já que toda teorização passa pela vivência existencial. Desse modo, em tudo que Frankl experienciou, ele interpretou e descreveu à luz de sua teoria. Sendo

assim, é fundamental iniciarmos nosso estudo percebendo a trajetória pessoal de Frankl e a importância que ela tem para a compreensão da Logoterapia e, a partir dessa, para nossa pesquisa. Nesse intuito seguiremos, sobretudo, os dois grandes livros autobiográficos de Frankl citados acima.

Viktor Emil Frankl nasceu no dia 26 de março de 1905, num domingo de primavera, em Viena, capital da Áustria, numa família de origem judaica. Ele conta que seu nascimento coincide com o dia da morte do músico e compositor Beethoven, em 1827 (Frankl, 2010, p. 18). O que denota seu conhecimento da cultura musical clássica.

Foi o filho caçula do casal Gabriel e Elsa Frankl. Teve como irmãos mais velhos, respectivamente, Walter e Estela. Sua mãe era de Praga e sua família tinha grande e importante ascendência judaica, pertencia à família do rabino Loew, da mais antiga sinagoga da Europa. Seu tio materno, Oskar Wiener, era poeta e escritor.

Frankl tinha tanta admiração e amor por sua mãe que, quando pensava nela nos campos de concentração e na possibilidade de reencontrá-la, sabia que a única coisa certa a fazer era ajoelhar-se aos seus pés (Frankl, 2010, p. 20).

Já seu pai, Gabriel Frankl, era de Morávia e é descrito por Frankl como oposto de sua mãe quanto ao sentido de dever e de respeito, com um jeito “espartano” e “estoico” de viver. Uma mistura de rigor e simplicidade e de vida, chegando até a certa “irascibilidade” (Frankl, 2010, p. 20). Os espartanos eram conhecidos por seu estilo de vida sem luxo, diretos e claros em suas relações. Viviam uma vida regida pela disciplina e simplicidade.

Quanto à sua profissão, foi servidor público, chegando a ser diretor do Ministério de Administração Social, secretário de ministro político e estenógrafo. No que diz respeito à sua religiosidade, segundo os relatos de Frankl, seu pai era um judeu fiel às tradições de sua religião, mas também um crítico. Contudo, um rabino checo, chamado Ferda, que conhecia bem seu pai, o chamou de “justo”, segundo o título judeu “*zaddik*”, aquele que viveu segundo a Lei de Deus (Frankl, 2010, p. 23).

Ao autoanalisar-se em seu modo de vida, Frankl diz parecer-se mais com o pai, sem, contudo, perder a emotividade da mãe. Durante toda a sua vida, Frankl viveu em Viena e, já na infância, aos seus três anos de idade (Frankl, 2010, p. 27), estava decidido a tornar-se médico. Aos nove anos conheceu os sofrimentos causados pela guerra, na época a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918). Mas relata que, mesmo em meio às privações que um estado em guerra experimenta, sentia-se “seguro, cuidado e

protegido” (Frankl, 2010, p. 28) em seu ambiente familiar o que, com certeza, contribuiu para o desenvolvimento de uma personalidade segura e sensível.

Em meio ao seu desenvolvimento educativo, Frankl não se deteve no puro cientificismo, mas questionava-se sobre o sentido da vida. Ele relata que em uma aula de história natural, seu professor explicava que a vida não passava de um processo de combustão e oxidação. Frankl assustou-se com tal afirmação e disse: “Bem, então que sentido tem a vida?” (Frankl, 2019, p. 27). Já aos dezesseis anos, em 1921, deu uma palestra sobre o sentido da vida na Universidade Popular (Frankl, 2010, p. 63) e começou a desenvolver duas de suas principais teorias. A primeira de que é a vida que nos questiona sobre o sentido e que a resposta só pode ser respondida à medida que somos responsáveis pela nossa existência. A segunda sobre o “suprasentido”, o sentido que transcende nossa capacidade de compreensão.

Tudo isso Frankl já refletia no seu caminho educativo e existencial. Desse modo, vemos como, desde os primeiros tempos de sua existência, havia uma intuição genuína de que a vida tem um valor inviolável, para além do seu aspecto puramente material.

Durante seu ensino médio, estabeleceu contato com Sigmund Freud através de cartas, as quais Freud sempre respondia. Infelizmente, todo esse acervo foi confiscado pela Gestapo. Em 1924, para sua surpresa, seu artigo “Sobre a formação da mímica afirmativa e negativa” foi publicado por Freud na Revista Internacional de Psicanálise (Frankl, 2010, p. 55). Contudo, o único encontro com Freud ocorreu por acaso durante a faculdade de medicina. Naquele momento, Freud mencionou o endereço de Frankl, que ele tinha decorado devido ao volume de correspondências trocadas ao longo dos anos.

Segundo Xausa (2013, p. 25), sua relação com o pai da psicanálise foi marcada por três fases: admiração, questionamento e contestação. Posteriormente, teve uma aproximação da Psicologia Individual de Adler. Mas, também com esse, Frankl passou a encontrar divergência sobre as origens das neuroses.

Aos 19 anos, em 1924, ingressou na Universidade de Viena formando-se em Psiquiatria em 1930, com 25 anos (Xausa, 2013, p. 29). Trabalhou em hospitais psiquiátricos de Viena e concentrou-se na criação de centros de ajuda para jovens na prevenção do suicídio, o que impactou positivamente no combate ao mesmo. Em 1937, abriu seu próprio consultório como médico especialista em neurologia e psiquiatria (Frankl, 2010, p. 88).

Porém, Frankl relata que não pode permanecer muito tempo com seu consultório

particular devido à invasão nazista na Áustria, em março de 1938, quando iniciou a terrível perseguição aos judeus. Foi nesse ínterim que Frankl recebeu um visto para deslocar-se aos Estados Unidos. A dúvida era como deixar seus pais idosos. Frankl relata esse momento decisivo em sua vida:

Sem ter certeza do que fazer, saí de casa para caminhar um pouco, e pensei: “Essa não é uma situação típica que pede por um sinal dos céus?”. Quando voltei, meu olhar se fixou num pequeno pedaço de mármore sobre uma mesa. - O que é isso? - perguntei ao meu pai. - Isso? Ah, eu encontrei hoje sobre um monte de destroços lá onde ficava a sinagoga que foi queimada. Esse pedaço de mármore é parte das tábuas dos mandamentos. Se você se interessa posso dizer-lhe de qual dos dez mandamentos pertencia essa letra hebraica aí cinzelada. Pois só há um mandamento com essa inicial - Qual é? - insisti com meu pai. - Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra... - foi o que ele me respondeu. Então eu fiquei “na terra”, junto aos meus pais, e deixei o visto caducar. Essa é a história do pequeno pedaço de mármore (Frankl, 2010, p. 99).

Essa decisão de permanecer em Viena com seus pais idosos foi crucial para a sua família recém-iniciada com Tilly, sua primeira esposa, com quem se casou, (Xausa, 2013, p. 23), em dezembro de 1941, quando tinha 36 anos. Foram os últimos judeus que puderam casar-se oficialmente (Frankl, 2010, p. 103).

Tilly também tinha parentes que foram deportados e mortos em campos de concentração. Seu pai chamava-se Ferdinand Grosser, foi docente em Porto Alegre – Brasil. Sua avó morreu em 1944, em Theresienstadt. Em outubro do mesmo ano, foi a vez da mãe de Tilly, perdendo a vida nas câmeras de gás de Auschwitz (Frankl, 2008, p. 49).

Era notório o amor e a admiração que Frankl devotou à sua primeira esposa. Ele a descreve em uma de suas cartas arrebatado pela essência que ela portava.

Você não conheceu minha esposa. No entanto, se você quiser ter uma ter uma ideia clara sobre ela, [...] uma garota de 23 anos que encarna um fascinante “modelo de beleza”, de charme original, ou melhor, inocente, que, no entanto, em um ser humano, tomada em toda a simplicidade da sua essência, parece ainda mais único. Não me confunda com um idiota quando confesso que sempre acreditei e afirmei muitas vezes que talvez o tipo de beleza que Tilly representava, poderia ser mais bem rotulado com sua expressão: “exemplar” (2008, p. 37).

Ele relata em sua autobiografia (2010) que a autenticidade e profunda sensibilidade de Tilly o fez apaixonar-se e decidir-se casar-se, “ela era ela”, relata (p. 103). O amor entre os dois nutriu-se de um profundo respeito à individualidade e

autenticidade de ambos. Quanto a isso, Frankl relata dois fatos importantes. O primeiro: “Já estávamos no campo de concentração quando lhe dei uma lembrancinha que consegui arranjar para o seu 23º aniversário (creio), e escrevi: ‘Para seu dia, desejo - para mim - que você se mantenha fiel - a você.’” (Frankl, 2010, p. 103). O segundo deu-se na entrada de Auschwitz:

Quando os homens e as mulheres foram separados. Disse-lhe enfaticamente, de maneira que ela realmente compreendesse o que eu estava querendo exprimir: - Tilly, fique que viva a qualquer preço. A qualquer preço, entendeu? Caso houvesse uma oportunidade de salvar a própria vida trocando-a por favores sexuais, eu queria que ela não se constrangesse por minha causa. Por meio dessa absolvição quase a priori, queria impedir de eu próprio me sentir culpado por tal constrangimento, que poderia lhe custar a vida (Frankl, 2010, p. 107).

Naquelas circunstâncias, era mais importante a vida de Tilly do que os votos matrimoniais de fidelidade. Essa grandeza de amor vai permanecer em todo o tempo no campo de concentração, nas memórias e diálogos interiores que Frankl nutria com sua esposa.

Frankl foi enviado ao seu primeiro campo de concentração em Theresienstadt,⁶ uma espécie de “gueto-modelo” (Frankl, 2010, p. 109), nove meses depois de seu casamento, ou seja, em setembro de 1942, juntamente com sua esposa e seus pais. Posteriormente, Frankl e sua esposa foram deportados juntos para Auschwitz, onde foram separados. Dias depois, também sua mãe foi deportada para Auschwitz. Foi uma escolha de Tilly ir para Auschwitz juntamente com Frankl. Ela pediu permissão para isso e lhe foi concedida, mesmo contra a vontade de Frankl. Ele relata que nunca testemunhou um salto de alegria como aquele, quando Tilly recebeu aquela permissão que não esperava (Frankl, 2008, p. 42).

A viagem para Auschwitz, em 1944, (Frankl, 2010, p. 107) se deu num trem com cerca de 1.500 pessoas e durou alguns dias (Frankl, 2022, p. 22). Frankl a fez na companhia de sua esposa, até serem separados após a entrada em Auschwitz, quando havia a primeira seleção. Nessa seleção eram formadas duas filas, os da direita sobreviveriam, os da esquerda eram destinados para a câmara de gás. Frankl relata em

⁶ Em 24 de novembro de 1941 a cidade de Theresienstadt, na Áustria, foi transformada num gueto murado. O que era na verdade um campo de concentração foi mostrado como um modelo de assentamento de judeus, uma cidade-modelo. Theresienstadt foi usado também como campo temporário de judeus europeus a caminho de Auschwitz. In: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Theresienstadt> Acesso em 20 de setembro de 2014.

sua biografia (2010) que inicialmente foi mandado para a esquerda, mas que deu a volta por trás das costas do Dr. Mengele e foi para a fila da direita, como ele mesmo diz: “Deus sabe como tive essa ideia e de onde tirei a coragem para isso” (2010, p. 111). Essa e outras situações fazem parte daquelas centenas de “milagres divinos ou felizes coincidências” (2022, p. 18) que o mantiveram vivo.

Frankl passou três anos em campos de concentração (de setembro de 1942 a abril de 1945). Dois anos em Theresienstadt e os demais entre os campos de Auschwitz, Dachau, Türkheim, Kaufering III (Pintos, 2013, p. 5). Foi libertado em 27 de abril de 1945, quando tinha 40 anos, e retornou à Viena onde viveu até sua morte. Contudo, os primeiros tempos após a libertação foram igualmente dolorosos e pediram do ex-prisioneiro a necessidade de descobrir um sentido para a vida, o sentido de ter sobrevivido.

Em 1947, casou-se pela segunda vez com Eleonore Katharina. Com ela teve uma filha chamada Gabriele e dois netos, Katharina e Alexander.

Durante os 25 anos seguintes, foi diretor da Policlínica Neurológica de Viena (Frankl, 2010, p. 123), dedicando-se, igualmente, à escrita e sistematização do que se tornou a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia. Foi ainda titular das cadeiras de neurologia e psiquiatria da Universidade de Viena e de Logoterapia da Universidade Internacional da Califórnia. Ainda lecionou na Universidade de Harvard, Stanford, Dallas e de Pittsburgh.

Viktor Frankl faleceu em dois de setembro de 1997 após escrever 39 livros que foram traduzidos vários idiomas (Xausa, 2013, p. 45). Podemos confirmar o que ele escreveu de si próprio, ou seja, ele descobriu o sentido de viver ajudando outras pessoas a encontrarem o sentido de suas vidas (Frankl, 2010, p. 155).

4.2 As experiências com a morte e o luto na trajetória de Viktor Frankl

Os primeiros pensamentos de Frankl sobre a morte se deu na sua primeira infância, por volta dos quatro anos de idade. Ele descreve a experiência, o que deve ter sido profundamente marcante para ele.

Também deve ter sido aos quatro anos que levei um susto, um pouco antes adormecer, perturbado pela ideia de que algum dia eu também teria de morrer. Durante toda a minha vida, porém, nunca tive medo da morte. Ocupava-me mais com outra coisa: a questão de se a transitoriedade da vida

lhe roubava o sentido (Frankl, 2010, p. 27).

Como Frankl descreve, a questão não é o morrer em si. Isso não lhe causava medo, mas, se diante da transitoriedade e da fugacidade da existência, a vida teria sentido. O sentido é o que dá à vida seu grande valor. Não importava, então, viver ou morrer, mas viver ou morrer com sentido.

Em outras palavras, sua preocupação era: qual o sentido da vida diante da morte? A sua resposta encontra-se quando afirma que “é a morte que faz que a vida tenha, enfim, um sentido” (Frankl, 2010, p. 27). Assim, para Frankl, a morte é o que coroa a vida, revelando seu pleno sentido. Mas foi preciso que ele passasse pelo processo das perdas, da morte e do luto para compreender a profundidade existencial de sua afirmação.

Vamos relatar, primeiramente, as experiências de morte física que Frankl viveu. Ele perdeu praticamente todos os membros de sua família em campos de concentração: pai, mãe, esposa e alguns parentes.

Já antes de serem deportados, em setembro de 1942, Frankl e Tilly viveram nove meses em Viena. Nesse período, Tilly ficou grávida. Ali se deu o primeiro sofrimento do casal, quando tiveram que abortar o filho, pois os judeus não poderiam engravidar, sob pena de serem deportados (Frankl, 2010, p. 103).

Com certeza, a dor de um pai de escolher interromper uma gravidez, diante de uma proibição irracional tal como foi a imposta sobre os judeus no tempo nazista, foi sinalizada quando Frankl dedicou ao seu filho o livro “*The unheard cry meaning*”. No Brasil, ele foi traduzido por “Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo”, no entanto, em seu original significa: “O significado do grito não ouvido”. Uma clara menção ao grito silencioso do seu filho não nascido. Esse momento foi para Frankl e sua esposa o início das grandes dores.

Nove meses depois de casados, Frankl e Tilly foram enviados para o “gueto-modelo” de Theresienstadt, juntamente com os pais de Frankl. Lá, passaram cerca de dois anos. Bosi (1999, p. 11) cita que em guetos judeus, como o de Theresienstadt, algumas pessoas importantes poderiam morar em casas com suas famílias, contudo, a maioria era alojada nas casernas que abrigavam de 100 a 400 pessoas, onde os homens eram separados das mulheres. Pintos descreve a realidade de Theresienstadt do seguinte modo:

“Terezín” - esse era o seu nome em checo - funcionou como um gueto entre os anos 1941 e 1945 para mais de 150.000 judeus de diferentes partes da Europa central. Como parte da propaganda nazista para o mundo, este gueto pretendia mostrar uma organização modelo em relação ao tratamento dado à população judaica, negar ou ocultar as histórias que circulavam sobre os campos de extermínio. Originalmente, esta pequena cidade às margens do rio Eger tinha uma população de 3.700 habitantes e apenas dez famílias judias. Quando Frankl foi deportado para lá, atingiria uma população de mais de 53 mil pessoas amontoadas em poucos quarteirões (Pintos, 2013, p. 5).⁷

Não sabemos ao certo qual a condição de Frankl e sua família, no entanto, a vida era feita de privações e medo constante da deportação para os campos de trabalho ou extermínio do leste. Frankl teve que privar-se de uma vida familiar, dos sonhos que nutria com seu casamento, das perspectivas de sua vida profissional e de sua nascente teoria, a Logoterapia.

No período em que passou no de Theresienstadt, entre setembro de 1942 a setembro de 1944, ele viu morrer seu tio materno, Oskar Wiener, quando já se encontrava cego, e seu pai que veio a falecer por inanição quando contava seus 81 anos (Frankl, 2010, p. 17 e 21), em 13 de fevereiro de 1943 (Frankl, 2008, p. 63).⁸

O diálogo final de Frankl com seu pai revela uma personalidade, como ele mesmo afirmava, que conseguia unir objetividade e sensibilidade.

Entre as coisas que eu consegui contrabandear para o campo Theresienstadt havia uma ampola de morfina. Eu a apliquei em meu pai quando vi, como médico, que ele estava diante do edema pulmonar terminal, ou seja, a dificuldade respiratória extrema antes da morte. Ele estava com 81 anos e totalmente desnutrido. Apesar disso, foram necessárias duas pneumonias até que sua vida se fosse. Eu perguntei a ele: - Você ainda está com dores? - Não. - Você tem mais algum desejo? - Não. - Você quer me dizer mais alguma coisa? - Não. Então o beijei e fui embora. Sabia que não mais o veria com vida (Frankl, 2010, p. 23).

Em uma das cartas escritas por Frankl (2008, p. 64), ele relata que, antes de sua morte, seu pai lhe disse: “Você tem a minha benção”. Foi uma morte significativa na vida de Frankl e se deu em 1943 (Frankl, 2010, p. 19). Diante dela, ele conseguiu cumprir com muita objetividade médica o que poderia fazer pelo seu pai, sem perder a sensibilidade filial quando dialoga, beija-o e se despede.

Frankl relata que, mesmo diante de tão dolorosa perda, sua “sensação era a mais maravilhosa possível” (Frankl, 2010, p. 23), porque havia cumprido seu propósito inicial, ficar com seus pais em Viena. E, no momento final de seu pai, pôde acompanhá-

⁷ Tradução livre.

⁸ Em suas cartas, Frankl cita a morte do pai ora em 1943 (2008, p. 42) ora em 1944 (2008, p.49).

lo e aliviá-lo. Essa sensação de leveza também descreve no diálogo com Lapidé, quando conta o que lhe sucedeu após dar a morfina ao seu pai nos últimos instantes de sua vida.

Então ainda permaneci alguns minutos sentado lá, até que a morfina fizesse efeito, fui embora e sabia que não o encontraria ainda vivo mais tarde e fui para outra barraca - um dos momentos mais felizes de minha vida. Eu fiz a minha parte, eu ficara em Viena por causa de meus pais e esperei até sua morte, e ainda lhe aliviei esta morte segundo estimativas médicas (Frankl e Lapidé, 2013, p. 158).

Esse paradoxo entre a dor da perda e a sensação de dever cumprido só podem coexistir quando sentimos realizar-se o sentido de nossas escolhas. Frankl havia feito uma decisão e a viveu responsabilmente até o fim. A morte não significava para ele a frustração de suas escolhas, mas a realização delas.

Mas essa experiência lhe deu uma atenção especial em relação à sua mãe. Após a morte de seu pai, Frankl decide beijar sua mãe todas as vezes que a encontrasse para que, se em algum dia ele fosse separado dela, ter a certeza de terem partido bem um com o outro (Frankl, 2010, p. 19). É inegável que a morte instalou na pessoa de Frankl a urgência do amor, o sentido e o valor do tempo com aqueles que ele amava.

Já sua mãe foi deportada para Auschwitz uma semana depois dele e de sua esposa e de lá foi levada diretamente para as câmeras de gás em outubro de 1944 (Frankl, 2010, p. 20).

Frankl relata que, muitas vezes, no campo de concentração pensava em sua mãe, já distante dela e possivelmente sem saber de sua morte (Frankl, 2010, p. 20). O amor e o respeito cresceram a ponto de tornarem-se reverência. De fato, a memória de nossos entes que já partiram leva-nos a uma percepção mais clara da grandeza que portavam. O “monumento completo” de sua mãe, revelado a partir de sua morte, trouxe a Frankl um tom de veneração, ele sabia que, se viesse a encontrá-la, a “única coisa apropriada a fazer seria ajoelhar-me a seus pés” (Frankl, 2010, p. 20). Talvez porque a morte desvelou mais profundamente a grandeza do seu ser.

Quanto aos seus irmãos, Stella conseguiu emigrar para a Austrália e seu irmão Walter com a esposa, tentando ir para a Itália, foram capturados pela SS em 1941 (Xausa, 2013, p. 22) e posteriormente foi enviado para um campo secundário de Auschwitz. Possivelmente, morreu numa mina (Frankl, 2010, p. 117). No total, Frankl perdeu 13 familiares, entre seus parentes e os de sua esposa Tilly (Frankl, 2008, p. 38).

Sem dúvida, a morte de sua primeira esposa, Tilly, foi uma experiência

profundamente dolorosa para Frankl. Ele soube somente quatro meses após seu retorno a Viena (Frankl, 2008, p. 44). Ele relata do seguinte modo dois fatos curiosos que mostram a profundidade do amor que nutria por sua esposa. Após sua libertação em Türkheim, Frankl conseguiu identificar um pingente que havia dado a Tilly nas mãos de um trabalhador que também havia sido libertado, no qual estava escrito: “O amor faz o mundo girar”. Ele termina o relato dizendo: “Ele estava um pouco amassado, mas o amor continuava fazendo o mundo girar...” (Frankl, 2010, p. 108). Era o modo de dizer que ele ainda a amava, mesmo passando aqueles anos distantes e de imenso sofrimento. Ele continuava acreditando que o amor era mais forte que a morte.

Ainda nesse período, Frankl não sabia exatamente da morte de sua esposa. Só veio a informar-se quatro meses depois de sua libertação quando estava em Viena, em agosto de 1945. Soube que ela morreu em Bergen-Belsen. Ela não resistiu e veio a falecer após a libertação pelas tropas inglesas. Frankl diz que, durante semanas, foi perseguido por imagens dos terrores que poderiam ter ocorridos com sua esposa (Frankl, 2010, p. 108). Presume-se que os primeiros momentos de confronto com a certeza da morte de sua esposa foram imensamente dolorosos e perturbadores.

Não podemos deixar de registrar que também houve outros tipos de perda, de morte para Frankl. Após a perda dos seus entes queridos, a segunda grande perda será de seus manuscritos que representavam sua teoria, como diz em seu livro. Relata como a dor mais profunda que viveu no campo de concentração (2022, p. 138). Tudo aquilo significava deixar, perder, abrir mão de sua própria vida, de planos e sonhos futuros, tais como ele havia projetado. Foi como encerrar a vida até ali (2022, p. 28).

4.2.1 O luto de Viktor Frankl

Após os relatos vividos dentro de um período de três anos e marcados por uma grande luta pela sobrevivência, devemos nos perguntar: como Frankl vivenciou o seu luto após a libertação? O que foi essencial para que ele mesmo não sucumbisse no suicídio?

Ao analisar suas autobiografias, percebemos um percurso, um caminho que ele percorreu e que se torna um protótipo para chegarmos a descrever qual seria um caminho terapêutico para o enfrentamento do luto a partir da vida e da obra de Viktor Frankl. A nosso ver, esse itinerário foi composto por três etapas: *anamnese*, *catarse* e

ressignificação.

4.2.1.1 *Anamnese*

A palavra anamnese vem do grego *anamnēsis*, que significa “reminiscência” (Audi, 2006, p. 405). Frankl relata essa experiência no período da libertação dos presos. Eles não conseguiam apreender a realidade da própria liberdade, porque, por mais livres que agora eles fossem, era necessário um intenso caminho interior para a superação de suas grandes dores. Eles haviam “desaprendido o sentimento de alegria”, relata Frankl (2022, p. 114). Ao dizer isso dos prisioneiros, Frankl está dizendo de si mesmo. Era necessário um novo caminho para aprender a alegrar-se novamente. Frankl caracteriza esse período como uma verdadeira despersonalização, em que a pessoa nem é mais a mesma de antes da perda nem sabe o quem se tornará após o luto, tudo parece “irreal e improvável” (Frankl, 2022, p. 114).

Apreciamos a natureza e entramos para a liberdade. “Para a liberdade”, vou dizendo, e o repito várias vezes em pensamento; mas simplesmente não se consegue apreendê-lo. Em tantos anos de sonhos e de saudades, o termo liberdade ficara muito gasto. Seu conceito perdera os contornos. Confrontado com a realidade, ele se confunde. A nova realidade ainda não consegue penetrar direito no consciente. Simplesmente não se consegue apreendê-la ainda (Frankl, 2022, p. 113)

Ao passo do choque inicial, Frankl e seus companheiros vivenciaram a experiência da memória dos fatos. Eles saltam à mente numa tentativa inconsciente de serem compreendidos e ressignificados. Frankl o viveu como tantos outros prisioneiros, também numa experiência de solidão diante de si mesmo e do seu Deus. Vejamos o relato de Frankl.

Interrompes tua caminhada neste espaço livre, para, olhar ao redor e olhas para o alto - e te prostras de joelhos. Neste momento não sabes muito de ti mesmo nem muito sobre o mundo. Dentro de ti apenas ouves as palavras, e sempre as mesmas palavras: “Na angústia gritei para o Senhor, e ele me respondeu no espaço livre.” - Quanto tempo ficaste ali ajoelhado? Quantas vezes repetiste aquelas palavras? A lembrança já não sabe dizer... Mas naquele dia, naquela hora, começou tua nova vida - isto sabes. E é passo a passo, não de outro modo, que entras nesta nova vida, tornas a ser homem. (Frankl, 2022, p. 116).

“O passo a passo” na enfrentamento do luto de Frankl se dará após a libertação numa necessidade de expor o que foi vivido. É o momento em que a *anamnese* tornar-

se *catarse* na vida Frankl.

4.2.1.2 A *Catarse*

Segundo Aristóteles, a *catarse* refere-se à purificação das almas por meio de uma descarga emocional provocada por um trauma (Aquilino, 1994, p. 46)

É um fenômeno que Frankl, como psiquiatra e prisioneiro, observou em si mesmo e nos prisioneiros. Deixemos o próprio Frankl relatar:

Num dos primeiros dias de volta a Viena, procurei meu amigo Paul Polak e informei-lhe da morte de meus pais, de meu irmão e de Tilly. Lembro-me de que comecei a chorar de repente, e disse a ele: - Paul quando passamos por tanta coisa assim, quando somos tão duramente postos à prova... Confesso que é nessa hora que tudo precisa ter um sentido. Tenho a impressão, não consigo dizer de outra maneira, de que algo estaria à minha espera, de que algo estaria sendo esperado de mim, de que eu era destinado a alguma coisa. Em seguida me senti aliviado. Nessa época, porém, ninguém poderia ter me compreendido melhor, mesmo que em silêncio, do que o bom Paul Polak (Frankl, 2010, p. 123).

Nesse primeiro momento, após a libertação, Frankl precisava encontrar em quem confiar a dor e a incompreensão do sentido de tudo que viveu. Ele encontrou tal confiança em seu “bom amigo Polak”. Chorar, falar dos fatos, expor as dúvidas e deixar que as perguntas postas fossem respondidas pela própria vida foi fundamental para Frankl. Após a libertação, ele teve que encontrar os motivos para continuar.

Outro amigo, Otto Kauders, lhe propôs a escrever. Frankl diz que se pôs a trabalhar nisso a única coisa que podia ter algum significado para ele (Frankl, 2010, p. 124). Ele descreveu através da fala toda sua experiência no campo de concentração. Era a vivência existencial de sua teoria. Foram nove dias ditando o que se tornaria a primeira versão de seu clássico: “Em busca de sentido – um psicólogo no campo de concentração”, enquanto suas memórias estavam vivas e faziam emergir as mais profundas emoções que permaneciam no seu coração. Ele relata em sua autobiografia (2010) que em vários momentos ia à exaustão e caía em prantos ao lembrar-se de sua experiência como prisioneiro.

De vez em quando, ainda consigo ver a cena, caía exausto numa cadeira e começava a chorar. Estava tão emocionado com minhas próprias lembranças, que muitas vezes ainda me apareciam com uma dolorosa clareza. As comportas tinham sido abertas... (Frankl, 2010, p. 124).

Essa foi sua primeira experiência integrativa, a *catarse*, o relato que como ele mesmo descreve eram como “comportas sendo abertas” pela possibilidade de expressar o que havia vivido. Na *catarse* vivida nesses primeiros dias, Frankl conseguiu reviver, compreender e descrever suas experiências e como elas poderiam ser lidas à luz do sentido que ele mesmo sentia pulsar dentro de si. Era a vida convocando-o a transformar toda a escuridão da dor em luz para a vida de muitos.

Toda aquela necessidade de falar, de expor o que foi vivido era um fenômeno próprio dos prisioneiros, Frankl o percebe e descreve como psicoterapeuta (Frankl, 2022, p. 115), mas ele mesmo precisou vivenciar, como um dos passos para entrar nessa vida nova.

Frankl não pretendia publicar esse livro com seu nome, ele repete isso tanto no “Em busca de sentido” quanto no livro “O que não está escrito nos meus livros”. Isso parece ter sido uma renúncia importante para ele, o fato de registrar seu nome a pedido de seus amigos. Revela também uma profunda consciência do vivido e a necessidade de expressar a própria biografia.

4.2.1.3 A resignificação

Após a *anamnese* e a *catarse*, Frankl depara-se com a realidade que o convocava a um novo passo. Ele relata que a pessoa que sai do campo de concentração em um estado de despersonalização precisará de um tempo para reerguer-se psicologicamente e que o caminho para tal enfrentamento está em

Orientá-la para um alvo no futuro, lembrá-la sempre de novo que a vida estaria esperando por ela, que havia alguém esperando por ela. E depois? Depois acaba havendo um ou outro que precisa constatar que não há mais ninguém que ficasse esperando por ele... (Frankl, 2022, p. 118).

Há um confronto entre o futuro esperado e que foi idealizado por quem suportou todo sofrimento na espera de reencontrar sua antiga vida e a realidade encontrada após a libertação. Esse relato fala muito dele mesmo e de seu processo de luto. Qual seria o novo futuro?

Ele foi sendo construído, passo a passo, a partir do momento que ele decide dizer sim à vida apesar de tudo. Esse é o título original de sua primeira obra, “Em Busca de Sentido”, em alemão: “*Trotzdem Ja zum Leben sagen: Ein Psychologe erlebt das*

Konzentrationslager” que numa tradução livre significa “Apesar de tudo dizer sim à vida: um psicólogo vivencia o campo de concentração”.

Após a sua *anamnese* e *catarse*, era preciso dizer sim à vida. Frankl o fez quando aceitou ser diretor da Policlínica Neurológica de Viena por 25 anos, escrevendo os livros que escreveu, dando as conferências que deu, porque entendeu que a convocação da vida era encontrar sentido ajudando outras pessoas a encontrarem o próprio sentido de suas vidas.

Era exatamente por ter sofrido o que sofreu que Frankl conseguia alcançar tantas pessoas em suas mais diversas realidades. Suas perdas irreparáveis foram o fundamento para aquilo que veio a tornar-se. De algum modo, a sensibilidade característica de Frankl aguçou-se para “o ser humano que sofre”. Esse, inclusive, é o último capítulo de sua autobiografia, “O que não está escrito nos meus livros”. Nele, Frankl descreve alguns casos curiosos de pessoas identificadas com o seu sofrimento ou com sua capacidade de importar-se com o sofrimento alheio. É o caso emblemático da mulher que ligou às três da madrugada para Frankl para conversar sobre sua decisão de tirar a própria vida.

O senhor vai se enganar, doutor, se estiver achando que qualquer um dos argumentos que o senhor me apresentou essa noite tiveram o mínimo efeito sobre mim. Se alguma coisa me impressionou, foi o fato de eu tirar um homem do seu sono, e em vez de ficar bravo e brigar comigo, ele me escuta pacientemente por mais de meia hora e depois conversamos. A partir daí cheguei à conclusão de que, se isso existe, então quer dizer que é preciso dar mais uma chance à vida, à continuação da vida (Frankl, 2010, p. 154).

Um forte processo enfrentamento do luto está descrito em seu livro autobiográfico (2010, p. 118), em que Frankl, após sua libertação, retorna à Viena. Questionado pelas pessoas se aquela cidade não o havia machucado o suficiente, Frankl revela o quanto ele conseguiu enxergar o bem que também viveu naquele lugar. Isso nos remete ao processo de superação da dor pela percepção do bem. Quando olhamos para o passado e conseguimos enxergar, apesar do sofrimento, o bem que recebemos, o mal perde sua força e é possível seguir em frente com a vida.

4.3 A arte na vida e no processo de luto de Viktor Frankl

4.3.1 A arte nos primórdios da vida de Frankl

Quando Frankl fala de seus hobbies cita que a arte fazia parte de suas alegrias (Frankl, 2010, p. 48). De fato, desde sua infância havia contato de Frankl com a arte, desde a música, a literatura, o teatro e o desenho.

Frankl relata em sua biografia que, quando criança, dormia embalado pela música “*lang, lang ist's her*”⁹ cantada por sua mãe. Ele tinha noção musical e fez um comentário que sua mãe precisava acertar a melodia (Frankl, 2010, p. 18).

Frankl também teve contato com a poesia desde aquelas de origem Judaica, como as que lia no *Shabat* com seus irmãos (Frankl, 2010, p. 20), como as que ele mesmo compôs. Ele conta em sua autobiografia (2010, p. 27 e 37) que, quando criança e também quando jovem, desejava escrever contos, mas só conseguiu escrever dois poemas aos 15 anos. Um deles é descrito por ele:

Quadro 1 – Poema composto por Viktor Frankl

<i>Mir ward vam Svin und Leben ein Traum: Zwei Sterne sah ich schweben im Raum; Sie wollten werdcn beide ein Eins. Dies Wollcn ward zum Leide – des Seheins! Sie mussten kleiner werdcm doch fern sah ich die beiden werden ein Stern.</i>	Do ser e da vida sonhei: vi duas estrelas flutuando no espaço; ambas queriam se tornar uma só. Esse querer se tornou uma perda – do brilho! Elas tiveram de diminuir, mas ao longe vi as duas se tornarem uma só estrela.
--	--

Fonte: Frankl, 2010, p. 37

É um poema com estrutura simples, mas evoca a complexidade que a união das pessoas exige. Para fundir é necessário diminuir o próprio brilho, no entanto, o processo leva à união e a uma nova luminosidade. A verdadeira união exige perdas e ganhos.

O teatro também está entre os contatos iniciais de Frankl com a arte. Seu irmão organizava peças teatrais (Frankl, 2010, p. 49) e Frankl fazia parte do elenco amador. Também sobre o teatro ele cita com entusiasmo que seu livro “Em busca de sentido – Um psicólogo em um campo de concentração” tornou-se peça de teatro na Austrália (Frankl, 2010, p. 49) e que ele mesmo assistiu quando foi apresentada em Toronto.

⁹ “*Lang, lang ist's her*” é uma canção popular alemã e significa, numa tradução livre, “Já faz muito, muito tempo”. Era conhecida por sua melodia nostálgica e letras que falam sobre lembranças e o passar do tempo.

Outro talento de Frankl era o de fazer caricaturas (2010, p. 57), como a autocaricatura que fez de si mesmo.

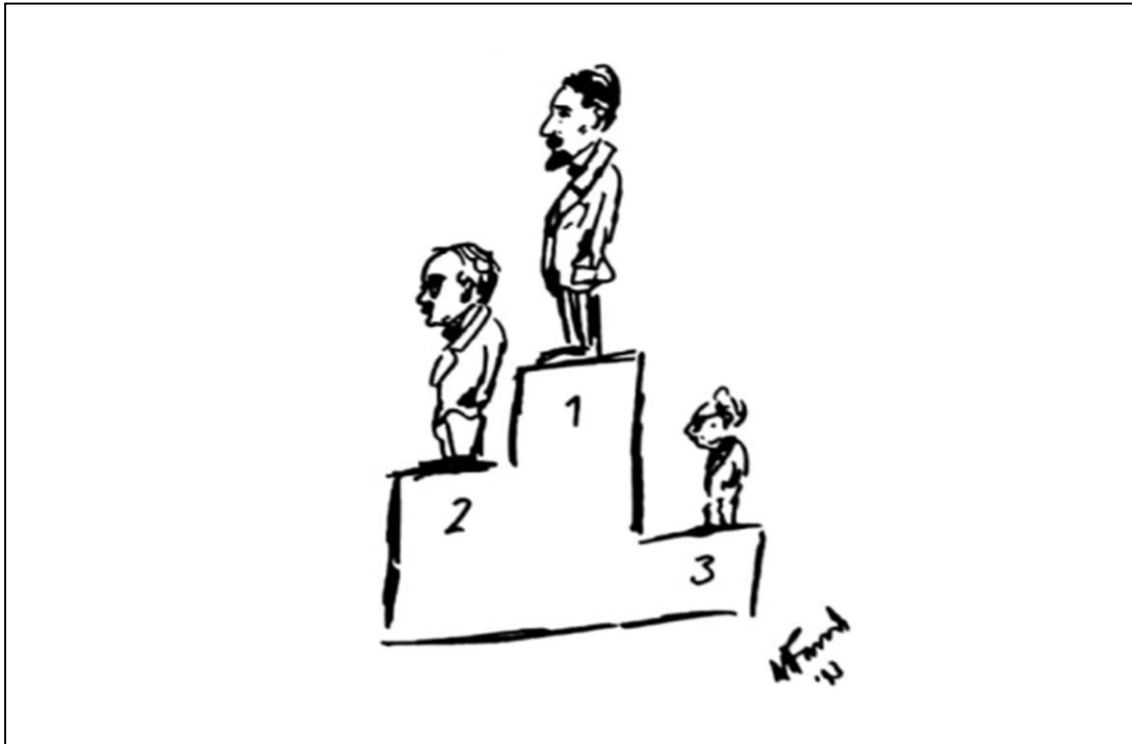
Quadro 2 – Autocaricatura do Viktor Frankl 1

Fonte: Frankl, 2010, p. 58



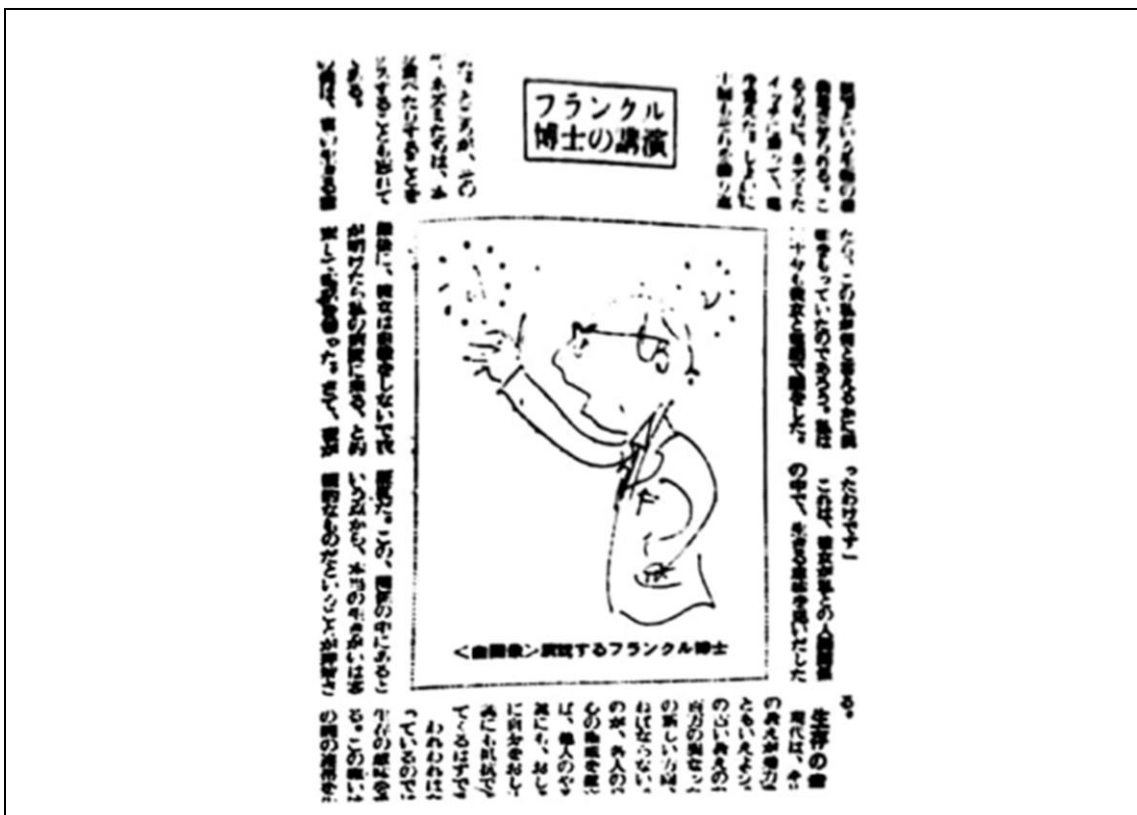
A segunda retrata as três escolas vienenses da psicoterapia (a psicanálise de Freud, a psicologia individual de Adler e a Logoterapia de Frankl). No quadro 4, temos uma autocaricatura publicada em um jornal de Tóquio.

Quadro 3 – Autocaricatura do Viktor Frankl 2



Fonte: Frankl, 2012, p. 330

Quadro 4 – Autocaricatura do Viktor Frankl 3



Fonte: Frankl, 2012, p. 330

4.3.2 A arte nos campos de concentração onde Frankl viveu

Pode parecer contraditório, mas houve também experiências artísticas na vida de Frankl no seu período nos campos de concentração. Como vimos, Frankl passou três anos em campos de concentração: dois em Theresienstadt e um ano entre os campos de Auschwitz, Dachau, Kaufering III e Türkheim (Frankl, 2010, p. 117).

Em relação ao primeiro campo, o de Theresienstadt, na cidade de Terezín, atual República Tcheca, Bosi relata que

Terezin concentrou em si uma terrível beleza. A resistência à “banalidade do mal” se apresentou em formas expressivas na música, na pintura, no teatro, na poesia... A concentração rara de talentos, rara na história da cultura ocidental, servirá aos nazistas de propaganda. Mas também houve uma arte subterrânea, de denúncia (1999, p. 17).

Frankl também confirma o relato acima quando descreve um fato ocorrido na periferia de Theresienstadt em que ele, depois de poucas horas de trabalho, sofreu trinta e uma feridas e foi cuidado por sua esposa, Tilly, na época ainda viva. Nesse mesmo dia, no horário da noite, Tilly o levou para um momento musical.

E à noite, para me distrair um pouco, ela me levou para outra caserna até um evento não totalmente legal onde famosos músicos de jazz de Praga, também prisioneiros, tocavam alguma coisa, o que se tornou durante algum tempo o “hino nacional” não oficial dos judeus de Theresienstadt “*Bei mir bist du schön*”. O contraste entre torturas indescritíveis pela manhã e o jazz à noite foi tão típico para nossa existência com todas suas contradições de beleza e feiura, humanidade e desumanidade (Frankl, 2010, p. 109).

“*Bei mir bist du schön*” é uma canção de Andrews Sisters, “Irmãs Andrews”, um trio feminino norte-americano formado pelas irmãs: LaVerne Sophie, Maxene Angelyn e Patricia Marie Andrews que fazia sucesso no período da vida de Frankl. Uma canção que trata do amor, cantada em meio aquele momento e dor e tristeza, o presente “contraste” vivido no período da perseguição nazista aos judeus. Vejamos a tradução livre da letra.

Quadro 5 – Bei mir bist du schön – Canção de Andrews Sisters
Música cantada entre os prisioneiros de Theresienstadt, entre eles Viktor Frankl

<i>Of all the boys I've known, and I've known some Until I first met you, I was lonesome And when you came in sight, dear, my heart grew light And this old world seemed new to me You're really swell, I have to admit you Deserve expressions that really fit you And so I've racked my brain, hoping to explain All the things that you do to me Bei mir bist du schön, please let me explain Bei mir bist du schön means you're grand Bei mir bist du schön, again I'll explain It means you're the fairest in the land I could say bella, bella, even sehr wunderbar Each language only helps me tell you how grand you are I've tried to explain, bei mir bist du schön So kiss me and say you understand Bei mir bist du schön, you've heard it all before But let me try to explain Bei mir bist du schön means that you're grand Bei mir bist du schön, it's such an old refrain And yet I should explain It means I am begging for your hand I could say bella, bella, even sehr wunderbar Each language only helps me tell you how grand you are I could say bella, bella, even sehr wunderbar Each language only helps me tell you how grand you are I've tried to explain, bei mir bist du schön So kiss me and say that you will understand</i>	De todas as meninas que eu conheço, e conheço algumas, Até que eu te conheci eu era solitário, E quando você veio à vista, querida, meu coração iluminou-se E esse velho mundo era novo para mim. Você está realmente inchar Eu tenho que admitir, você Merecem expressões que realmente lhe cabem, E então eu tenho montado o meu cérebro, na esperança de explicar Todas as coisas que você faz para mim. Comigo você é linda Explicar, por favor deixe-me, Comigo você é linda Significa que você está grande. Comigo você está certo, eu vou explicar de novo, Isso significa que você é a mais justa na terra. Eu poderia dizer: “Bella, Bella” até dizer "Wunderbar. Cada língua só me ajuda a dizer-lhe como grande você é. Eu tentei explicar "With Me You Are Beautiful". Dom me beijar e dizer que você entenda. Comigo, você é linda, você já ouviu tudo isso antes Mas deixe-me tentar explicar Comigo você está bonito, que você está grande Comigo você é linda, é como um velho refrão e ainda devo explicar Isso significa que eu estou pedindo a sua mão Eu poderia dizer: "Bella, Bella, mesmo dizer" Wunderbar " Cada língua só ajuda a me dizer-lhe que você está grande.
---	---

Fonte: <https://lyrics.lyricfind.com/> Acesso em 08 de outubro de 2024.

Compositores: Jacob Jacobs / Sammy Cahn / Saul Chaplin / Sholom Sholem Secunda
Letra de Bei Mir Bist Du Schön © Concord Music Publishing LLC, Warner Chappell Music, Inc

Em suas cartas, Frankl relata em primeira pessoa sobre a importância da arte no Campo de Theresienstadt: “É difícil descrever a contribuição no campo musical prestada em condições particularmente difíceis por muitos músicos, cantores, etc.” (2008, p. 36).¹⁰ A música nos campos era um verdadeiro contraste e entre horror e alegria.

Frankl descreve essa mesma ideia de “contraste” ao tratar da arte nos campos posteriores em que viveu após separar-se de sua esposa e de seus pais.

¹⁰ Tradução livre. Original: “Riesce difficile descrivere il contributo in ambito musicale prestato in condizioni particolarmente difficili da molti musicisti, cantanti, ecc.”

De um modo geral, toda a assim chamada atividade artística no campo de concentração naturalmente apresentava muitos aspectos grotescos. Eu diria, até, que a experiência propriamente dita daquilo que, de certa forma, está ligado à arte, provinha antes do tremendo contraste entre o que era apresentado e o pano de fundo da desolada vida no campo. (FRANKL, 2022, p. 61).

O “contraste” entre o belo e o horror fazia-se sempre presente em todo tempo na experiência de Frankl. A arte emergia como uma forma de resistência da beleza e o convite à imersão em uma vida mais interior. Em sua obra autobiográfica (2022) ele relata:

Esta tendência para a interiorização, ao manifestar-se em certos prisioneiros, possibilita a mais viva percepção da arte ou da natureza. A intensidade dessa experiência faz esquecer por completo o mundo que o cerca e todo o horror da situação (Frankl, 2022, p. 57).

Essa é a primeira vez em que Frankl trata diretamente da arte no livro “Em busca de sentido – Um psicólogo no campo de concentração”. Ao adentrar no tema, o faz num contexto em que relata a possibilidade de abstrair-se de todo horror que cercava aquele que estava em um campo de concentração, fazendo o exercício do “mergulho” na própria interioridade, revisitando seu passado, o depósito das experiências mais significativas já vividas.

O próprio Frankl se perguntava se seria possível arte em um campo de concentração (2022, p. 59). Para responder sua própria pergunta, ele primeiro precisou esclarecer o conceito de arte, e o faz de forma indireta.

No campo de concentração, havia alguns artistas no sentido mais complexo do termo: músicos, cênicos, literatas e artistas plásticos. Mas, nos relatos de Viktor, o que mais se sobressai são os momentos em que os próprios prisioneiros improvisavam em seus barracões, verdadeiros “palcos” da arte de viver. Sem tantas pretensões ou talentos, até mesmo com traços grotescos, eles encontram, naqueles instantes de riso ou choro, momentos para “esquecer”, como dizia Frankl, aquele ambiente de pavor, ou, na verdade, para “lembrar” o que estava para além daqueles muros.

Frankl segue seu relato descrevendo a experiência de uma viagem (2022, p. 57) no transporte de prisioneiros de Auschwitz para Baviera, em que, por entre as grades de um vagão, pôde contemplar as montanhas de Salzburgo. Naquele instante, tanto ele quanto seus companheiros foram tomados de estupor ante a beleza da natureza. Nesse mesmo trecho, ele relata que um de seus companheiros exclama após ver a beleza de

um sol que se punha: “O mundo poderia ser tão belo!” (Frankl, 2022, p. 58). Um misto de contemplação, nostalgia e esperança.

De fato, havia manifestações artísticas nos campos de trabalho. Sobre isso, Frank relata:

Vale dizer que vez por outra havia inclusive teatro improvisado. Desocupava-se provisoriamente um barracão, improvisavam-se alguns bancos de tábuas e elaborava-se um “programa”. E à noite vêm aqueles que passavam relativamente bem no campo, como por exemplo, os Capos ou os que trabalhavam no depósito e não precisavam marchar para o trabalho externo; eles vêm para rir ou chorar um pouco, em todo o caso para esquecer. Apresentam-se algumas canções e recitam-se poemas, contam-se ou apresentam-se cenas cômicas, ou mesmo sátiras alusivas à vida no campo de concentração, tudo para ajudar a esquecer. E realmente ajuda! Ajuda a tal ponto que alguns prisioneiros comuns, não privilegiados, vêm para esse teatro mesmo exaustos da labuta do dia, e mesmo perdendo por isso a distribuição da sopa (Frankl, 2022, p. 59).

Vivenciar algum tipo de experiência bela que a arte propicia era mais importante para alguns que a escassa sopa servida após um dia exaustivo de trabalho. Isso nos faz pensar o quanto a arte é uma forma de alimento do espírito humano.

De algum modo, aqueles que tinham o talento musical se destacavam seja diante dos dirigentes do campo, já que “sem demora os nazistas compreenderam o quanto a música poderia servir de propaganda para um campo modelo onde era tão prazeroso viver” (Bosi, 1999, p. 20), como entre os prisioneiros, como relata Frankl.

Quem fosse privilegiado com uma voz realmente boa, era alvo de inveja, e não pouca. Durante a meia hora de intervalo do meio-dia, nos primeiros tempos de nosso internamento no campo de concentração, era distribuída uma sopa no próprio local da obra (a sopa era providenciada pela firma construtora, que não tinha interesse em investir muito na mesma). Durante esse intervalo podíamos reunir-nos na sala de máquinas ainda em construção; na entrada cada um recebia uma concha de sopa rala. Enquanto a sorvíamos sequiosamente, um companheiro subia num tonel e cantava árias italianas. Enquanto para nós isto representava um deleite musical, ele tinha garantida uma ração dupla de sopa, “do fundo”, ou seja, até com ervilhas. (Frankl, 2022, p. 60).

Sendo assim, a arte sempre esteve presente no percurso humano, mesmo nos momentos mais difíceis e desafiadores da história da humanidade.

4.3.3 A arte no luto de Frankl

Pudemos verificar a arte em várias etapas de Frankl, nos primórdios de sua vida

e no período do campo de concentração. Mas, como é objetivo desse estudo, queremos nos deter em como a arte o ajudou nas fases de seu luto como descrevemos: *anamnese*, *catarse* e ressignificação. De fato, foi no período do luto de Frankl que a arte também o ajudou a expressar e ressignificar a dor que viveu.

Em sua *anamnese*, a memória que Frankl viveu o remeteu à literatura salmista de sua experiência judaica. Foi com o salmo “Na angústia gritei para o Senhor, e ele me respondeu no espaço livre.” (Salmo 120,1). Os salmos eram parte da poesia religiosa dos judeus. É isso que lhe vem à mente no seu momento de consciência que está vivo, que está livre, que resistiu. Ele relata que não sabe quanto tempo ficou ali, ajoelhado, repetindo esse verso. É a força entranhada em sua experiência religiosa e cultural que lhe dá uma forma de expressar seus sentimentos naquele momento histórico.

Já em seu processo *catártico*, mais uma vez, a arte poética lhe dá suporte para expressar seus sentimentos. Seja através da escrita, quando passou nove dias ditando seu relato na experiência do campo de concentração, como na composição dos poemas. No seu processo de enfrentamento do luto, Frankl compôs uma letra que foi musicada por um especialista, tornou-se um tango usado num programa de televisão (Frankl, 2010, p. 48) e apresentada por uma orquestra. Ele o fez para a sua primeira esposa, num claro processo de vivência do luto de quem tanto amava.

Quadro 6 – Letra do Tango composto por Viktor Frankl

Que eu sempre em você
Tenha que pensar,
Isso me faz triste:
Eu penso o dia inteiro,
A noite inteira
Somente em você.
Porém que eu sempre
Consiga sonhar com você,
Isso me faz feliz:
Feliz – todas as noites
Nas quais você
Aparece
No entanto, quando se faz manhã,
E se acorda,
Então aguardo impientemente
Que se faça noite
Pois – Que eu sempre em você
Tenha que pensar

Fonte: Aquino, 2017b, p. 52.

O eu lírico expressa, através da estrutura da repetição poética, o quanto a sua amada estava em seus pensamentos e sonhos. O sonhar com os entes queridos é muito

presente no processo de luto, um modo de elaborar a perda e a saudade. O poema reflete o misto dos sentimentos que envolvem a tristeza da saudade e a alegria das memórias vividas. Tudo isso emerge poeticamente no processo de elaboração do luto na vida de Frankl.

Frankl escreveu outro poema, em 1946, que refletia o seu estado de alma em seu processo de luto (Frankl, 2010, p. 118).

Quadro 7 – Poema composto por Viktor Frankl 2

<i>Ihr lastet so auf mir, ihr meine Toten: ihr seid um mich als schweigende Verpflichtung, für euch zu sein; so ist mir nun geboten zu tilgen, was euch schuldet die Vernichtung, bis ich erfahre, dass in jedem Glühen der Sonne euer Blick um Ausdruck ringt, bis ich gewahre, dass in allem Blühen des Baums ein Toter da ist, der mir winkt, bis ich vernehme, dass ihr jedem Vogel zu seinem Zwitschern eure Stimme leiht: sie will mich grüssen - oder vielleicht sagen, dass ihr mein Weiterleben mir verzeiht.</i>	Vocês me pesam tanto, meus mortos: vocês estão ao meu redor como obrigação silenciosa, de servi-los; assim é preciso pagar pelo que o extermínio lhes deve até eu descobrir que em cada raio de sol seu o olhar luta por aparecer até eu distinguir que em todas as flores é a obra de um morto que me acena até eu perceber que para cada pássaro trinar, vocês emprestaram sua voz ela quer me cumprimentar, ou talvez dizer que vocês perdoam que eu continue a viver.
--	--

Fonte: Frankl, 2010, p. 117

Frankl tem uma obrigação silenciosa para com seus mortos, ele os carrega, e isso lhe pesa. A obrigação é uma forma de atenção e respeito. A memória deles exige que lhes seja pago o mal do Holocausto. No entanto, Frankl vai descobrindo que o melhor modo de reverenciá-los é perceber eles continuam em sua vida, de um modo novo. Eles desejam cumprimentá-lo e perdoá-lo por continuar vivo. No fundo, o eu lírico revela o sentimento de culpa muito presente naquele que permanece vivo enquanto os seus entes morreram.

Assim, já numa fase posterior em sua elaboração do luto, nesse poema Frankl descreve o perdoar-se por continuar vivo e por seguir a vida, deixando que a memória dos que já partiram seja sentida de outro modo, honrada, mas sem que o impeça de viver. Frankl deseja a paz com os que já morreram para que possa continuar a realizar sua vida.

Mas um importante momento da sua ressignificação se dá quando Frankl escreve uma peça teatral pouco tempo após sua libertação (Pintos, 2013, p. 6), em 1947, chamada em espanhol *Sincronización en Birkenwald*. A denominação é fictícia e une o nome de dois campos de concentração: “Birkenau” e “Buchenwald”. Pintos relata no prefácio da obra como Frankl descreveu a escrita da peça ao Dr. Fabry, em junho de

1964:

O ano de 1946 foi escolhido porque escrevi o texto naquele ano, acalmando minha alma num domingo chuvoso de outubro, sem preparação prévia, em nove horas, em taquigrafia, acompanhado apenas de meia dúzia de canecas de café. A visão era tão superficial que, quando ditei tudo o que havia escrito, no dia seguinte, não consegui reconhecer passagens como algo que eu mesmo havia escrito. Mais tarde, no mesmo ano, li o texto antes [...] do Professor Ludwig van Ficker, em Innsbruck. Ele imediatamente se apropriou dele e publicou-o no seguinte edição do Brenner, o órgão literário mais exclusivo da área de língua alemã. Naquela época eu insisti no uso do pseudônimo Gabriel Lion. Gabriel era o nome de batismo do meu pai, Leão era o nome de solteira de minha mãe. Hoje eu estaria disposto a revelar esse pseudônimo (Pintos, 2013, p. 6).¹¹

O diálogo se dá entre doze personagens. Três deles são filósofos: Spinoza, Sócrates e Immanuel Kant. Os outros são prisioneiros ou guardas do campo de concentração: Kapo, Franz, Karl, Fritz, Ernst, Paul, Madre (Mãe), Ángel Negro (Anjo Negro), Sargento Segundo de las SS (Segundo Sargento da SS).¹²

Num tom ora cômico ora dramático, o roteiro descreve o processo de perdas de Frankl vivido com seus entes queridos e como o enfrentamento da dor e do luto se dá pela descoberta do sentido do sofrimento, dizendo sim à vida apesar de tudo, através do personagem Franz. É uma peça sem espectadores. Na verdade, em determinado momento, os filósofos revelam que não conhecem quem é o grande expectador das próprias vidas. Ele está na escuridão, porém nos observa (Frankl, 2013, p. 29). Desse modo, é um diálogo metafísico em dois planos, o da eternidade e o temporal, mas deixa-se entrever a presença do nível divino ou superior à própria eternidade que participa de algum modo da construção do enredo. No plano da eternidade, estão os que já partiram tanto os filósofos quanto os que morrem ao longo do enredo.

O diálogo inicia entre os três filósofos sobre o tempo e a eternidade, num tom cômico e com várias referências às teorias de cada filósofo. Eles refletem que na realidade temporal cada um cuidava das próprias prioridades, mas na eternidade “não há antes ou depois, não há primeiro ou segundo” (Frankl, 2013, p. 9). Aos poucos, o diálogo entre os filósofos discorre na hipótese de poder haver algo em que acreditar na temporalidade. A questão é a existência humana diante dos horrores de duas guerras vividas, já que elas instalaram certa descrença, “poucos sabem o que querem” (Frankl,

¹¹ Todos os textos do original em espanhol seguem uma tradução livre para o português nessa dissertação com o objetivo de melhor compreensão da obra.

¹² Foi conservado no nome da tradução espanhola. Entre parênteses, em tradução livre, estão os nomes em português.

2013, p. 10). Eles se perguntam, então, sobre o que fazer. Eles, que já estão na eternidade, pensam em enviar um deles à terra, mas receiam que ninguém os escute, já que os homens não se creem em mais nada. Eles se perguntam como criar o desejo da verdade nas pessoas na terra, diante do niilismo e do materialismo arraigados no tempo.

É nesse contexto que, na voz de Sócrates, Frankl faz uma bela afirmação sobre como ajudar às pessoas a encontrarem novamente em que acreditar. “Arte! Dizem que somente pelo caminho da arte você pode influenciar as pessoas lá embaixo” (Frankl, 2013, p. 13). Desse modo, a peça aponta como a arte pode ser uma via de reencontro com um sentido para a vida. A arte mostra a realidade às pessoas para que elas descubram a própria realidade (Frankl, 2013, p. 14).

É nessa hora que os filósofos decidem montar uma peça teatral para que suas reflexões possam ser percebidas. O intuito é apresentar às pessoas que o ser humano, mesmo no céu, na terra ou no inferno, continua sendo um ser humano (Frankl, 2013, p. 16).

Nesse momento, as cortinas se abrem e aparece o cenário em que se pode ver um quartel abandonado e as ruínas de um campo de concentração, chamado ficticiamente de “campo de concentração de Birkenwald.” Lá estão os demais personagens da peça. Eles conversam sobre as situações próprias do campo, a possibilidade de morrerem na câmara de gás ou de saírem vivos daquela situação.

Após ouvirem o diálogo dos prisioneiros, os filósofos compreendem que, para esses, a existência consiste no equilíbrio entre fazer o bem e prosperar, entre mérito moral e dinheiro. No entanto, exclama Spinoza, “*Beatitudo ipse virtus*”, só os virtuosos são felizes. É, portanto, essa existência que a peça quer inspirar a viver.

Alguns personagens representam aqueles que foram significativos na vida de Frankl. Entre os personagens, Franz parece representar o próprio Frankl, Karl seu irmão, Madre sua própria mãe e Paul, talvez, lembra seu amigo Paul Polak. Desse modo, percebe-se a leitura teatral que Frankl faz da própria realidade. É uma forma artística de descrever a própria experiência vivida. Vejamos um trecho em que isso é bem evidente:

Karl: Primeiro você poderia ter emigrado para a América, mas não, você não quis deixar em perigo sua família. E qual foi o resultado? Que nossa irmã teve que se sacrificar para salvá-lo da Gestapo. E depois da morte de Evi, nosso pai morreu de tristeza e doença. Então foi a minha vez. Agora nossa mãe está sozinha e Deus sabe se ela ainda vive (Frankl, 2013, p. 19).

Frankl, durante o roteiro, está elaborando um diálogo com seus entes queridos. É introduzido diretamente o tema da morte e o peso da escolha que fez em permanecer em Viena e não partir para os Estados Unidos para permanecer com sua família. É nessa hora que o tema se dirige à questão sobre o sentido da vida.

O personagem Franz, de certa forma, passa pela crise sobre o quanto vale a vida diante do horror que passa. Ele e Karl entram num diálogo se permanecer vivos naquelas circunstâncias tem algum sentido, mas também se a própria morte tem sentido.

Entra em diálogo a Madre que representa a mãe de Frankl que novamente põe em destaque a escolha de Frankl em partir ou permanecer em Viena. Essa escolha foi profundamente decisiva para Frankl. Ela colocou em questão sua vida ou a sua morte. Foi uma escolha por amor aos seus pais. O diálogo segue e a mãe relata aos filósofos a saudade que sente de seus filhos e se não seria possível trazê-los para ela. Nesse colóquio, está implícito o sentimento de saudade que Frankl sente de sua mãe e a questão se vale a pena abreviar a vida para encontrar-se com os que já partiram.

No texto, a mãe revela que recebia quase uma carta por dia de seu filho. Talvez uma menção sobre o período em Theresienstadt. Frankl descreve como tudo aquilo era carregado de sentido: “Ah, se as pessoas soubessem que tudo tem um sentido e que o significado é maior do que aquilo que lhes chega.” (Frankl, 2013, p. 22). Assim, em seu período de luto, através do roteiro teatral, Frankl vai fazendo *anamnese* de seu próprio percurso no campo e como tudo que viveu era carregado de sentido porque envolvia aqueles que ele amava.

O diálogo retorna entre os filósofos sobre o quanto aquilo que fizemos na temporalidade continua com pleno sentido na eternidade. Eles citam as obras intelectuais, mas também as obras artísticas, como a Sinfonia em Si menor de Schubert.

Noutra cena, o diálogo retorna entre os que estão no campo de concentração. Os irmãos Karl e Franz perguntam se sua mãe ainda está viva. Um trecho que merece ser relatado na íntegra:

Karl: Nossa mãe ainda estará viva?

Franz (em voz baixa): Mãe, você ainda está viva, mãe? Diga-nos, mãe: você ainda está viva?

Karl: No que você está pensando? Por que você não fala? Por que você está tão quieto, Franz?

Franz (ainda sussurrando, melancólico): Mãe, você ainda está viva? Diga-nos, mãe: ainda está viva? (Frankl, 2013, p.23)

Sabemos que Frankl não sabia o paradeiro de sua mãe após a separação em Theresienstadt. Ela foi transportada para Auschwitz dias depois de Frankl e sua esposa e levada diretamente para as câmeras de gás. Sem saber ao certo de sua morte durante o tempo que permaneceu nos campos de trabalho, Frankl deve ter vivido um grande tormento interior. O diálogo acima retrata isso: “Diga-nos, mãe: você ainda está viva?” Em outro trecho a mãe descreve que Franz pensava continuamente nela e que suas dúvidas o atormentavam muito (Frankl, 2013, p. 23).

Contudo, a fala seguinte de sua mãe revela o processo interior de Frankl na resignificação da presença materna:

Mãe (se aproximando): Não posso te contar, meu Franz. Não me é permitido te contar. Mas o que importa se eu vivo ou não? (Com ênfase.). Acaso não estou ao seu lado de uma forma ou de outra? Ao seu lado em qualquer caso? (Frankl, 2013, p. 23).

Frankl começa a entender o sentido da presença “ausente” que sua mãe continua tendo em sua vida. É uma nova significação da presença. No roteiro, as falas revelam o processo de Frankl. Ele entende que só o tempo poderá amenizar a saudade e resignificar a presença.

Entra em cena outro personagem, o anjo negro. Ele diz que, diante do apelo da mãe de ter seus filhos ao seu lado, ele terá que “descer” para por os filhos em prova. O anjo irá disfarçado de um membro da SS. A prova consistirá em atormentar os filhos até o limite. Assim, se verá quem são (Frankl, 2013, p. 25).

Nesse ponto, o tema do sofrimento é introduzido como prova para o conhecimento mais profundo de nossos limites e possibilidades. O sofrimento mostra-nos do que somos capazes para o bem e para o mal. Entre o diálogo sobre o tema, através da fala de Spinoza, Frankl pergunta: o que é a dor? “O sofrimento também faz parte da vida e pode ter significado.” (Frankl, 2013, p. 30). Contudo, não é fácil percebê-lo quando estamos vivendo na própria pele.

O roteiro põe uma despedida entre os irmãos, Fraz e Karl: “Adeus, meu Franz. Não desista!” (Frankl, 2013, p. 25) é uma das frases finais de seu irmão. Uma forma de Frankl descrever o quanto teve que repetir para si mesmo o imperativo de resistir. A morte de seu irmão será também descrita por Frankl nesse momento: “Queríamos ficar juntos” (Frankl, 2013, p. 26).

Frankl não sabia de que modo seu irmão morreu nos campos. Também não sabia exatamente da morte de sua mãe e de sua esposa. Desse modo, diante de tantos horrores e mortes ao longo do tempo no campo, Frankl deve ter se questionado muitas vezes se haveria alguém o esperando em casa (Frankl, 2013, p. 27). Ele relata algo extremamente forte em sua autobiografia: “Nos campos de concentração nazistas poder-se-ia ter testemunhado que aqueles que sabiam que havia uma tarefa esperando por eles, tinham as maiores chances de sobreviver” (Frankl, 2022, p. 129). Em outro trecho ele diz: “Ai daquele para quem não existe mais a razão das suas forças no campo de concentração - o ente querido.” (Frankl, 2022, p. 118). Saber que algo ou alguém espera por nós é extremamente importante na resistência ao sofrimento. Frankl viveu isso em seu tempo de prova.

Tais provas levam a pessoa a questionar-se sobre permanecer ou não vivo. Contudo, em determinado momento, através do personagem Kant, Frankl afirma que “o ser humano pode ser mais forte que a natureza, incluindo a sua própria natureza” (Frankl, 2013, p. 34), mas para isso é necessário que tenha um conceito bom de si mesmo e do outro para exigir nada menos que o bem de si e dos demais.

No enredo, após a partida de seu irmão, Franz sente-se sozinho. Não entende porque foi seu irmão e não ele. Assim, no enredo, a personagem Franz parece supor a ideia do suicídio. Resta-lhe seu amigo, Paul dialoga com Franz sobre tais pensamentos e sobre o sentimento de depreciação que lhe sucumbe. Vejamos um trecho:

Franz: Eu queria... Sim, eu queria, queria várias coisas. Uma vez sonhei, sonhei com os prisioneiros nos campos e que alguém estava me perguntando algo, perguntando se eu queria ir voluntariamente para ajudá-los. E Deus sabe que nunca senti tanta alegria em minha vida como quando no sonho eu respondi “sim” e cruzei para o outro lado da cerca quilométrica, para estar ao lado dos presos nos campos, que eram iguais a este. E meses depois, quando eu realmente cheguei lá, quando eu estava realmente lá, ou seja, aqui, então eu falhei! Sou um desgraçado fraco, nem um pouco melhor que os outros, os kapos, os SS (Frankl, 2013, p. 38).

No fundo, Frankl sente o peso de ver-se no limite de si mesmo. O sofrimento é o momento de grande revelação também dos próprios limites. O diálogo revela essa crise existencial que o sofrimento traz à tona. O sonho que a personagem Franz retrata refere-se, de fato, a um sonho que Frankl teve e que descreve em sua autobiografia.

Durante a Segunda Guerra Mundial antes ainda de entrar no campo de concentração, à época das eutanásias dos doentes mentais, tive um sonho que

mexeu muito comigo. Profundamente compadecido dos doentes mentais, sonhei certa noite que algumas pessoas se dirigiam à câmara de gás para a eutanásia, e eu espontaneamente me juntei a elas. Percebe-se um paralelo com a ação do famoso pediatra polonês Janusz Korczak que decidiu acompanhar os órfãos a ele confiados até a câmara de gás. Ele o fez, eu apenas sonhei (Frankl, 2010, p. 35).

Esse relato revela aspectos da personalidade de Frankl, tal como a profunda sensibilidade que ele possuía em relação aos mais vulneráveis, seu desejo de salvar a pessoa humana em qualquer que fosse sua condição. Contudo, Frankl ainda não conhecia de perto o horror de uma câmara de gás, não se conhecia naquelas circunstâncias. Quando está no campo ele vê também seus limites, seus medos, seus fracassos, como qualquer outro ser humano. O campo para Frankl, assim como qualquer sofrimento humano, foi uma escola de autoconhecimento e amadurecimento, o lugar das perdas de ilusões consigo mesmo e com o mundo.

Parece que o campo de concentração foi minha verdadeira prova de maturidade. Eu não precisaria ter passado por ela - eu poderia ter escapado, conseguindo emigrar a tempo para os Estados Unidos. Lá eu poderia ter desenvolvido a Logoterapia, lá poderia ter completado a obra da minha vida, realizado as tarefas da minha vida, mas não foi isso que fiz. E assim cheguei a Auschwitz. Esse foi o *experimentum crucis*. A capacidade primordial humana da autotranscendência e a do autodistanciamento como tanto enfatizo nos últimos anos, foi verificada e validada existencialmente no campo de concentração (Frankl, 2010, p. 114).

Esse amadurecimento que Frankl viveu manifestou-se numa percepção mais clara sobre a pessoa humana. Ela pode permanecer humana nas piores circunstâncias. Nesse sentido, há um trecho em que o personagem Franz diz que prepara uma lista de pessoas que por trás do uniforme que tanto odiavam mantiveram o coração, quem, apesar de tudo, permaneceu um ser humano. “Uma lista branca, ou seja, uma lista branca é o que preparei. E eu tenho que correr para ajudar e salvar para essas pessoas” (Frankl, 2013, p. 39). Um momento forte de ressignificação, quando o perdão manifesta-se também por aqueles que poderiam ser vistos indiscriminadamente como inimigos.

De fato, Frankl sobreviveu ao campo e sempre foi contrário à culpa coletiva que tomou o sentimento de muitos no pós-guerra.

Quanto ao conceito de culpa coletiva, penso pessoalmente que é totalmente injustificado responsabilizar uma pessoa pelo comportamento de outra ou de um grupo de pessoas. Desde o final da Segunda Guerra Mundial, não canso

de argumentar publicamente contra o conceito de culpa coletiva (Frankl, 2022, p. 171).

Frankl não viveu num ressentimento destrutivo. Ao contrário, cresceu e amadureceu em direção ao amor à humanidade. “Acima de tudo eu não traio uma coisa: a humanidade” (Frankl, 2013, p. 40), dizia através do personagem Franz. Só quem teve a possibilidade de viver a ressignificação da dor e da perda pode amar novamente, pode sepultar os seus entes e continuar amando e servindo aos que vivem.

O diálogo entre as personagens Franz e Paul se estabelece, então, sobre o tema da injustiça ao inimigo, àquele que nos fez o mal. De fato, a tendência à vingança e ao ódio tão presente entre pessoas que viram seus entes queridos morrerem de modo injusto foi superada em Frankl em seu processo de luto e integração da morte dos seus. Essa superação do ódio denota que Frankl soube ressignificar suas perdas. Frankl foi terminantemente contra a “cadeia do mal”.

Franz: O destino justo deles... E o que você chama de justiça? Responder ao ódio com mais ódio, à injustiça com mais injustiça? Fazer o mesmo que eles fizeram, para tratá-los como nos trataram? Isso não é de forma alguma justiça. Isso só perpetua a injustiça (Frankl, 2013, p. 40).

Após esse diálogo, entra em cena outro personagem, o Ernst que convalesce de fome. A partir desse momento, o tema será sobre o que vem após a morte. “Estou aqui e amanhã não estarei. E amanhã, onde estarei?”, questiona Ernst. Os filósofos falam entre si sobre tal pergunta afirmando que nem tudo será compreendido.

O personagem Franz percebe que está perto de seu momento de morte. E diz: “Chegou a minha hora? Excelente! Sempre tive medo da morte, mas agora eu já sei como é. (Extasiado) Estou cada vez mais perto de tudo, de todas as coisas...” (Frankl, 2013, p. 42). Ao deparar-se com a finitude, o personagem principal do enredo pergunta se deve conservar alguma esperança para terminar sua obra, ele fala de uma peça de teatro que sempre quis escrever. Faz menção às suas anotações desaparecidas e diz: “Não restará nenhum fragmento, não! Não restará nada de mim! Amanhã posso ser nada, como você hoje, Karl, e talvez nossa mãe” (Frankl, 2013, p. 43).

Essa fala faz referência ao manuscrito que Frankl perdeu quando chegou a Auschwitz.

E quando chegou a hora de eu ser levado a Auschwitz o manuscrito estava

costurado debaixo do forro do meu casaco. Claro que ele se perdeu. (Embora uma cópia dessa primeira versão tenha aparecido depois da guerra. Mas daí a segunda versão estava quase pronta, e as muitas observações que eu havia inserido ainda antes da entrada em Auschwitz permaneceram perdidas) Quando cheguei a Auschwitz, tive de me despir de tudo: as roupas e os últimos pertences que ainda carregava, entre eles meu maior orgulho, o símbolo do clube alpino “Donauland” que me certifica como guia de escaladas (Frankl, 2010, p. 109).

Essa perda significou muito para Frankl. Ele revela em *Sincronización en Birkenwald* o quanto a perda de seu manuscrito lhe afetou (Frankl, 2013, p. 43). Assim, além das perdas das pessoas, houve uma perda de si mesmo, daquilo que representava sua “obra”. Essa também é uma forma de luto.

A sensação de vazio que as perdas trazem é retratada pela personagem Franz que se sente desolada, sem seu irmão, sem sua mãe, sem aquilo pelo qual tanto lutou. Contudo, a fala da Madre para seu filho Franz e a do seu irmão Karl é aquilo que Frankl compreende para si mesmo: “Devem percorrer o caminho até o fim, sozinhos, cada um por si. [...] É isso que chamamos de vida.” (Frankl, 2013, p. 43). É o tema da responsabilidade pela própria vida que, naquele instante, pediria em primeiro lugar um desprendimento de si mesmo e de suas expectativas para abraçar a vida tal como se apresentava: “Quero ser corajoso pelo menos uma vez na vida, desta vez. Na vida, eu digo? Na morte, quero dizer! Sim, mãe, Karl, Senhor! Eu quero ser corajoso! Quero desistir! É isso, desisto de terminar minha peça!” (Frankl, 2013, p. 43).

Nesse momento, Franz entra num processo de reflexão profunda. Contudo, a personagem ainda não compreende completamente esse encargo da vida. Acredita que está pronto para morrer. Desprender-se para ele seria desistir de esperar qualquer coisa da vida. E oferece-se em sacrifício por seu amigo Ernst.

Morre, no entanto, seu amigo Ernst e não ele. Franz vê que o céu não aceitou seu sacrifício. Sente-se indigno. E questiona-se para que seguir vivendo daquela maneira (Frankl, 2013, p. 48). Os filósofos dialogam que, no entanto, Franz deverá terminar sua obra, por isso, precisará viver, mas só poderá compreender isso sozinho.

É nesse momento que Franz entende: “Condenaram-me à vida. A seguir vivendo.” (Frankl, 2013, p. 50). Se é assim, então, Franz decide terminar sua obra. É um momento importante na vida da personagem, mas que representa o processo na vida do próprio Frankl. Ele aceita que os seus entes partiram, mas que ele deve continuar cumprindo o encargo que a vida o provocou a realizar.

Franz: Mãe, Karl, Senhor, já estou sozinho, sozinho com você. E agora eu prometo a você que cumprirei o encargo, que posso estar inventando. Mas seja uma invenção ou não, a resposta só será conhecida com os fatos, com a minha ação. Veremos... (Frankl, 2013, p. 51).

É nesse sentido que o roteiro da peça vai concluindo num diálogo metafísico final. Franz deve acreditar apesar de tudo. Acreditar em si mesmo e nos seus, mesmo se já partiram, eles continuam em sua vida como certa presença para além do temporal.

Franz: Devo acreditar! (Ele se senta enquanto os outros dormem ou se mexem inquietos.) E eu acredito em mim mesmo! E em você, mãe! Mãe!
 Mãe: Sim, meu filho...
 Franz: Karl!
 Karl: Você está certo, meu Franz...
 Franz: Senhor! (Frankl, 2013, p. 52).

Essa peça é uma obra artística de grande valor para Frankl em seu processo de elaboração do luto. Revela todas as etapas pelas quais Frankl viveu, desde as dúvidas, as perdas, o desejo de desistir de tudo até a ressignificação da presença dos seus em sua história no passado e no presente, ao perdão àqueles que lhe fizeram tanto mal, à retomada de suas escolhas de vida, na decisão de continuar dizendo sim à vida, de acreditar, apesar de tudo, e completar sua obra.

Analisaremos, por fim, também no seu período pós-soltura, cartas que foram enviadas por Frankl de 1945 a 1949 aos amigos, parentes e pessoas com quem havia compartilhado atividades clínicas e pedagógicas nas décadas anteriores (Fizzotti, 2008, p. 12). As cartas constituem um rico acervo autobiográfico para compreender como Frankl vivenciou o luto tanto nos primeiros tempos após os Campos, como em seu trabalho no desenvolvimento na Logoterapia.

O primeiro bloco de Cartas data de 1945 a 1946, são aquelas que mais traduzem os sentimentos profundos de Frankl após sua libertação. Elas evidenciam o caminho de *anamnese*, *catarse* e ressignificação que descrevemos nos trechos acima. É bastante presente nas redações a necessidade de Frankl de contar e recontar o que havia acontecido com seus parentes. Essa é a tônica mais presente em seus relatos. Uma forma clara de vivenciar a *anamnese* e a *catarse*.

A primeira, de junho de 1945, ou seja, dois meses após a saída do Campo, Frankl escreve ao Capitão Schepeler, diretor de um Hospital dos aliados, destinado a acolher refugiados. Frankl estava à procura de sua mãe e esposa, sem saber ainda do paradeiro de ambas. Ele escreve para justificar sua ausência no trabalho hospitalar. Ele

dirigiu-se por algumas semanas em busca do paradeiro de sua mãe e esposa. Seu desejo era regressar à Viena e levar consigo seus entes queridos, caso pudesse encontrá-los (2008, p. 29). Nessa carta, Frankl recorda a possibilidade que teve de refugiar-se nos Estados Unidos quando recebeu o visto de ingresso e abriu mão dessa possibilidade por amor aos seus pais idosos. Naquele momento, após a soltura, Frankl se encontrava diante do mesmo dever diante de sua consciência: procurar e encontrar os seus. Essa nobreza de sua alma, o valor dos seus entes e o sentido de responsabilidade denotam a consciência que Frankl tinha da vida e de que a existência pessoal passa também pelo modo como nos relacionamos e nos responsabilizamos uns pelos outros. Nessa procura, Frankl precisou ausentar-se de suas atividades laborais por um período de tempo, mas o fez por sua obrigação de consciência. Ele dizia: “Falo de homem para homem e imploro por sua compreensão. Na verdade, considero um mal menor ferir um homem que respeito, em vez de trair a minha consciência”¹³ (2008, p. 30).

Nos primeiros meses, de volta à Viena, Frankl ainda não sabia se sua esposa e mãe haviam morrido. Em outra carta, ainda em junho de 1945, ele relata: “Tenho medo do momento da certeza” (2008, p. 130), a certeza era a comprovação se, de fato, seus parentes haviam morrido nos campos. O fato só foi completamente compreendido em agosto de 1945, após viagens que fez em busca de seus parentes. Assim ele relata:

Cheguei a Viena em meados de agosto. Era noite. Minha esposa ainda não havia chegado a Viena. No dia seguinte foi me revelado toda a verdade: ela morreu no campo de concentração de Belsen. Ela tinha 24 anos. Morreu após a libertação dos ingleses, visto que, como se sabe, suas tropas encontraram ali 13 mil cadáveres e muitos morreram depois. Tilly, minha esposa, teve que se mostrar sempre forte e corajosa, serena e alegre com todos (Frankl, 2008, p. 44).¹⁴

Ao contrário de desesperar-se, revoltar-se, Frankl compreendeu e ressignificou a morte de sua esposa ao perceber que ela era maior que o mundo que a cercava. Ele mesmo sentia que não “merecia ter uma pessoa assim ao seu lado” (2008, p. 44). Com certeza, não era uma questão de merecimento em si, mas a compreensão que há pessoas tão grandes que são reservadas para o mundo, para além de si mesmas. A consciência

¹³ Tradução livre. Original: “Le parlo da uomo a uomo e imploro la sua comprensione. In verità, ritengo un male minore ferire un uomo che stimo, anziché tradire la mia coscienza.”

¹⁴ Tradução livre. Original: “Giunsi a Vienna a meta agosto. Era notte. Mia moglie non era ancora arrivata a Vienna. Il giorno seguente mi fu rivelata tutta la verità: era morta nel lager di Belsen. Aveva 24 anni. Sarebbe morta dopo la liberazione da parte degli inglesi, visto che, come è noto, le loro truppe vi trovarono 13 mila cadaveri e molti perirono anche dopo. Tilly, mia moglie, dovette mostrarsi forte e coraggiosa sempre, serena e allegra con tutti.”

da grandeza de Tilly o fez compreender que ela cumpriu seu papel, muito mais do que apenas sobreviver em vista do matrimônio.

Mas ele não foi privado da dor da perda e do luto. Em um trecho de uma carta de setembro de 1945 mostra o grau de desolação de Frankl, muito próprio do estado de apatia descrito nas fases do luto.

Fiquei completamente sozinho. Quem não sofreu o mesmo destino que eu, não pode me compreender. Sinto-me indescritivelmente cansado, indescritivelmente triste, indescritivelmente sozinho. Não tenho mais nada a esperar e nada mais a temer. Já não tenho alegria na vida, só tenho deveres. Eu sei que vivo porque minha consciência me diz. [...] Nenhum sucesso, porém, pode me animar: tudo e sem importância, para serve a para nada, é inútil aos meus olhos e eu mantenho distante de todos. Isso não me diz nada, não significa nada (Frankl, 2008, p. 137).¹⁵

Em outra carta, ele relata que ministrava um curso na Universidade Popular intitulado: “O homem doente na alma”. Mas ironiza a si mesmo quando diz que tudo isso parece uma “zombaria”, talvez devido ao fato de que ele mesmo sentia-se “malato nell’anima”. Mesmo nesse estado de ânimo, Frankl não deixou de ironizar a si mesmo, e diz que isso ainda é um sinal de sua vitalidade (2008, p. 55).

Foi nesse estágio que mais uma vez a literatura sálmica, própria dos judeus, o auxiliou a viver a catarse emocional. Ele relata que “talvez tudo o que nos resta seja chorar um pouco e folhear o livro dos salmos” (2008, p. 138).

Frankl compreendeu no seu retorno que a pior dor não foi a do campo de concentração. Lá, ele ainda nutria uma esperança, a de reencontrar aqueles que ele amava. Sua maior dor foi saber que não tinha ninguém mais por esperar. Foi nesse caminho que precisou encontrar, progressivamente, novos sentidos de vida. Por isso, sua teoria tem tanta validade. Porque a pessoa humana pode encontrar, mesmo na mais angustiante tristeza, algum motivo para lhe dar sentido existencial.

Frankl também descreve seus sentimentos, mais explicitamente, quando escreve uma carta dirigida ao seu amigo Rudolf Stenge, já em maio de 1946: “Se houvesse alguém a quem eu não precisaria dizer em que estado eu estava e como me sinto agora, seria você.” (2008, p. 52). A esse mesmo amigo, Frankl escreveu:

¹⁵ Tradução livre. Original: “Sono rimasto completamente solo. Chi non ha sofferto la mia medesima sorte non mi può comprendere. Mi sento indicibilmente stanco, indicibilmente triste, indicibilmente solo. Non ho più nulla da sperare e niente più da temere. Non ho più alcuna gioia nella vita, ho solo doveri; vivo solo perché me lo dice la coscienza.”

Nada me dá alegria. Tudo perdeu peso: não tenho casa, não tenho pátria, tão pouco onde colocar raízes. Estou cercado apenas por ruínas e fantasmas, sobrecarregado de lembranças amargas e doces e, em todo caso, dolorosas. Você pode me entender – talvez, o que digo parece extremamente banal. [...] Faltam palavras para descrever tanta desolação. Eu nunca acreditei que um homem pudesse estar tão sozinho e abandonado, a ponto de só poder esperar a morte. E nunca pensei que morrer pudesse trazer alívio. [...] A nostalgia de Tilly é meu pão de cada dia. Eu vivo disso. [...] É uma pena que nunca consigamos ver o fim da dor (2008, p. 55).¹⁶

Talvez seja um dos trechos em que Frankl abre seu coração a um amigo, para descrever o estado emocional no qual se encontrava. Mais de um ano após sua libertação, ainda era mergulhado no luto da ausência, na sensação própria do luto em que parte daquele que ficou parece morrer também, a ponto de sentir que nada mais pode esperar da vida.

Já em sua carta, do início de 1946, Frankl descreve sua reação ao saber da morte de sua mãe e esposa, sobretudo, o sentimento de solidão que sentia ao retornar à Viena. Mas, ao mesmo tempo, descreve seu trabalho, a repercussão do seu livro e as conferências que fez naqueles tempos. Como ele mesmo expressou: “Quanto a mim, me joguei no trabalho” (2008, p. 52). Percebemos que Frankl vivenciou seu sofrimento fazendo dele um triunfo, um testemunho de superação e sentido.

Para ser sincero, só vejo coisas à luz de uma dimensão mais ampla. Eu vejo mais e mais que a vida é infinitamente rica em significado, que mesmo em sofrimento e mesmo no fracasso ainda há sentido. E o único consolo que me resta é poder dizer em sã consciência que percebi todas as possibilidades que me foram oferecidas ou, melhor dizendo, que encontrei a salvação na realidade (Frankl, 2008, p. 138).

Frankl é a prova viva da potência que é a vida. Ele foi sobrevivendo aos campos de concentração, mas também sobrevivendo à reconstrução de sua vida mesmo tendo perdido aqueles que mais amava.

Frankl também se abriu ao amor novamente. Na carta que escreve à sua irmã Stella, na primavera de 1946, ele descreve sobre Eleonore, vinte anos mais nova que ele, no entanto, com traços de uma grande personalidade. Conta também seus progressos com os livros, as conferências e com seu trabalho.

Progressivamente, o assunto das cartas vai saindo das memórias dolorosas do passado nos Campos para um presente de triunfo. Frankl demonstra, assim, um

¹⁶ Original: “Nulla mi dà gioia. Ogni cosa ha perso il suo peso: non ho una casa, non ho una patria e non riesco neppure a mettere radici. Incorno a me solo rovine e fantasmi, sovraccarico di ricordi amari e dolci e poi, comunque, dolorosi. Mi puoi capire - forse che! che dico suona enormemente banale.”

caminho de superação e conquistas. O sofrimento foi cedendo lugar aos novos valores vivenciados.

Em agosto de 1946, Frankl relata sobre o relacionamento de namoro com Eleonore, iniciado no dia 27 de abril de 1946, e o retorno a uma de suas paixões que era o alpinismo. Nesse tempo, pouco mais de um ano após a libertação, já vemos um Frankl aberto à vida, ao amor e àquilo que eram seus hobbies e uma boa constituição de saúde como relata nessa mesma carta (Frankl, 2008, p. 76). Tudo isso denota a retomada da vida por parte do ex-prisioneiro. A memória dos que partiram passa a ser uma lembrança honrosa, mais que apenas dolorosa (Frankl, 2008, p. 78).

Frankl casou-se com Elly, em 18 de julho, e teve sua filha Gaby, em dezembro de 1947. Sobre Elly, que o ajudou a viver uma nova etapa em sua vida, vale relatar um dos últimos fatos da vida de Frankl.¹⁷

Para Frankl, a década de 1990 foi marcada por várias crises de saúde, que motivaram diversas internações e procedimentos. Praticamente cego desde 1990, sua condição médica deteriorou mais drasticamente após o falecimento de sua irmã Stella, em outubro de 1996. Em agosto de 1997, Frankl foi internado com fortes dores no peito: seu coração estava fraco, e os médicos apresentaram a opção de uma cirurgia *bypass*. Mesmo com a idade avançada de 92 anos, o que lhe renderia poucas chances de sucesso no procedimento, Viktor e a esposa Elly optaram pela intervenção. Com a cirurgia se aproximando Viktor disse a Elly: eu deixei uma mensagem para você em um de meus livros, e o esconde no nosso apartamento. Você o encontrará lá. Frankl sobreviveu à cirurgia, mas não recobrou mais a consciência, vindo a falecer no dia 2 de setembro de 1997. Logo após o falecimento do marido, Elly se pôs a procurar o livro por todo o apartamento, sem sucesso. Ela o encontraria apenas tempos depois, sem querer, numa caixa em que Frankl guardava todas as preciosas edições de seus livros. Ele sabia que periodicamente, ele os tirava para limpá-los. Ao abrir a caixa, ele viu um livro deslocado, meio fora do lugar. Era uma cópia da obra *Homo Patiens*, de 1950. Este livro, após os créditos editoriais possui uma página com uma única palavra impressa: “Elly”. Acima do nome da esposa, Frankl escrevera “para”. E, abaixo, com a grafia torta de um homem quase sem visão, deixou sua última mensagem: “Para Elly, que conseguiu transformar um homem que sofria num homem que amava. Viktor”

¹⁷ Esse relato é feito pelo Ivo Studart em sua rede social, citando Haddon Klingberg em “*When Life Calls Out to Us*”. In: <https://www.instagram.com/p/DEhzqe0JKgP/?igsh=ZmFiaGswcTU1NmJ1>. Acesso em 10 de janeiro de 2025.

5 LUTO E ARTE: UM CAMINHO DE SUPERAÇÃO

Este capítulo tem o intuito de trazer uma síntese da compreensão sobre o enfrentamento do luto tendo como recurso terapêutico a arte, sendo, tanto o luto quanto a arte, compreendidas à luz da Logoterapia de Viktor Frankl e, sobretudo, de sua própria experiência de vida descrita nos capítulos anteriores.

Queremos, assim, desenvolver a relação entre arte e luto, conforme a base vivencial e teórica de Viktor Frankl e os outros autores afins com o intuito de desenvolver um itinerário experiencial, segundo a Logoterapia e Análise Existencial de Viktor Frankl, para, através da arte, ajudar pessoas em processo de luto.

5.1 Descrevendo etapas do luto a partir da experiência de Viktor Frankl

Para abordar um caminho terapêutico para o luto a partir da arte, é necessário, primeiramente, descrever, à luz da Logoterapia e, sobretudo, do próprio processo de Frankl, quais as etapas vivenciadas pelo enlutado. Só a partir da “localização” da sintomatologia de cada fase poderemos propor um itinerário vivencial ou, ao menos, uma postura de vida para o enfrentamento do luto.

No segundo capítulo, já abordamos as fases do luto a partir da psicologia de Bowlby (1992), que continua sendo uma boa referência. Contudo, ao longo desse estudo, também pudemos perceber etapas no próprio luto de Frankl a partir de sua entrada no campo de concentração quando iniciaram as perdas mais significativas de sua vida.

Allport (2022), o prefácio da edição norte-americana de 1984 da obra “Em busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração” faz uma descrição, um itinerário que Frankl viveu e que, possivelmente, todos os que vivem uma experiência de luto ou de sofrimento podem passar:

Primeiro surge uma fria e distante curiosidade de saber o próprio destino. Depois surgem estratégias de preservação do que resta de vida, apesar das chances de sobreviver serem pequenas. Fome, humilhação, medo e profunda raiva das injustiças são dominadas graças às imagens sempre presentes de pessoas amadas, graças ao sentimento religioso, a um amargo senso de humor e até mesmo graças às visões curativas de belezas naturais uma árvore ou um por do sol (Frankl, 2022, p. 7).

O modo como Frankl organiza o livro descreve essas fases que ele chama de

“fases nas reações psicológicas do prisioneiro”: a recepção no campo, a vida em si e o tempo de soltura (2022, p. 22). Essas fases descrevem o estado de consciência do prisioneiro, mas podem qualificar os estágios de integração da morte naquele que vive o luto.

A primeira fase é o choque da recepção, no qual ocorre a ilusão de indulto, ou seja, momento em que, precisamente na hora de sua execução, o prisioneiro acredita que receberá o indulto nem que seja no último instante (2022, p. 24). Assemelhasse à experiência de negação da morte ou da esperança, em que se acredita, até o último minuto, que o ente querido não morrerá ou, ainda, daquele estado de choque no momento da notícia de morte recebida. A pessoa realiza os ritos fúnebres ainda sem total consciência do que está sucedendo em sua vida e de tudo que, a partir daquele instante, mudará drasticamente.

Após o impacto da chegada em Auschwitz, Frankl faz uma pergunta e uma resposta ao mesmo tempo: o que resta? A resposta: a existência nua e crua. Essa expressão será repetida algumas vezes em seu livro para designar a vida sem adereço algum. O corpo nu, o primeiro e último companheiro de estrada. Frankl chega, então, à constatação de que a única coisa que lhe resta é a própria existência. Assim são, também, os primeiros momentos da vida no dia a dia após a morte de alguém importante na própria existência. Há uma tomada de consciência da impotência humana, da finitude de tudo, da inutilidade dos recursos humanos frente à morte inevitável.

O perigo após esse primeiro tempo é a apatia.

Após o primeiro estágio de choque, o prisioneiro passa para o segundo estágio, a fase de relativa apatia. A pessoa aos poucos vai morrendo interiormente. Afora as diversas reações emotivas acima descritas, o prisioneiro recém-internado ainda experimenta, durante o primeiro período de sua estada no campo, outras sensações extremamente torturantes, que passam a mortificá-lo. Surge, sobretudo, indizível saudade de seus familiares. Uma saudade tão ardente que só resta uma sensação: a de se consumir (Frankl, 2022, p. 35).

Frankl fala da saudade, do nojo e da insensibilidade na realidade do campo de concentração. A apatia, caracterizada com uma imensa saudade dos que já partiram, e nojo de tudo que o cerca, das terríveis condições do lugar. Por fim, a insensibilidade ao horror. Frankl descreve o próprio espanto com sua reação de apatia diante da morte de um companheiro (2022, p. 38), mas também se manifesta no desinteresse para as

questões mais superiores da vida intelectual e espiritual.

Esse estado emocional de apatia é uma couraça necessária para a sobrevivência (Frankl, 2022, p. 44), pois se a realidade fosse vista com todo o seu realismo provavelmente não era possível sobreviver. Mas toda couraça reveste uma dor, a dor da desumanização. É preciso identificar e alcançar essa dor de não sentir-se mais humano, digno de ser amado e livre.

Apatia como morte interior, muito frequentemente sucede no processo do luto, com essas três características descritas por Frankl: saudade, nojo e insensibilidade. O primeiro é a saudade que, como relata Frankl, chega a consumir. E, de fato, consome as energias, os pensamentos, os sentimentos e os sonhos de quem ficou. Saudade como processo de nostalgia de tempos passados e, de algum modo, idealizados no instante da perda ou ainda percebidos em toda a sua significância.

Essa saudade prende a pessoa num certo dissabor por tudo que o cerca. Semelhante ao “nojo” do prisioneiro, o enlutado vivencia certa repulsa do que antes despertava interesse e alegria, gera certa inércia perante coisas e pessoas, como se tudo ao redor perdesse seu brilho. O que antes era motivo de alegria gera dessabor, insensibilidade e despersonalização.

Na morte de um ente querido, há uma parte daquele que fica que também morre. O que morre é a vida que existia quando aquele que amamos vivia. O desafio é descobrir e encontrar uma nova vida, novos sonhos e novos significados, porque a vida do que permanece continua e precisará ser reassumida, reinventada.

Frankl descreve algumas estratégias para resistir a essa tendência à apatia no campo de concentração. A primeira é a adaptar-se. No campo, Frankl comprovou a imensa capacidade humana de adaptação como algo verdadeiramente extraordinário (2022, p. 32). A vida também, pouco a pouco, revela-se possível de readaptações sem a presença física daqueles que amamos.

Uma segunda estratégia é apegar-se à vida, fazendo promessas importantes a si mesmo. Frankl fez isso ao prometer a si mesmo não suicidar-se (2022, p. 32). Para isso, é necessário certo cuidado com a vida interior. Isso se manifestava no campo. Quando o exterior perde seu sentido e sua graça, é preciso descobrir o mundo da própria alma.

Frankl relatava que no campo de concentração os que tinham uma vida intelectual e cultural ativa sofriam bastante, no entanto, os sofrimentos eram menos destrutivos para quem possuía uma vivência espiritual, exatamente pelo fato de

portarem consigo a capacidade de

Se retirar daquele ambiente terrível para se refugiar num domínio de liberdade espiritual e riqueza interior. Essa é a única explicação para o paradoxo de, às vezes, justamente aquelas pessoas de constituição mais delicada conseguirem suportar melhor a vida num campo de concentração do que as pessoas de natureza mais robusta (Frankl, 2022, p. 53).

Em um dos trechos ele relata o modo como viveu sua própria saudade e o mergulho na vida interior onde as memórias dos que amam estão. É o momento em que relata sobre a lembrança de sua mulher, Tilly (2022, p. 58). Nessa ocasião, Frankl muda o tom de sua escrita. Estava, até então, num relato descritivo e analítico. Ao escrever sobre os diálogos interiores que tinha com a esposa, utiliza uma linguagem extremamente poética.

A superação da apatia no luto passa pela compreensão do sentido da vida, pela experiência do amor que ultrapassa os limites do tempo e do espaço. Passa pela descoberta do amor que mora em nós, do amor como algo que transcende o tempo e o espaço que dá sentido à vida.

Sendo assim, um forte recurso terapêutico é compreender o amor na sua dimensão transcendente. Encontrar uma nova forma de amar. Para isso, é necessário aceitar o presente com tudo que porta e uma imensa capacidade de descobrir o mundo interior da contemplação mais profunda da realidade.

Outro mergulho no interior é a visita ao próprio passado onde tudo ganha novo sentido. Sendo assim, é necessário aguçar a capacidade contemplativa no ser humano. É dessa contemplação que nasce a arte como expressão externa do que foi vivido internamente. Não existe arte sem contemplação. E a primeira contemplação a viver é a da beleza da própria vida passada, dos momentos vividos com sentido. Isso nos remete a um estado interior em que a vida renasce.

A terceira fase dos prisioneiros no campo de concentração se dá após a soltura. Essa fase foi descrita quando tratamos do luto de Viktor Frankl. Ele retrata que há uma profunda despersonalização, um desaprender da alegria de viver. E, para isso, Frankl viveu o que compreendemos e descrevemos nas etapas da: *anamnese*, *catarse* e *ressignificação*.

A *anamnese*, ou seja, a lembrança se dá naquele que vive o luto em seus diversos sentidos, primeiro numa sensação de desorientação diante do impacto da perda

e da vida após perda. Depois, numa constante memória dos fatos passados. Dois momentos muito próximos, a reação pós-traumática e a lembrança constante do que ocorreu.

Como vimos na experiência de Frankl, a *anamnese* tornou-se *catarse*. Nos seus primeiros dias de volta à Viena, Frankl reuniu forças para ditar suas experiências no campo de concentração. Antes, porém, viveu a *catarse* com seu amigo Paul Polak. De fato, a necessidade de falar e expressar os próprios sentimentos é fundamental para aquele que precisa compreender os processos vivenciais. Necessitamos do outro em nosso caminho de autocompreensão. Tal processo pode dar-se tanto em nível terapêutico, como também, no nível fraternal, em meio aos mais confiáveis. Frankl viveu isso e sua experiência nos ilumina sobre o quanto é necessário “abrir as comportas” da alma.

Contudo, foi em seu caminho de ressignificação que ele precisou “seguir em frente apesar de tudo”, que a arte emergiu como um recurso terapêutico. Descrevemos longamente as expressões artísticas de Frankl nessa fase de seu luto e como elas foram fundamentais para que ele “enterrasse seus mortos”, superasse a culpa por continuar vivo enquanto os seus haviam partido e, sobretudo, encontrasse uma tarefa a realizar, realizando um novo futuro.

Trataremos especificamente dessa ressignificação através da arte no tópico a seguir. Contudo, tomando como base esse percurso frankliano, podemos dizer que, no caso específico do luto, as fases que conseguimos descrever à luz da experiência de Frankl são:

1. O choque inicial, em paralelo com o que Frankl chamou de a “recepção no campo”;
2. A apatia, que descreve o que Frankl chama de “a vida em si”;
3. E o enfrentamento que corresponderia ao “tempo de soltura”.

É claro que nenhuma descrição teórica contém toda a complexidade da experiência humana, mas serve como modo de verificação e análise para um processo terapêutico.

Em cada uma dessas etapas, a arte emerge como expressão de cura, ressignificação e superação, contudo, na terceira etapa, a da superação, nos deteremos mais profundamente, sempre à luz da teoria e da experiência de Viktor Frankl.

5.2 A arte como recurso terapêutico nas etapas do luto a partir da experiência de Viktor Frankl

Vimos no capítulo quarto, dessa dissertação, como Frankl vivenciou a arte em todo o seu percurso pessoal, mas, sobretudo, como ela foi fundamental após a saída do campo de concentração, no seu processo que chamamos de ressignificação do sofrimento e da morte.

As experiências de perdas iniciaram quando Frankl entrou no campo de concentração de Theresienstadt. Vimos que lá, segundo o relato do autor, a primeira expressão sobre a arte que Frankl faz é utilizando a expressão: “contraste” (2010, p. 109 e 2022, p. 61), entre a beleza da arte e a feiura que cercava tudo ao seu redor.

É possível entrever que a arte revela um contraste, naquele contexto, entre a desolação e a esperança. Uma vontade de “esquecer” o desfigurado, afirmando que a realidade não se encerra no que nossos olhos podem ver, e de lembrar que há algo para além de toda dor, que a verdade última da vida não mora no horror, mas no amor. Tudo isso não num sentido de fuga da realidade, mas de resistência.

Aquino também confirma a arte nesse sentido de resistência e afirma que Frankl “encontrou a arte como um movimento de resistência do espírito, como uma forma de expressão dos fenômenos humanos” (2021, p. 34). De fato, essa expressão da arte como forma de “resistência” é bem presente no modo como Frankl descreve as experiências artísticas nos campos de concentração onde passou.

Ajudar as pessoas a manterem uma postura de resistência pode realçar um “contraste”, ou seja, fazê-las perceber que a realidade não se encerra num único lado, numa única perspectiva. Há o outro, o contraste. Há beleza também onde existe dor e luto.

Desse modo, convidar as pessoas que estão na fase da apatia do luto, que descrevemos no tópico anterior, ao menos “degustarem” a arte, pode ser um caminho de resistência nos contrates do sofrimento. Tal como fez Tilly ao convidar Frankl para ver músicos de Jazz que se apresentavam em Theresienstadt, após um péssimo dia de seu esposo Frankl (Frankl, 2010, p. 109).

Mesmo que a apatia pareça desconstruir a capacidade criativa, o contato com a beleza artística é um recurso sanador para aquele que se sente cercado pela desesperança.

O primeiro movimento seria, então, da resistência criando certo contraste entre a

beleza e a dor. Um segundo é também descrito por Frankl no campo de concentração como tendência à interiorização (Frankl, 2022, p. 57). Como vimos, aqueles que desenvolveram essa capacidade de vida espiritual tinham maiores chances de sobrevivência. A arte é um eficaz modo de contemplação e interiorização. Isso sucede no relato da viagem à Baviera quando os prisioneiros conseguiram contemplar por entre as grades do trem as montanhas de Salzburgo (Frankl, 2022, p. 58).

Nesse sentido, um caminho terapêutico é sempre ajudar as pessoas, primeiro, a contemplar a beleza, seja da natureza, seja do próprio passado, e acessar sua interioridade e as lembranças que trazem sentido no já vivido. É dessa visita que nasce a arte, de um novo olhar de beleza sobre seu patrimônio existencial. Só podemos transformar em arte em beleza o que é revisitado com um novo olhar, com um novo sentido.

Desse modo, um caminho terapêutico é provocar a pessoa a desafiar seu o presente, “esculpindo” um futuro em que ela mesma enxergue a realidade para além, de modo projetivo. Tomando, assim, aquela linha proposta por Frankl: o que a vida espera de mim?

O que se faz necessário aqui é uma viravolta em toda a colocação da pergunta pelo sentido da vida. Precisamos aprender e também ensinar às pessoas em desespero que a rigor nunca e jamais importa o que nós ainda temos a esperar da vida, mas sim exclusivamente o que a vida espera de nós. (Frankl, 2022, p. 101).

O mergulho na própria interioridade leva a pessoa, através da arte, a acessar e expressar o belo que está presente na própria história pessoal. A arte nos ajuda, então, a revisitarmos nossa história percebendo-a com um novo olhar, um olhar de beleza. Foi o que Frankl viveu quando se refugiava no seu próprio passado, através das lembranças, no seu lugar mais seguro, do qual ninguém poderia retirá-lo.

A arte ajuda a pessoa a acessar o melhor que há no seu passado e, desse modo, ver que há um sentido intrínseco em sua vida. Se seu passado tem sentido, o presente, por mais doloroso que possa ser, também terá. Podemos ver isso, claramente, quando escutamos uma música que marcou nossa história e nos leva às boas lembranças. A saudade que nos visita é a recordação que a vida nos traz do que é belo e ainda permanece vivo dentro de nós.

Nesse aspecto, a arte parece levar a pessoa a projetar-se para o futuro, com um

tom de fortaleza, até de ironia diante da vida, desafiando-a a ser melhor do que parece ser. O segundo movimento da arte expressa por Frankl nos campos de concentração, portanto, é o da projetividade.

Assim, a arte tem a capacidade de contrastar, ou seja, de desafiar a realidade ao que ela pode ser. A arte desafia a descrever, cantar, pintar, esculpir o mais belo que algo pode ser. Desafia o presente a tornar-se um futuro mais belo.

A arte é uma forma de continuar, apesar de tudo. Só faz arte quem resiste e acredita numa possibilidade melhor de futuro. Essa é uma forma de projetar-se para além do presente. Uma vez que sabemos o quanto a dimensão do futuro é importante na Logoterapia.

A observação psicológica dos reclusos, no campo de concentração, revelou que somente sucumbe às influências do ambiente no campo, em sua evolução de caráter, aquele que entregou os pontos espiritual e humanamente. Mas somente entregava os pontos aquele que não tinha mais em que se segurar interiormente! Em que deveria e poderia consistir esse apoio interior? Eis a nossa questão (Frankl, 2022, p. 93).

Em que consiste esse apoio interior, perguntava Frankl, capaz de ajudar a pessoa a não se entregar, ou seja, a resistir? Na possibilidade de acreditar e projetar-se para um futuro. A depressão, tantas vezes gerada pelo luto, é a experiência de não ver mais o futuro planejado ao lado daquela pessoa amada. A ausência de esperança lança a pessoa num presente de desespero ou apatia, o que Viktor chama de “existência provisória”.

Como se sabe, o termo latino *finis* tem dois significados: fim e meta. A pessoa cuja situação não permite prever o final de uma forma provisória de existência também não consegue viver em função de um alvo. Ela também não consegue mais existir voltada para o futuro, como o faz a pessoa numa existência normal. Concomitantemente altera-se toda a estrutura de sua vida interior. (Frankl, 2022, p. 94).

É preciso, portanto, despertar uma força interior capaz de ajudar a pessoa a resistir e projetar-se, pois, no auge do sofrimento que o luto nos traz, estão sendo gestadas novas possibilidades de realização.

Variando um pouco, poderíamos dizer que a maioria das pessoas no campo de concentração acreditava terem perdido as verdadeiras possibilidades de realização, quando na realidade elas consistiam justamente naquilo que a pessoa fazia dessa vida no campo: vegetar como os milhares de prisioneiros ou, como uns poucos, vencer interiormente. (Frankl, 2022, p. 96).

A arte pode ser esse caminho para vencer interiormente, já que quando a pessoa produz algo artístico, seja físico ou imaterial, com o devido sentido e valor, ela está projetando-se, no real sentido latino da palavra, “lançar-se para frente”, que só pode ser construído com sentido e responsabilidade, assumindo-os no presente.

Há, portanto, uma trilogia do tempo: do passado ao futuro, do futuro ao presente. Revisitar o passado tem uma força de nos lançar ao futuro, contudo, tanto um quanto o outro só podem ser vividos e aceitos no presente. É no presente, na realidade que a vida nos “presenteia” que o sentido pode ser vivido e celebrado.

Não perguntamos mais pelo sentido da vida, mas nos experimentamos a nós mesmos como os indagados, como aqueles aos quais a vida dirige perguntas diariamente e a cada hora - perguntas que precisamos responder, dando a resposta adequada não através de elucubrações ou discursos, mas apenas através da ação, através da conduta correta. Em última análise, viver não significa outra coisa que arcar com a responsabilidade de responder adequadamente às perguntas da vida, pelo cumprimento das tarefas colocadas pela vida a cada indivíduo, pelo cumprimento da exigência do momento (Frankl, 2022, p. 101).

Passado que, para Frankl, é a dimensão mais segura do ser.

Aquilo que realizamos na plenitude da nossa vida passada, na abundância de suas experiências, essa riqueza interior nada nem ninguém nos podem tirar. Mas não só o que vivenciamos; também aquilo que fizemos, aquilo que de grandioso pensamos, e o que padecemos, tudo isso salvamos para a realidade de uma vez por todas. Estas experiências podem pertencer ao passado, justamente no passado ficam asseguradas para toda a eternidade! Pois o passado também é uma dimensão do ser, quem sabe, a mais segura. (Frankl, 2022, p. 108).

Podemos perceber, assim, que há uma profunda ligação entre arte e nostalgia, entre arte e saudade do já vivido. A arte é a recriação da beleza interior, é uma forma de tocar e expressar o que não é visível, no entanto, presente na própria interioridade pessoal. Em outras palavras, a arte é um caminho de encontro com o sentido profundo da própria vida, “escondido” na pessoa, especialmente no seu passado, e redescoberto ou revisitado no presente, projetando-a para um novo futuro.

Frankl (2011) cita o caso de uma paciente de 80 anos em fase terminal de câncer que entrou em depressão face à sua condição diante da morte eminente. Frankl faz a senhora olhar para o passado e pensar se teve uma boa vida. O que a paciente confirma, ela viveu com intensidade e teve boas relações com a família. A questão que a incomodava diante da morte era se se existia um sentido último da vida, assim como

pela ideia de sentir-se inútil. Era necessário no processo terapêutico ela trazer a tona o desespero existencial reprimido para que pudesse dizer “sim” à vida apesar de tudo. No processo de diálogo, Frankl a conduziu a perceber se toda essa felicidade experimentada seria apagada. A questão encontrava-se no entendimento que seu sofrimento fosse uma punição. Frankl, ao contrário, a propõe pensar se aquele sofrimento não seria, na verdade, um desafio. E que tudo que ela viveu seria seu grande motivo de orgulho. Uma semana depois, essa senhora veio a falecer, porém, não mais deprimida, mas cheia de fé e orgulho.

O caminho terapêutico que Frankl a fez ver foi o de que “sua vida foi vivida com sentido e que, até mesmo, o seu sofrimento atual não era em vão” (Frankl, 2011, p. 154). A senhora disse em suas últimas palavras antes de morrer: “Minha vida é um monumento”, relembrando as palavras que Frankl a dirigiu.

É dessa experiência que nasce a arte, ou seja, da contemplação da beleza que nos lembra de quem somos e inspira-nos o que podemos ser. Em uma frase, como afirmava Dostoiévski (1969, p. 113), o mundo só pode ser salvo pela beleza ou, melhor ainda, por um olhar que reencontre beleza e sentido mesmo no caos. Sendo assim, poderíamos dizer que há dois aspectos propostos por Frankl quanto ao processo “terapêutico” através da arte: resistência e a projetividade.

Vejamos agora, como esses dois movimentos podem ser incentivados nas etapas do enfrentamento do luto através da anamnese, catarse e ressignificação.

5.2.1 A arte na fase do enfrentamento do luto

Vimos que no enfrentamento do luto de Viktor Frankl ele vivenciou um caminho pessoal: a *anamnese*, *catarse* e ressignificação e como a arte o ajudou e vivenciá-lo. As principais expressões artísticas na *anamnese* foram, como homem religioso, a literatura salmista de sua experiência judaica. Há dentro de cada pessoa o seu salmo. A palavra “salmo” vem do grego “*psallo*” e quer dizer “fazer vibrar as cordas de um instrumento musical” (Aquilino, 1994, p. 278). Era a expressão da oração de um povo ou de uma pessoa. O salmo de cada pessoa é o momento que ela consegue entoar sua prece, seus valores, suas crenças. Mesmo aquele que não é religioso, possui algumas expressões tipicamente suas, seus mantras pessoais. Acessá-los como um modo de tomar consciência da própria vida e do que ainda vale a pena celebrar é uma

forma artística e espiritual de viver a própria *anamnese* que caracteriza o primeiro movimento do enfrentamento do luto através da arte, a resistência.

Vimos também que Frankl viveu a *catarse* através da fala e da escrita. Dois importantes recursos terapêuticos. Nem sempre serão vividos facilmente. Contudo, há na poesia a capacidade de dizer o indizível. De subjetivar o objetivo, o lógico. É uma forma de acessar o coração e as emoções tantas vezes guardadas naquele que perdeu quem amava. Nesse sentido, o poder da escrita ou da fala poética pode ser de grande valia enquanto vivência artística do enlutado.

Na letra do tango que Frankl escreveu, ele expressa a saudade, o desejo de sonhar com sua esposa falecida. A possibilidade de expressar os sentimentos através da fala poética é um rico instrumento de abertura das “comportas” da alma para o enfrentamento do luto.

No poema que escreve aos seus mortos (2010, p. 117), Frankl trata da culpa, o senso de dever para com os seus. Uma forma de falar-lhe suas mais profundas inquietações. A escrita poética ou, até mesmo, a escrita de cartas aos que já partiram pode “resolver” assuntos pendentes para continuar a seguir em frente com a vida. Seja através da fala ou da escrita, o poder curativo da revelação do próprio interior é outro recurso que a arte nos abre.

Quando Frankl cria uma peça de teatro (2013), ele já está numa fase mais avançada em seu luto. O poder criativo emerge das feridas sanadas pela resignificação. O diálogo teatral é uma conversa da própria consciência que sepulta os próprios mortos.

Incentivar o poder criativo é acessar a saúde interior que persiste em cada ser humano, mesmo nos momentos mais difíceis de sua vida. O que pode ser criado por mim? Incide na mesma pergunta tão presente na Logoterapia: o que a vida espera de mim? O poder criativo de uma obra totalmente original e pessoal remete ao poder criativo na vida como um todo.

Assim, esse processo de *anamnese*, de *catarse* e resignificação se dá na vida de Frankl como um itinerário importante para toda e qualquer pessoa que esteja em processo de luto no desejo de reencontrar o sentido da própria vida. E Frankl o faz utilizando o recurso da arte. Portanto, a arte na vida de Frankl tornou-se um significativo recurso terapêutico para que ele pudesse recomeçar e dar continuidade ao que a vida esperava dele no presente e no futuro.

5.3 Elementos da relação entre arte e luto na Logoterapia a partir da vida e da obra de Viktor Frankl

Como forma de síntese de todo o percurso percorrido até aqui, queremos, de modo bastante sintético, formalizar quais elementos estiveram presentes no processo de enfrentamento do luto na vida de Frankl e que podem ser utilizados como elementos terapêuticos nos tempos atuais.

1. **Expressão do sofrimento:** A arte permite ao enlutado expressar emoções e pensamentos que, muitas vezes, são difíceis de verbalizar. Essa externalização pode ser um caminho para o alívio e a compreensão do sofrimento. É o que se faz presente no que chamamos de *anamnese* e *catarse*.
2. **Busca de sentido:** A Logoterapia enfatiza a necessidade de encontrar sentido em qualquer situação, mesmo nas mais dolorosas, como a perda de um ente querido. A criação artística pode ser uma forma de transformar o luto em algo construtivo, ajudando a pessoa a reinterpretar a experiência de perda como parte de um sentido maior. É o que se faz presente no que chamamos de resignificação.
3. **Transcendência do eu:** Frankl acreditava que o ser humano tem uma capacidade única de transcender a si mesmo. Por meio da arte, é possível conectar-se com valores como beleza, espiritualidade e entrega, ajudando a pessoa em luto a superar a tendência de autocentrar-se.
4. **Legado e memória:** A arte é um recurso para preservar e eternizar a memória de quem partiu. Essa conexão pode trazer conforto e um senso de continuidade, permitindo ao enlutado integrar a perda em sua vida.
5. **Criatividade como resistência ao vazio existencial:** O luto tende a levar ao sentimento de vazio existencial. A criação artística pode preencher esse vazio ao fornecer uma atividade significativa e produtiva, alinhada ao conceito logoterapêutico de realização de valores criativos.

5.4 Uma experiência pessoal de enfrentamento do luto através da arte

Além da experiência de Viktor Frankl, a arte pode ser comprovada como meio terapêutico também em minha própria experiência de vida. Ao final desse estudo, queremos contextualizar a descrição e análise feita no percurso histórico vivido nos últimos três anos, a partir do luto vivido em decorrência da perda de alguns entes queridos em plena pandemia de Covid-19, especialmente, minha mãe.

Era 19 de maio de 2021, uma quarta-feira, vésperas do lançamento de meu primeiro Ep.¹⁸ Tratava-se um trabalho de produção musical com três músicas autorais celebrando os 20 anos de minha vivência religiosa na música. Nessa noite, fazia uma Live de divulgação do que aconteceria no dia seguinte, quando em meio à transmissão, recebi a notícia que meus pais testaram positivo para a Covid-19. Meu pai já contava seus 92 anos e minha mãe 87, isso, com certeza, agravava o quadro de ambos, devido às comorbidades que possuíam.

Naquela noite, a arte que produzi perdeu seu brilho. A urgência de ajudá-los em seu processo de recuperação tornou-se mais importante. Não celebrei o lançamento do trabalho realizado por cerca de dois anos, e decidi ficar com meus pais para auxiliá-los. Foram seis dias de tratamento em casa, contudo chegou a hora que, mesmo com auxílio de tratamento *home care*, minha mãe precisou ser internada e, posteriormente, entubada, passando 26 dias na UTI, vindo a falecer no dia 21 de junho de 2021.

A partir daquele dia, meu canto conheceu um silêncio mais profundo. O silêncio do luto e da dor. Em meio aos desafios daquele ano, além da perda de dois cunhados e do tratamento de uma sobrinha que quase perdeu a vida também na Covid-19, eu cheguei a compreender a intensidade do que era viver o luto. Havia uma sensação generalizada de desamparo. Compreendi que o luto de uma mãe era também o luto de uma importante etapa da vida, da minha vida.

Após meses sem produzir nada, a arte começou novamente a ser um meio expressivo e de autocompreensão de meu próprio processo.

Comecei a escrever. De fato, assim como na vida de Frankl, a escrita pode ser um excelente recurso para expressar o indizível, um modo catártico para descrever e ressignificar as perdas.

¹⁸ EP é a sigla para “Extended Play”, que significa “gravação estendida”. É um formato de lançamento musical que se encontra entre o single e o álbum, sendo mais longo que o primeiro e mais curto que o segundo.

Quadro 8 – Desnecessário

Hoje, faz 15 dias do falecimento de minha mãe. E, ontem, foi um dos poucos dias que eu saí de casa. Tenho essa possibilidade de me resguardar. Sei que muitos não têm. Confesso que não saio muito, principalmente, porque tenho pouca resiliência para lidar com as inconvenientes “saudações” que vou encontrando. Esses dias, eu ouvi uma das que mais me custam para aguentar sem retribuir a indelicadeza.

Sinceramente, eu nunca perdi ninguém tão significativo para mim antes, mas sempre tive a intuição de cuidar das primeiras palavras que deveria dirigir a alguém em luto. Confesso que, na maioria das vezes, se não tivesse muita intimidade com a pessoa, preferia só dizer apenas “Meus sentimentos” ou “Estou rezando por você.” Pois sentia uma mudez incapaz de traduzir em palavras o que aquela pessoa estava passando. Muitas vezes, dava apenas um abraço e um olhar. Hoje, me convenço que é mais ou menos por aí mesmo...

Palavras retóricas de pessoas retóricas: “vai passar”, “vida que segue”, “a vida continua”, “levante a cabeça”, “seja forte”, “descansou”, “foi a vontade de Deus”, “agora está num bom lugar”, “e como foi?”, “tudo bem?” E por aí vai... A criatividade e inconveniência são múltiplas.

Meu Deus... Como falta alma... Falta aquele mínimo de empatia e de bom senso. Fico chocada, sobretudo, como o povo de igreja que parecem ter esquecido sua humanidade, seu senso de naturalmente vital. Esquecem que o divino para salvar o humano quis “vestir sua pele”, aliás, para que essa metáfora não seja mal compreendida, retifico: quis tornar-se humano, assumindo todas as realidades, inclusive a dor de chorar a morte.

Por favor, quem está em luto não precisa de pena. Não precisa de força ou explicações. É inexplicável... E a força não virá de fora, mas será resultado do processo vivido e assimilado no tempo. No momento, por mais fortes que possamos parecer, por dentro, tem só fraqueza... Não peçam mais de quem já está em fiapos. A única coisa possível é colocar-se ao lado. Não é possível entender, mas compreender. Basta um pouco mais de olhar e menos fala. Mais sintonia e menos teorias...

O tempo, a graça de Deus, o amor gratuito dos amigos de alma são de uma valia inestimável neste processo. Mesmo assim, em alguns momentos precisaremos estar sozinhos para nos devolver mais inteiros aos que ficaram e que amamos. Se falarmos muito dos que foram quando conseguimos, e o fazemos com quem confiamos, tenham paciência. A vida de quem partiu está sendo reelaborada dentro de nós e nós reelaborados para podermos viver sem a presença física de quem partiu. Mas, o que menos precisamos é de quem não entende nada disso e tenta aconselhar o que nunca viveu nem desenvolveu a sensibilidade de observar quem está vivendo.

“Num silêncio feito de paz, eu percebi a grandeza da fé, os tesouros ocultos da esperança e a imensidade do amor.” (Livaldina Pereira de Sousa)

Perdoai-me Senhor, pois não te perdoei...

Fonte: Acervo pessoal. 06 de julho de 2021.

Esse foi o primeiro texto escrito. Ele bem expressa a fase da *anamnese*, em que só sabemos lembrar-nos dos que partiram, “se falarmos muito dos que foram quando conseguimos, e o fazemos com quem confiamos, tenham paciência. [...] A vida de quem partiu está sendo reelaborada dentro de nós e nós reelaborados para podermos viver sem a presença física de quem partiu.”

Outra escrita, pouco tempo depois, expressa o mesmo significado de incompreensão e busca de sentido.

Quadro 9 – O dia temido

Quando o padre Fábio de Melo anunciou o falecimento de sua mãe, ele usou uma expressão “o dia temido chegou”. Ao ler, senti o impacto e identifiquei o mesmo sentimento que teria por minha mãe. Seu falecimento seria para mim “um dia temido”, um dia para o qual não sabia se estaria preparada.

Não previa eu que, pouco tempo depois, teria o sentimento temido dentro de mim. Chegou... Por um meio tão sofrido como tem sido essa pandemia. Um motivo a mais de sofrimento e que me une a todos que perderam entes queridos.

Tudo isso parece tão sem sentido... Só minha fé me faz olhar por outro ângulo. Só... Só a fé me faz ver que a vida de minha mãe é muito maior que um vírus. Que a sua vida sempre esteve nas mãos de Deus. Que Ele venceu dando a Ela a coroa dos bons.

No entanto, nem minha fé e a busca violenta para encontrar sentido em tudo isso, me tiram a dor imensa que tenho no meu peito agora. A sensação de que a vida perde um pouco seu brilho... E que não sou a mesma sem ela...

Eu sei que vão dizer que vai passando aos poucos. Que vou reinventar a vida. Mas, ainda não quero pensar nisso. Quero só dizer que é difícil demais seguir sem você, mãe... Que me dou conta que tudo que fiz e vive foi pouco em comparação a tudo que a Senhora é e que ainda queria ter vivido. Uma vida é pouco para tanto...

É por isso que acredito na eternidade, mesmo que agora ainda não possa mensurar nada. Agora mesmo, só queria continuar te olhando e te dando tudo que a senhora merecia. Agora, só quero me permitir dizer que não é fácil...

Fonte: Acervo pessoal.

Acredito que o que mais doía, naquele momento, era desconstruir a sensação de injustiça. Minha mãe não merecia morrer daquele modo. Um vírus... A distância dos seus, a espera, a impossibilidade de visitas, a incerteza do tratamento. Eu carregava certa culpa, porque precisei interná-la, mesmo contra sua vontade. Esses resquícios de pensamentos, sentimentos e intensões são difíceis de compreender, de ressignificar. Como dizia Frankl: “Vocês me pesam tanto, meus mortos” (2010, p. 117).

Esse peso instalou-se como uma apatia por tudo. Sentia-me vazia e sem forças. Era o que foi expresso no texto escrito poucos dias depois de finados naquele ano.

Quadro 10 – As rosas também secam

No dia de finados, eu coloquei uma rosa do nosso jardim junto à foto de minha mãe. Passaram-se alguns dias, ela linda e viçosa. Depois, viajei e para minha surpresa quando voltei encontrei a rosa com as pétalas secas, mas lá... “de pé...” Encontrei uma beleza naquela rosa seca e deixei-a no mesmo lugar. Já se passam mais de 10 dias. Tenho olhado para ela e meditado.

Rosa é sempre bela, mas também seca. Hoje, me vejo assim e tenho que me permitir sentir assim. Nem sempre é fácil aceitar ou suportar alguém que secou. Neste ano, vivi a experiência de sentir-me sem forças, depois das perdas que a Covid deixou, especialmente de alguém tão cara para mim como minha mãe. Nem tudo que me propus a fazer eu consegui. Cancelei eventos, desfiz planos, mudei rotas, deixei um pouco as mídias sociais...

Precisei estar no silêncio e só... Aprendendo a viver o constante abandono que a vida de fé nos traz. Aquele silêncio da noite, em que nada é claro, em que perdemos tudo, sobretudo as ilusões sobre nós mesmos e sobre a vida. Poucos ficam com os que secam. As belas flores atraem o olhar, mas logo desfazemos das que não exalam mais perfumes. Esquecemos que são as mesmas, em aparências diferentes, em tempos diferentes. Nem todos ficam conosco em todos os estágios da vida. Só os que amam nossa essência, não nosso tempo, muito menos nossa aparência. Aqueles que descobrem que rosas secam depois de darem muito de seus perfumes.

Aos poucos vou aprendendo sobre dor, limite, enfermidade, sobre compaixão, empatia e amizade, sobre o amor... Vou descobrindo a beleza da secura, daquele que “secou” porque entregou tudo, talvez do jeito errado, talvez tentando acertar. A rosa está me dando mais uma lição com a sua natureza, para que eu aprenda a viver a minha com simplicidade e aceitação.

Fonte: Acervo pessoal.

O luto gera apatia. É preciso permitir vivê-la, deixando o que é necessário deixar. O luto nunca é só de alguém que partiu, é também de nós mesmos.

Seis meses depois, uma nova escrita. Nessa, já se mostra outra perspectiva, a compreensão de que algo precisava morrer e algo novo precisava nascer.

Quadro 11 – O nascer que vem do luto

“A mãe é mais que uma pessoa, ela é um significado.” (Pe. Fábio de Melo)

O ventre materno é símbolo do refúgio, do lugar seguro, onde podemos nos proteger do mundo desconhecido e adverso. Perder a mãe é perder esse ventre simbólico, emocional, espiritual, até mesmo material para alguns. Porque todos nós precisamos nos sentir filhos de alguém. Alguém para quem somos “eternos pequenos, eternos meninos”.

No entanto, chega o dia que parece começar o novo ciclo. Parece que a morte da mãe significa, de fato, um novo corte umbilical. O ventre que protege, em algum momento, também quer-nos “expulsar” para a vida. No primeiro nascimento, a vida materna nos entrega para o mundo. Mas, num segundo momento, a morte da mãe nos entrega para uma vida nova. Sempre é ela... Sempre...

Há uma estranha sensação naquele que perde a figura materna, às vezes, pela morte e, infelizmente, em alguns casos, quando ainda está viva, a estranheza de não ter para onde voltar, não ter um porto. O ventre é nosso porto. Podemos partir seguros, quando sabemos para onde podemos voltar. Só parte tranquilo quem tem um porto. A ausência materna gera em nós certa desorientação. Não sabemos mais para onde voltar. A vida começa a ter um único sentido: seguir em frente.

O corte umbilical da alma nos convoca a assumir o que está à frente, porque o que está atrás só resta dentro de nós, seja amor, seja dor. É o nascimento para certa solidão. O adulto é aquele que aprende a viver essa solidão, dando a vida que da mãe recebeu e que agora o conclama a doar-se também. Será sempre sozinho quem não aprendeu a espalhar vida por onde passa. Terá sempre uma fecunda solidão que ousou dar de si mesmo ao mundo perto de si.

No final das contas, a mãe sempre gera vida. Sua identidade e missão mais profunda, mesmo quando morre. E nunca morre porque, a cada novo nascimento vital, ela está lá, nos gerando no ventre espiritual onde aprendemos a viver. Linda vocação que nem a morte pode cancelar.

Fonte: Acervo pessoal.

Essa reflexão escrita em 21 de dezembro de 2021, seis meses após a morte de minha mãe, mostrava-me o que, na verdade, o luto queria revelar: a necessidade de um

novo ciclo na vida. A passagem da segurança materna para a entrega da vida. Era a superação pela via da autotranscendência. Como afirmava Frankl, “somente a firmeza e a atitude permitem que o homem dê testemunho de algo daquilo que só ele é capaz: transformar e remodelar o sofrimento no nível humano para torná-lo uma realização” (2015, p. 27).

O processo de *anamnese*, de *catarse* e ressignificação se concretizavam em mim. Eles me levavam a um novo autoconhecimento e superação.

Quadro 12 – Travessia

O luto é feito de processos. Ele é um sentimento, fruto de uma experiência que nos sucede. E esse sentimento vai se ajustando dentro de nós à medida que a experiência vivida vai sendo decifrada. Integrar o luto é decifrar a experiência, e isso leva tempo.

Quando recebemos a notícia de uma enfermidade, de um falecimento, de uma separação ou perda, o mundo desaba. A vida que havíamos projetado de um modo ordeiro, previsto se desmonta num piscar de olhos. E isso nos fere. A sensação de desorientação, de ausência, de orfandade se instala com um peso insuportável. A vida parece nos trair. Sentimo-nos defraudados. Algo nos foi tirado com aqueles ou com aquilo que perdemos: nossos ideais, nossas projeções. A dor é proporcional ao apego que tínhamos ao que pensávamos ser nosso ou nosso direito de ter. Sofremos pelo outro, mas sofremos por nós mesmos também. Há amor, mas há também egoísmo. Há amor e também desejo imenso de manter o planejado.

E tudo bem... É isso mesmo. Impossível não sonhar. Impossível não desejar, impossível não fazer planos. Impossível não querer nosso bem em todo bem que possuímos. Mas é preciso encarar que sofremos muito pelo que partiu, mas sofremos também porque ficamos sem algo ou alguém que pensávamos ser nosso para sempre. Mais uma vez: tudo bem!

Até que a separação nos individualiza. Faz-nos ver que somos um ser diferente do ser que se foi. E sobrevivemos. Instala-se certa apatia, solidão. Ficamos nós por aqui. E o que fazer com o ser que ficou? O que fazer com a gente mesmo? Se passei a vida sem mim, não sei o que fazer. Se olhar pra mim mesma dói tanto, o que fazer?

Nós nos acostumamos a ser dois. Acostumamo-nos a não ser sozinhos. E a solidão grita. Grita que não somos suficientes. É difícil demais viver só comigo. Mas, é preciso decifrar essa solidão. Buscar quem partiu em outro alguém não nos dá o que precisamos redescobrir. Permanecer sozinhos. Sem fazer as pazes com nosso eu, não chegaremos à paz. O luto me pede que eu reaprenda a viver comigo mesmo para reaprender a viver com quem permanece e com quem, mesmo ausente, estará sempre em nós.

Só as pazes com o meu eu que ficou pode me levar à outra margem. Da apatia e solidão, vai surgindo outro eu. O medo desse novo eu também nos acompanha. O medo de trair quem partiu, de esquecer sua memória com a nova versão de nós mesmos, também se instala. E se eu me perder de quem fui? E se eu esquecer-me de quem fui? Se for tudo ilusão outra vez? Não vou suportar outra perda. Não vou suportar... De novo não...

Contudo, o medo é só o sintoma de algo que já aconteceu. Não tem medo quem permanece o mesmo. O medo só existe em quem já mudou. O medo só sinaliza que o novo já chegou. E que nós não cabemos mais no mesmo eu. O medo é só a ponte que devemos atravessar. Já estamos no início dela. As pazes com o eu já me levou ao início da ponte. Já vejo a outra margem. E voltar atrás é mais trabalhoso que continuar a travessia. O medo é momento da decisão entre voltar, ficar ou partir. O medo me ajuda a ponderar tudo e perceber quem eu já me tornei.

Porque a vida não é feita de planos, mas de descobertas de quem estamos nos tornando cada dia. É

um fato é certo: não podemos mais cancelar quem nos tornamos. Carregamos esses tantos dentro de nós. Mas, precisamos partir.

Para onde? O tempo dirá. O luto vivido bem vivido me mostra um onde inesperado ou tão esperado que já não posso esperar.

Fonte: Acervo pessoal.

O texto, ora em primeira ora em terceira pessoa, descreve esse diálogo interior, a tentativa de descrição e colóquio consigo mesmo.

No aniversário de um ano de falecimento de minha mãe, escrevia um poema para ela. A tempestade da dor e da incompreensão cedia, suavemente, lugar ao reconhecimento do amor, do lugar e da missão de quem passou por mim e me convidava a seguir.

Quadro 13 – O tempo não separa

Num sorriso sereno
Num olhar tão sincero
Descobri o segredo do amor

Nessas mãos que escondem
O silêncio do tempo
Encontrei o segredo da vida

No teu colo se esconde o amor que não mede
Que oferece até o próprio ser
Você, minha casa, meu abrigo, meu lar
Em ti reconheço o ser que devo tornar-me

Me devolve ao cerne
Onde perdido pareço esquecer
Que maior é quem serve
Que há força em esperar
O que tempo não separa
Quem escolhe amar

Fonte: Acervo pessoal. 21 de junho de 2022.

Mais uma vez, o enfrentamento do luto se dava, no seu passo, ouvindo a vida me chamar a encontrar o “segredo da vida” e entender o ser que deveria tornar-me em todo esse processo, “maior é quem serve”.

Foi assim, que esse processo conduziu-me a uma nova fase da vida. No primeiro semestre de 2022, iniciei meu processo para o mestrado em Ciências da Religiões como aluna ouvinte com o professor Thiago Aquino. Como conclusão do semestre, o mesmo pediu que elaborássemos uma expressão artística para expressar o que o contato com a história de Viktor Frankl havia suscitado em nós. Foi quando compus duas canções a partir de dois trechos da vida de Frankl.

O que se faz necessário aqui é uma viravolta em toda a colocação da pergunta pelo sentido da vida. Precisamos aprender e também ensinar às pessoas em desespero que a rigor nunca e jamais importa o que nós ainda temos a esperar da vida, mas sim exclusivamente o que a vida espera de nós. [...] Em última análise, viver não significa outra coisa que arcar com a responsabilidade de responder adequadamente às perguntas da vida, pelo cumprimento das tarefas colocadas pela vida a cada indivíduo, pelo cumprimento da exigência do momento. [...] Mas sempre é assim que toda e qualquer situação se caracteriza, por esse caráter único e exclusivo que somente permite uma única “resposta” correta à pergunta contida na situação concreta. [...] O que nos importava era o objetivo da vida naquela totalidade que incluiu a morte e assim não somente atribui sentido à “vida”, mas também ao sofrimento e à morte. Este era o sentido pelo qual estávamos lutando! (Frankl, 2022, p. 101).

Quadro 14 – Eterno por vir

Sou escolha, sou presente
Sou eterno por vir (2x)

É assim vou vivendo, escolhendo quem sou
Ouvindo o que a vida espera de mim
Quem sabe assim algo tenha sentido
E o mistério da vida desvele enfim

E assim vou sentindo
O que vale viver
O amor que transpassa a vida
Quem sabe assim a beleza exista
E eu devolva o presente que a vida fez de mim

Fonte: Acervo pessoal. 01 de abril de 2022.

O segundo trecho dizia:

Enquanto avançamos aos tropeços, quilômetros a fio, vadeando pela neve ou resvalando no gelo, constantemente nos apoiamos um no outro, erguendo-nos e arrastando-nos mutuamente. [...] Vez por outra olho para o céu aonde vão empalidecendo as estrelas, ou para aquela região no horizonte em que assoma a alvorada por detrás de um lúgubre grupo de nuvens. Mas agora meu espírito está tomado daquela figura à qual ele se agarra com uma fantasia incrivelmente viva, que eu jamais conhecera antes na vida normal. Converso com minha esposa. Ouço-a responder, vejo-a sorrindo, vejo seu olhar como que a exigir e a animar ao mesmo tempo e - tanto faz se é real ou não a sua presença - seu olhar agora brilha com mais intensidade que o sol que está nascendo. Um pensamento me sacode. É a primeira vez na vida que experimento a verdade daquilo que tantos pensadores ressaltaram como a quintessência da sabedoria, por tantos poetas cantada: a verdade de que o amor é, de certa forma, o bem último e supremo que pode ser alcançado pela existência humana. Compreendo agora as coisas últimas e extremas que podem ser expressas em pensamento, poesia - em fé humana: a redenção pelo amor e no amor! [...] Eu não sabia, nem poderia ou precisaria saber, se a pessoa amada estava viva. [...] Naquele momento me apercebo da verdade: “põe-me como selo sobre o teu coração... porque o amor é forte como a morte” (Frankl, 2022, p. 54).

Quadro 15 – O amor mora em mim

Quando nada mais restar
E o caminho longo se fizer
Vou lembrar de quem amei
Vou pensar no que amei

Vez por outra, olho pro céu
Na dor entendo o que tem sentido
O amor, último bem, supremo bem, redenção da vida

O amor está aqui, vive sim,
Mora em mim. Mais forte que a morte é o amor!

Fonte: Acervo pessoal. 01 de abril de 2022.

Em 03 de dezembro de 2022, meu pai também fez sua passagem. Foi outro processo dentro de mim. Acredito que um luto bem vivido nos prepara para outros. No aniversário de casamento dos meus pais, escrevi esse texto aos dois. Ele já revelava um caminho de ressignificação, a descoberta de um novo jeito de amar.

Quadro 16 – O melhor de mim

Nos dias mais nublados é de vocês que eu me lembro. Bastava uma passagem rápida perto de vocês. A senhora, mãe, nunca precisava me perguntar nada... Você sabia... Oferecia-me um cafezinho e a presença. Sempre! O senhor, meu pai, já não conseguia falar há tanto tempo, mas sempre balbuciava um “Deus te abençoe”. Seu olhar terno me penetrava onde só os que amam conseguem chegar.

Nos dias felizes, é de vocês que eu lembro também. Eram os principais a quem eu queria dizer as novidades. Ah mãe... Seu sorriso que simplesmente me dizia: “Estou feliz por você”, me trazia a certeza que nessa terra alguém simplesmente torcia por mim sem invejas, competições, julgamentos.

Vocês fazem uma falta que a vida o inteira não será capaz de preencher. A falta do amor puro, desinteressado, gratuito. Amor de pai e mãe que só existe neles. E que Deus me deu a graça de conhecer.

Hoje, sua casa está vazia. Hoje, o céu é sua morada eterna. Isso me diz da transitoriedade dos bens desse mundo. Casa só é lar onde existem pessoas que amam. Nossa casa era assim. Hoje são apenas paredes carregadas de memórias. Mas faltam os protagonistas. Nenhum lugar tem sentido sem amor... Sem pessoas que amam.

Sigo lutando por meus dias aqui sem vocês e com vocês de outro modo. Hoje, meu único modo de visitá-los é descendo à casa do coração, ao depósito das lembranças, ao sacrário da oração. E de lá eu peço... Ajudem-me a fazer da vida um tempo oportuno de santificação e de missão. Ajudem-me a confiar no Deus que dá sentido às perdas, que me cerca de carinho e proteção. E que eu nunca esqueça as lições que vocês me deram. Mas isso é quase impossível porque lembrar de vocês é lembrar do melhor que aprendi nessa vida.

Fonte: Acervo pessoal. 28 de junho de 2023.

Outra canção nasceu já numa compreensão mais amadurecida de todo esse processo. Era necessário dar uma resposta responsável à vida diante de tudo que me propôs. A canção descrevia outro trecho do pensamento de Frankl.

Uma vez que cada situação na vida representa um desafio para a pessoa e lhe apresenta um problema para resolver, pode-se, a rigor, inventar a questão pelo sentido da vida. Em última análise, a pessoa não deveria perguntar qual o sentido da sua vida, mas antes deve reconhecer que é ela que está sendo indagada. Em suma, cada pessoa é questionada pela vida; e ela somente pode responder à vida respondendo por sua própria vida; à vida ela somente pode responder sendo responsável. Assim sendo, a Logoterapia vê na responsabilidade (*responsibleness*) a essência propriamente dita da existência humana (Frankl, 2022, p. 133).

Quadro 17 – Que escolhes

Quando a dor nos visita o dia parece não renascer
Quando a alma descobre que nem tudo que plantou floriu
Mesmo lá, mesmo na dor a vida continua a nos perguntar
Que escolhes? (4x)

Sim posso me entregar
Deixar a dor me esmagar ou lutar e encontrar na dor meu lugar.

Fonte: Acervo pessoal. 15 de abril de 2023.

A resignificação do luto levou-me, através da arte, a ensinar e trabalhar com crianças num processo de aprendizagem e expressão artística. Nesse tempo, tenho verificado como é possível transformar algo fora de nós, a partir do que muda dentro de nós. O luto é a elaboração de um passado e a gestação de um novo futuro. A arte emana nesse ínterim como expressão da beleza do que é vivido e na verdade em vista do bem. Ela percorre conosco o caminho de nossa vida. É feliz quem faz arte com seus destroços e renasce para um novo começo. A arte é mestra de recomeços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegarmos às considerações finais dessa dissertação, queremos, primeiramente, retomar, sinteticamente, o percurso feito e nossas notas conclusivas.

Nosso objetivo durante todo o processo foi analisar a arte na vida e na obra de Viktor Frankl, como possibilidade terapêutica para pessoas que vivem o luto. Pretendia-se, assim, perceber como Frankl vivenciou o luto, demonstrar sua experiência artística e como a arte foi importante em seu processo de integração e ressignificação das perdas que viveu, a fim de desenvolver um itinerário experiencial no enfrentamento do luto que se manifesta em diversas formas na atualidade.

Ao longo do estudo, analisamos as principais obras franklianas que foram a base teórica e que estavam em direta relação com o *corpus* dessa pesquisa. Percorremos desde as principais biografias, abordando as três principais, além das obras que discorrem sobre o seu pensamento como fundador da Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, até a que descreve seu roteiro teatral. Todas foram de suma importância para a percepção mais clara do homem Frankl e seu processo pessoal, antes, durante e após a saída dos campos.

Essa percepção da vida de Frankl foi moldando para nós, mesmo indiretamente, um itinerário, percorrido primeiramente pelo próprio Frankl, e que se torna para nós uma referência na vivência e enfrentamento do luto. Esse itinerário, em primeiro lugar, descreveu fases do luto a partir da vivência de Frankl descritas como: a etapa do choque, a apatia e a superação. Nessas fases, houve vivências importantes de Frankl e que foram denominadas: anamnese, catarse e ressignificação. A arte esteve presente em todas essas etapas e em cada vivência significativa, especialmente, a literatura e a composição (música e teatro). Ela mostrou-se um rico meio de anamnese, catarse e ressignificação.

Percebemos, ao longo da pesquisa, que, para Frankl, o tempo pós-libertação dos campos, mostrou-se muito mais desafiador do que até mesmo seu tempo no campo. Ele vivenciou profundamente o luto, sentiu a dor da solidão e do desalento. Foi necessária muita força interior para prosseguir. O luto mostrou-se a prova final de que a vida tem sentido, apesar de tudo. A comprovação de que responder à vida, na realidade tal qual se apresenta a nós, é o melhor meio para encontrar novos sentidos para a existência.

A tese fundamental da Logoterapia que o homem encontra sentido, seja por

meio do amor e da vivência do belo (valor vivencial), seja criando algo (valor criativo) ou se posicionando interiormente perante um destino inevitável (valor atitudinal), foi vivenciado por Frankl em seu período de enfrentamento do luto. Em primeiro lugar, ele enfrentou o sofrimento inevitável da perda e, a partir de seu processo de ressignificação, posicionou-se diante da dor assumindo uma postura criativa, seja na produção literária muito importante para ele e para a compreensão de sua teoria, seja também em seu trabalho como médico-psiquiatra, até redescobrir os valores vivenciais do amor, de seus hobbies e da convivência com seus amigos e, principalmente, com sua irmã, a única sobrevivente. Foi nesse momento que Frankl superou e conseguiu vivenciar o que a vida ainda lhe reservava.

Portanto, diante da pergunta fundamental desta pesquisa: a arte, segundo a vida e a obra de Viktor Frankl, contribui para o enfrentamento do luto? A partir dos resultados verificados na vida de Frankl, podemos afirmar, assim, que a arte é um meio de extrema importância para pessoas em situação de luto, especialmente, a arte que tenha como referencial teórico a vida e a obra de Frankl.

Esses foram os principais resultados de toda a nossa análise. Buscamos com esse estudo contribuir com as pesquisas na linha da espiritualidade e saúde a partir da visão antropológica da Logoterapia que compreende a dimensão espiritual da pessoa humana, tão importante também para os estudos das Ciências das Religiões.

REFERÊNCIAS

AUDI, Robert . **Dicionário de Filosofia de Cambridge**. São Paulo: Paulus, 2006.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no Ocidente**. Tradução de: Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ALBUQUERQUE, J.; SILVA-FILHO, E. Impactos emocionais na pandemia do Coronavírus (COVID-19) e possibilidades de intervenção psicológica. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 21, n. 228, p. 201-207, 1 maio 2021.

ALLEN, Douglas. **Myth and Religion in Mircea Eliade**. New York: Routledge, 2002.

AQUILINO, Pedro. **Dicionário de Termos e afins**. 6ª edição. Aparecida: Editora Santuário, 1994.

AQUINO, Sandra Kalina Martins Cabral. **Os sentidos da performance e da docência à luz da Logoterapia**: um estudo com professores de instrumento em duas universidades do Nordeste. 2017. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017a.

AQUINO, T. A. A. DE. ESPIRITUALIDADE E ARTE. **INTERAÇÕES**, v. 16, n. 1, p. 33-52, 30 mar. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5752/P.1983-2478.2021v16n1p33-52>

AQUINO, Thiago A. Avellar de; TOBALDO, Patricia. **La voluntad de sentido en poemas, reflexiones e imágenes**. Buenos Aires: Editorial Autores de Argentina, 2017b.

BENENZON, Rolando. **Teoria da Musicoterapia**: contribuição ao conhecimento do contexto não- verbal. Tradução de: Ana Sheila M. de Uricoechea. São Paulo: Summus, 1988.

BBC Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-61332581>. Acesso em: 22/09/2022.

BOSI E. **O campo de Terezin**. Estud av [Internet]. 1999Sep;13(37):7–32. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141999000300002>. Acesso em 27 de setembro de 2024.

Catecismo da Igreja Católica. Editora Loyola: São Paulo, 2000.

USARSKI, F.; TEIXEIRA, A.; PASSOS, J. D. (orgs.) **Dicionário de Ciência da Religiões**. São Paulo: Paulus/Paulinas/Loyola, 2022.

DITTRICH, Maria Glória. **Arte e criatividade. Espiritualidade e Cura**: a teoria do Corpo-Criante. Blumenau: Nova Letra, 2010.

DOSTOIEVSKI, Fiodor. **O idiota**. Tradução de Maria Franco. Estúdios Cor, Lisboa, 1969. Vol. II.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o Profano**. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ESPIRITUALIDADE E ARTE: **o homem em busca de sentido** INTERAÇÕES, Belo Horizonte, Brasil, v. 16, n. 01, p. 33-52, jan./jun. 2021 - ISSN 1983-2478 51

FRANKL, Viktor. **Psicoterapia e sentido da vida**. Tradução de Alípio Maia de Castro. 6ª ed. São Paulo: Quadrantes, 1989.

FRANKL, Viktor Emil. **A psicoterapia na prática**. Tradução de Cláudia M. Caon. Campinas: Editora Papirus, 1991.

FRANKL, Viktor Emil. **Um sentido para a vida: Psicoterapia e humanismo**. Tradução de Victor Hugo Silveira Lapenta. Aparecida: Editora Ideias e Letras, 1997.

FRANKL, Viktor. **Lettere di un sopravvissuto**: Ciò che mi há salvato dal Lager. Traduzione dal tedesco di Raffaele Pentangelo. Soveria Mannelli: Rubbettino Editore, 2008.

FRANKL, Viktor. **O que não está escrito nos meus livros**: Memórias. Tradução de Cláudia Abeling. São Paulo: É Realizações Editora, 2010.

FRANKL, Viktor Emil. **A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da Logoterapia**. Tradução de Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011.

FRANKL, Viktor Emil. **Logoterapia e Análise Existencial**: Textos de seis décadas. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2012.

FRANKL, Viktor. **Sincronización em Birkenwald**: Uma conferencia metafísica. Tradução de Ana Schulz. Barcelona: Editora Herder, 2013.

FRANKL, V. E. & LAPIDE, P. **A Busca de Deus e Questionamentos Sobre o Sentido**: um diálogo. 2ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

FRANKL, Viktor Emil. **O sofrimento de uma vida sem sentido**: caminhos para encontrar as razões de viver. Tradução de Karleno Bocarro. São Paulo: É Realizações, 2015.

FRANKL, Viktor Emil. **Psicoterapia e sentido da vida**. Tradução de Alípio Maia de Castro. 6ª ed. São Paulo: Quadrante, 2016.

FRANKL, Viktor Emil. **A presença ignorada de Deus**. Tradução de Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 18ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

FRANKL, Viktor Emil. **O sofrimento humano**: Fundamentos antropológicos da psicoterapia. Tradução de Renato Bittencourt e Karleno Bocarro. São Paulo: É Realizações Editora, 2019.

FRANKL, Viktor Emil. **Em busca de Sentido**: Um Psicólogo no Campo de

Concentração. Tradução de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 55ª ed. São Paulo: Editora Sinodal e Editora Vozes, 2022.

GILSON, Etienne. **A Filosofia na Idade Média**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

Kovács, M. J.. (2005). Educação para a morte. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 25(3), 484–497. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932005000300012>

KOVÁCS, Maria Júlia (Coord.). **Morte e Desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora, 1992.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a Morte e o Morrer**. Tradução de Paulo Menezes. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

LACOSTE, Jean. **A filosofia da arte**. Tradução de Álvaro Cabral. 2ª ed. **Rio de Janeiro**: Editora Zahar; 1986.

LUKAS, Elisabeth. **Logoterapia: a força desafiadora do espírito**. São Paulo: Loyola, 1989.

MALHORTA, n. **Pesquisa de marketing**. 3ª ed. Porto Alegre: Bookman. 2001

MARINO, Heloísa. In: FRANKL, Viktor Emil. **O sofrimento humano**: Fundamentos antropológicos da psicoterapia. Tradução de Renato Bittencourt e Karleno Bocarro. São Paulo: É Realizações Editora, 2019.

Mendonça, A. G. (2010). Ciências da Religiões: de que mesmo estamos falando?. *Revista Ciências Da Religiões - História E Sociedade*, 2(2). Recuperado de <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cr/article/view/2314>

MOUNIER, Emmanuel. **O Personalismo**. Tradução de João Benard da Costa. São Paulo: Centauro Editora, 2004.

TONIOL, Rodrigo. **Espiritualidad Encarnada**. Santiago: Sello editorial, 2023.

PEREIRA, Ivo Studart. **A ontologia dimensional de Viktor Frankl**: O humano entre corpo, psiquismo e espírito. *Revista Logos e Existência. Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial*. v. 4 n. 1 (2015). <https://periodicos.ufpb.br/index.php/le/article/view/21725>. Acesso em 18/10/2024.

RODRIGUES, L. A.; BARROS, L. A. de. Sobre o Fundador da Logoterapia: Viktor Emil Frankl e sua contribuição à Psicologia. **Revista Estudos - Vida e Saúde (Revista de Ciências Ambientais e Saúde)**, Goiânia, Brasil, v. 36, n. 1, p. 11–31, 2010. DOI: 10.18224/est.v36i1.1016. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/view/1016>. Acesso em: 26 nov. 2023.

SALIBA, Octávio. **O Impacto Emocional da COVID-19**. 2020. Disponível em:

<https://amagis.com.br/posts/artigo-o-impacto-emocional-da-covid>. Acesso em: 22/09/2022

XAUSA, Izar Aparecida. **A psicologia do sentido da vida**. Campinas: Vide Editorial, 2013.

ZILBERMAN, Adriana. **A Tanatologia em perspectiva**. In: Revista Família em Foco-Teoria e Clínica. Ano 1- nº1 Mar 2008.